

Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Psicologia Social e da Personalidade

A Medida de Atividade Externa dos Adolescentes Infratores Internos da  
Fundação de Atendimento Sócio-Educativo e as Características da Rede Social e  
do Funcionamento Familiar

Bianca M. Branco

Mestranda

Instituição de Fomento à Pesquisa: Capes

Dra Adriana Wagner

Orientadora

Profa Psicologia Social e da Personalidade, PhD

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

OUTUBRO/2006

*Agradeço aos internos da FASE, pela experiência; à minha professora Adriana Wagner, pela orientação; ao meu marido Paulo Henrique, pela doação; à colega Karina Demarchi, pela ajuda à distância; aos meus pais Jane e Pércio, pelo incentivo; e ao meu irmão Daniel e à minha cunhada Cristiane, pelo exemplo de vida acadêmica.*

## Sumário

1. Introdução aos Artigos .....	4
2. Projeto de Pesquisa .....	5
3. Artigo Teórico .....	44
4. Primeiro Artigo Empírico .....	64
5. Segundo Artigo Empírico .....	98
6. Considerações Finais .....	130

## Introdução

A observação, durante a prática clínica, das dificuldades dos internos no cumprimento da medida de ICPAE motivou a pesquisa do impacto desta medida no adolescente. A idéia inicial era de se fazer uma pesquisa sobre a família desses internos, já que, de modo geral, esses jovens se desorganizavam quando do retorno para casa. Também eram evidentes os problemas familiares, como a ausência de respeito ou a precária comunicação entre seus membros. No entanto, a partir da revisão teórica, concluiu-se que a rede social, incluso aí os pares desses sujeitos, tinha um papel mais importante no ato infracional, nesta fase da adolescência, do que a própria família.

A partir de então, decidiu-se por estudar, além do funcionamento familiar, a rede social dos menores. De forma que não se perdessem dados importantes obtidos durante o desenvolvimento do mapa da rede social, decidiu-se pelo estudo qualitativo. A metodologia de estudo de caso favoreceu a compreensão do fenômeno a partir das articulações entre a GARF, o Mapa da Rede Social e a avaliação da medida de ICPAE de forma que esses instrumentos se constituíssem em óticas diferentes e complementares do mesmo objeto. A proposta da reconstrução do Mapa da Rede Social, bem como da reavaliação do desempenho, ao final da medida de ICPAE, foi essencial para que se pudesse evidenciar a grande mudança que se dá neste processo.

Portanto, esta dissertação é composta pelo projeto de pesquisa e por três artigos. O primeiro é uma revisão teórica sobre as variáveis que estão implicadas no fenômeno da delinqüência. O segundo é um artigo empírico onde se avalia o contexto desses adolescentes, bem como o seu desempenho no começo da medida de ICPAE. Já o terceiro é um artigo empírico onde se compara a rede social no início e ao final desta medida, bem como o desempenho na medida em ambos os momentos.

A Medida de Atividade Externa dos Adolescentes Infratores Internos da  
Fundação de Atendimento Sócio-Educativo e as Características da Rede Social e  
do Funcionamento Familiar

Bianca M. Branco

Aluna do Mestrado

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Psicologia Social e da Personalidade

Instituição de Fomento à Pesquisa: Capes

Dra Adriana Wagner

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PhD

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Psicologia Social e da Personalidade

## Resumo

No Rio Grande do Sul, os adolescentes infratores são julgados por um juiz da Infância e da Adolescência e podem ser condenados à medida sócio-educativa, a ser cumprida na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase).

O objetivo geral desse estudo é avaliar a rede social e o funcionamento familiar do adolescente que cumpre a medida de internação (ICPAE- Interno com Possibilidade de Atividade Externa). Os objetivos específicos são caracterizar as famílias desses internos aqui entrevistados, quanto aos aspectos sócio-bio-demográficos; apontar a percepção do funcionamento familiar por esses adolescentes ICPAE; identificar as características da rede social; avaliar o sucesso ou o fracasso da medida de ICPAE, compreendendo essa medida à luz da rede social do interno.

Serão estudados os adolescentes infratores que tiveram progressão para ICPAE, a partir do critério da justiça, e que passam a cumpri-la, a partir de 01/03/2006 na Fase-RS, mais especificamente no CASE POA I. O delineamento deste estudo é longitudinal, já que a confecção do mapa da rede social e a avaliação do cumprimento da medida de ICPAE serão realizadas no começo do cumprimento da medida de ICPAE e, seis meses após, quando do final da medida. Através de um questionário, serão levantados dados sócio-demográficos de identificação e caracterização do núcleo familiar desses jovens, buscando informações como a composição familiar, educação, emprego, renda, moradia, escolaridade, lazer, saúde, atos infracionais dos membros da família, uso de drogas na família, faixa de idade dos membros das famílias. O funcionamento familiar será avaliado a partir da Escala GARF (Avaliação Global do Funcionamento Interacional). Também os internos desenharão a sua rede social, o que será avaliado de forma qualitativa. A avaliação da medida de ICPAE será feita pelo próprio interno, mas também pela equipe técnica (composta por psicólogos, educadores e assistentes sociais) e pelos monitores que os atendem naquela instituição.

## Introdução

A adolescência está estabelecida objetivamente com início aos 12 anos e término aos 21 anos (Estatuto da Criança e do Adolescente –ECA, 1990). Esta é uma fase caracterizada pela transição em vários domínios do desenvolvimento, seja biológico, cognitivo ou social; por conflitos internos e lutos que exigem do adolescente a elaboração e a ressignificação de sua identidade, imagem corporal, relação com a família e com a sociedade (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002).

O Brasil tem mais de 50 milhões de adolescentes e se encontra em meio ao acirramento das desigualdades sociais (Oliveira, 2001). O baixo nível sócio-econômico tem sido relacionado com pobre desempenho acadêmico e problemas disciplinares graves em adolescentes (DuBois, 1994; Feldman et al., 2000). Apesar de numericamente expressivos na paisagem brasileira, é inegável a invisibilidade social dada aos milhões de jovens moradores “do outro lado da cidade”, uma vez que eles são evocados somente quando são alvo de preocupações pelas ameaças à ordem pública ou chegam às páginas policiais transformados em “bandidos” (Oliveira, 2001).

Mas, de onde vêm esses “bandidos”? O organismo humano manifesta uma imensa plasticidade em suas respostas às forças ambientais que atuam sobre ele. Isto é particularmente claro quando se observa a flexibilidade da constituição biológica do homem ao ser submetido a uma multiplicidade de determinações sócio-culturais (Berger & Luckmann, 2003). Nesse caso, torna-se relevante considerar o contexto em que o adolescente se acha inserido.

Com relação aos determinantes situacionais, o vigente estudo visa a elucidar mais especificamente a família e a rede social do adolescente. Quando o adolescente infrator não é visto como um indivíduo ‘solto’ na vida, surgem aspectos que dizem respeito à visão moral,

que se incorpora nas políticas em relação aos pobres, que os colocam sempre como participantes de uma “promiscuidade” nas relações familiares. Esse raciocínio culpabiliza as mães, mulheres que passam a ter várias uniões, como responsáveis pelo “desandar” dos filhos para a rua e para o mundo da violência e do crime. Já em 1998, Adorno demonstrava preocupação com o fato de crianças e jovens serem entendidos como atores sociais sem autonomia, que passam a agir como excluídos ou vítimas da instabilidade conjugal de seus pais (Adorno,1998). Mas, será que é assim? O que é a família para esses sujeitos? Como podemos avaliá-la?

A família pode ser definida como uma organização social, com padrões, regras e políticas. As regras estão freqüentemente encobertas, desarticuladas – não são conscientes, mas, apesar disso, são potentes (Assumpção, 1994). Porém, com certeza, apesar dos inúmeros conceitos disponíveis de família, esses nunca alcançam o sentido global do termo, pois são herméticos, estáticos e simplificados, justamente o oposto da família que nos remete às idéias de complexidade e de dinâmica.

Quanto à busca por uma forma sistematizada de avaliação da família, já na década de 70, havia uma preocupação em bem avaliar a organização e o funcionamento familiar. Em 1974, Moos publicou as Escalas de Clima Social, com ênfase na família (FES), no trabalho (WES), nas instituições penitenciárias (CIES) e na escola (CES). Com relação ao FES, esta escala aprecia as características sócio-ambientais de todos os tipos de famílias. Avalia e descreve as relações interpessoais entre os membros da família, os aspectos de desenvolvimento que têm maior importância nela e a sua estrutura básica. (Moos, 1995).

Seguindo no retrospecto histórico da avaliação familiar, Smilkstein propôs, também na década de 70, mas desta vez na América Latina, um questionário de avaliação do funcionamento familiar, que ficou conhecido como Apgar Familiar de Smilkstein, que

considera os seguintes componentes como critérios dessa avaliação: 1- adaptabilidade: a capacidade de utilizar recursos familiares e comunitários para resolver situações de crise; 2- participação: a capacidade de compartilhar problemas e de comunicar-se para explorar maneiras de resolvê-los; 3- gradiente de crescimento: a capacidade de atravessar as distintas etapas do ciclo vital, permitindo a individuação e a separação dos membros da família; 4- afeto: a capacidade de experimentar carinho e preocupação por cada membro da família e de demonstrar distintas emoções como afeto, amor, pena ou raiva; 5- resolução: a capacidade de aplicar os elementos anteriores, compartilhando o tempo e os recursos especiais e materiais de cada membro da família (Smilkstein, 1982). Em um estudo posterior, este apgar foi considerado com alta sensibilidade e especificidade para o que se propõe (Jara, 1989).

Há, pelo menos, outras três importantes escalas diagnósticas do funcionamento familiar, consagradas na literatura internacional, a FACES III, a Beavers-Timberlawn (BT) e a GARF. Em 2000, Falceto procurou validá-las para o uso em nosso meio (Porto Alegre, Brasil). Este estudo concluiu que as escalas BT e GARF demonstram forte correlação positiva com a avaliação clínica e são adequadas para a triagem de cuidados primários, sendo úteis na formulação e classificação do diagnóstico familiar (Falceto, 2000). Por já ter sido traduzida para o português e validada para o nosso meio, e por constar como instrumento reconhecido do DSM IV, a GARF foi escolhida como instrumento metodológico deste trabalho. Esta escala evidencia a satisfação das necessidades dos membros, a flexibilidade, a comunicação, os papéis, as tomadas de decisão e a expressão de sentimentos (Falceto, 2000).

Esses instrumentos, por certo, sofreram direta ou indiretamente a influência de Minuchin que, já na década de 80, tornou-se um clássico ao defender a existência de fronteiras familiares, que seriam as regras que estabeleceriam quem participa e como dentro de determinado (sub)sistema. O funcionamento apropriado da família dependeria de fronteiras nítidas dos subsistemas, isto é, fronteiras definidas suficientemente bem para permitir que os

membros dos subsistemas levem a cabo as suas funções, sem interferência indevida, mas que admitam contato entre os membros do subsistema e outros. No entanto, com as fronteiras difusas, a diferenciação do sistema familiar ficaria prejudicada. Já nas fronteiras excessivamente rígidas, a comunicação entre os subsistemas se tornaria difícil e as funções protetoras da família ficariam deficitárias (Minuchin, 1982).

Dito de outra forma, bons níveis de saúde familiar estão associados a uma clara definição hierárquica no sistema. Nela, os pais e os filhos não são iguais. Aos pais cabem responsabilidade e autoridade. Os filhos dependem da segurança de seus pais e da afetividade expressa em dar essa segurança. A família saudável cria situações que incluem experimentação e troca de papéis. Os conflitos inevitáveis podem surgir, mas são tratados de forma a não se perder de vista o vínculo de afeto e seus cuidados subjacentes. As famílias saudáveis usam a crise para promover o crescimento, em vez de levá-lo à quebra. Entre os indicadores de saúde familiar está o espaço para a intimidade do amor, bem como para o transtorno do ódio. Já nas famílias patológicas, as regras são usadas para inibir a mudança, sendo construídas até para a manutenção da homeostase (Assumpção, 1994).

Constatada a relevância da pesquisa da família e descritas as variáveis mais relevantes no estudo do funcionamento familiar, introduz-se, abaixo, uma explanação sobre a Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase), onde o adolescente infrator, cuja família será considerada neste trabalho, pode ser encontrado.

## **A Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul**

No Rio Grande do Sul, os adolescentes infratores são julgados por um juiz da Infância e da Adolescência e podem ser condenados à medida sócio-educativa, a ser cumprida na Fase. O programa da Fase está organizado em dois eixos: o processo de execução de internação e o de semiliberdade. A medida sócio-educativa de privação de liberdade é cumprida em regime de internação sem possibilidade de atividade externa (ISPAE), conforme determinação judicial, e em regime de internação com possibilidade de atividade externa (ICPAE) (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002), conforme avaliação da equipe técnica, salvo expressa determinação judicial em contrário (ECA, artigo 121, inciso 1º).

A ICPAE possibilita a continuidade do cumprimento da medida na própria unidade, com base nas ações sócio-educativas, o que favorece o adolescente na percepção do seu processo de crescimento, sem a ruptura de vínculos até então estabelecidos, ao mesmo tempo em que propicia de forma progressiva a experiência de momentos de convívio comunitário sob supervisão, proteção e acompanhamento na unidade (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002).

No entanto, a progressão para medida de ICPAE também exige uma maior responsabilidade do adolescente, já que ele assume um compromisso de retorno a sua unidade no dia e hora acordados e de boa conduta na comunidade e na família. É o momento em que o adolescente pode se deparar com as dificuldades financeiras, com a violência, seja doméstica, seja de bairro, com os conflitos familiares ou de gangues e em que pode restabelecer o contato com os pares usuários de drogas e/ou delinquentes.

Quanto à delinquência juvenil, tem-se buscado o delineamento dos preditores de risco e de proteção dos adolescentes. A família tem sido descrita como uma das principais influências nesse comportamento, mesmo em pesquisas geográfica e culturalmente distantes, como no

caso de Valdés (1997), que se detém no estudo de família de adolescentes chilenos; Caputo (2004) e Windle (2004) que focam o contexto nova-iorquino e de Davis (2004), cujos dados foram obtidos através da comunidade chinesa. O que varia entre as pesquisas são os aspectos familiares que têm maior ascendência nessas atitudes juvenis e qual seria o valor de outros fatores envolvidos.

Uma pesquisa, realizada na América Latina, enfatizou a análise da comunicação com os pais (e entre eles), da existência de uma estrutura hierárquica clara e compartilhada por ambos os pais e da existência de recursos de apoio externos ao núcleo familiar como o principal para o manejo desses jovens (Valdés, 1997). Ainda quanto à estrutura familiar, e reforçando o que Minuchin afirmou quanto às fronteiras rígidas, Caputo concluiu que os filhos de pais autoritários – severos e que manifestam pouco apoio aos filhos - apresentam maiores níveis de delinqüência, bem como piores níveis de saúde física e mental e de desempenho escolar (Caputo, 2004).

Um outro estudo constatou que mães estressadas referem mais problemas de comportamento dos seus filhos, o que pode ter sido causado por um viés na percepção dessas mães, pelo nível de estresse em que se encontravam, mas o que também poderia significar que os sintomas dessas mães estariam associados com um ambiente doméstico estressante, o que exacerbaria os problemas comportamentais das crianças (Barry, 2005). Isto significa que não só a estrutura familiar seria determinante das alterações comportamentais dos filhos, mas também a condição emocional de cada um dos cuidadores poderia ter influência sobre os mesmos.

Stouthamer-Loeber (2004) constatou haver uma associação positiva entre menores níveis de punição física do adolescente por parte dos pais e uma maior taxa de desistência do ato delinqüente juvenil. Porém, além disso, concluiu que estar empregado ou na escola no início da idade adulta também protegia para a recaída no ato infracional, o que nos elucida a

importância da rede social nesse contexto. Ele afirmou que os fatores de risco para a persistência dessas atitudes foram: delinquência grave no final da adolescência, uso de drogas pesadas, ter uma percepção positiva do problema comportamental no início da vida adulta, bem como pertencer a gangues, sendo estas também partes da rede social de muitos desses jovens.

Os estudos empíricos mais recentes, mesmo que não cite este termo, têm ressaltado a importância da rede social no comportamento delincente. Os pares têm sido considerados um importante fator preditor da delinquência. Estudando-se adolescentes chineses, concluiu-se que os pares, mais do que a família ou a escola, são cruciais no comportamento delincente (Davis, Tang and Ko, 2004). Uma pesquisa americana estabeleceu como preditores de delinquência entre estudantes (de escolas do subúrbio de Nova York) além do fraco suporte familiar percebido pelos adolescentes, a alta porcentagem de uso de drogas por seus pares (Windle & Mason, 2004). Demuth, no mesmo ano, avaliou a relação entre a solidão e a delinquência juvenil, concluindo que os solitários praticam menos atos infracionais do que aqueles conectados socialmente. Estes últimos seriam, mais provavelmente, influenciados pelos seus pares (Demuth, 2004). Caputo reforça esta idéia, afirmando que a influência dos pares é o mais relevante no que diz respeito à delinquência, ao abuso de substâncias e à educação (Caputo, 2004).

Mas, o que é a rede social? Segundo Sluzki (1996), o conceito de rede social foi desenvolvido e refinado de maneira acumulativa, mas desordenada por uma série de autores, entre eles Kurt Lewin (1952), Jacob L Moreno (1951), John Barnes (1954,1972), Elisabeth Bott (1957), Erich Lindemann (1979), Ross Speck e Carolyn Attneave (1973). A rede social é depositária da identidade e da história individual e grupal; é uma fonte de retroalimentação e de reconhecimento social. Nesse sentido, as interações dadas permitem a cada participante a construção, reflexão, permanência e/ou mudança da própria imagem, relacionada com os

diversos papéis que cada pessoa desempenha e/ou assume na relação (Attneave & Ross, 1982).

A rede social implica um processo de construção permanente, tanto em nível individual como coletivo. A rede social é um sistema aberto que, através de um intercâmbio dinâmico entre os seus integrantes, e entre estes e outros grupos sociais, favorece ou não a melhor utilização dos seus recursos. Cada membro da família, do grupo e da comunidade sofre influência das múltiplas relações que se estabelecem e que podem favorecer o seu desenvolvimento (Balcani, Ferraris, Marano, 1995; Elkaïm, 1989).

Também se estuda a rede social como aquela que representa o conjunto de todas as relações que uma pessoa percebe de forma significativa, definindo o nicho social próprio que contribui para o seu reconhecimento. A rede social é uma fonte essencial de sentimento de identidade, do dever ser, da competência e da ação (Sluzki, 1996). Sluzki criou um mapa de rede, que é um círculo, dividido em quatro quadrantes (vide anexo 4). Estes quadrantes representam amizades, família, relações de trabalho ou estudos e relações comunitárias. Também definiu as características estruturais da rede social como as seguintes:

- 1- Tamanho: é o número de pessoas ou de instituições que fazem parte da rede social. Há indicadores que demonstram que as redes sociais de tamanho médio são mais efetivas, porque permitem maior mobilidade dos seus integrantes e parecem ser mais eficazes;
- 2- Densidade: é a conexão e o vínculo entre os diferentes membros da rede. A densidade moderada aumenta a eficácia da rede, facilitando o intercâmbio comunicativo;
- 3- Composição ou Distribuição: é a proporção do total de membros da rede que está localizada em cada quadrante. As redes muito localizadas são menos

flexíveis e efetivas, e geram menos opções que as redes de distribuição mais ampla;

- 4- Dispersão: é a distância geográfica entre os membros ou a facilidade de acesso a um membro;
- 5- Homogeneidade ou heterogeneidade: demográfica e sociocultural, segundo idade, sexo, cultura e nível sócio-econômico;
- 6- Atributos de vínculos específicos: a intensidade da relação, o compromisso, a durabilidade, a história em comum;
- 7- Tipos de funções: podem se dividir em companhia social, apoio emocional, guia cognitivo, regulação social, ajuda material e de serviços, e acesso a novos contatos.

Há diferença entre os conceitos de rede social, apoio social e rede de apoio. A rede social refere-se às características estruturais das relações sociais, enquanto que o apoio social se refere às funções que presta essa rede, assim como ao efeito sobre o bem estar das pessoas; finalmente, o conceito de rede de apoio é mais restrito, sendo denominado como o conjunto de relações que desempenham funções de apoio (Gracia, 1998). López-Cabanas e Chácon (1997) definem o apoio social como a informação que provê à pessoa a sensação de ser querida, cuidada e valorizada e de que mantém as relações com outros. Ressaltam que, para que o apoio social seja efetivo, a pessoa deve percebê-lo; quer dizer, não é suficiente que exista no contexto, a possibilidade de apoio, esta deve ser reconhecida pela pessoa ou pelo grupo.

Partindo desses fundamentos empíricos, são colocados a seguir os objetivos da pesquisa.

## Objetivo Geral

Mapear a rede social e, dentro dessa, avaliar o funcionamento familiar do adolescente que cumpre a medida de Internação com Possibilidade de Atividade Externa (ICPAE), compreendendo as dificuldades vividas pelo adolescente no cumprimento dessa medida à luz da sua rede social.

## Objetivos Específicos

- 1- Caracterizar as famílias dos internos em estudo quanto aos aspectos sócio-bio-demográficos;
- 2- Apontar a percepção dos adolescentes (em ICPAE) quanto ao funcionamento de sua família;
- 3- Identificar, no início e no fim do cumprimento da medida de ICPAE, as características estruturais da rede quanto ao seu tamanho, densidade, composição, dispersão, homogeneidade/heterogeneidade, atributos de vínculos específicos e tipos de funções;
- 4- Avaliar, no início e no fim do cumprimento da medida de ICPAE, as dificuldades vivenciadas nesse cumprimento.

## Questões Norteadoras

- 1- Qual a percepção do adolescente infrator e de sua família quanto às características sócio-bio-demográficas e ao funcionamento da família, quando do retorno deste ao convívio familiar?

- 2- Qual a percepção do adolescente quanto à sua rede social quando do retorno deste ao convívio familiar, e ao final do cumprimento da medida de ICPAE, e como essas características estão relacionadas às dificuldades no cumprimento da medida de ICPAE na Fase-RS?
- 3- Que aspectos da rede social dos adolescentes em conflito com a lei se mostram mais deficientes e seriam mais beneficiados por medidas institucionais?

## Método

### Delineamento

Será desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo, longitudinal. Conforme Kude (1997), o que determina a metodologia de pesquisa é o tipo de problema que se deseja investigar. Assim sendo, ao delinear o estudo, optou-se por um modelo de ciência que não privilegiasse a neutralidade do pesquisador, já que esse ocupa posição ativa no processo de coleta de dados. Nesta perspectiva, a definição por uma leitura qualitativa dos dados de uma pesquisa permite a apropriação das implicações subjetivas e simbólicas frente a uma determinada realidade histórico-social em que o indivíduo está inserido. Portanto, essa abordagem foi escolhida por abrir possibilidades de fazer articulações entre a entrevista realizada e a construção dos Mapas de Rede Social dos participantes da pesquisa.

Com base nesses pressupostos, decidiu-se pela utilização do Estudo de Caso Individual, proposto por Stake (2005). O estudo de caso é indicado quando se buscam respostas do tipo “por que” e “como” e não visa representar o mundo, mas apresentar o caso. Esses casos podem ser similares entre si, ou diferentes, de modo que o pesquisador de estudo de caso procura tanto o que é comum, como o que é específico, mas sempre buscando estudar os problemas em profundidade (Stake, 2005). Laville e Dionne (1999) defendem que o

pesquisador, no estudo de caso individual, pode extravasar do particular para o geral, depois da compreensão de cada caso.

## Participantes

População em estudo: Serão estudados cinco adolescentes infratores que estejam cumprindo algum período dos dois primeiros meses da medida de ICPAE, na Fase-RS, mais especificamente no CASE (Centros de Atendimento Sócio-Educativo) POA I, e que aceitem participar da pesquisa. Esse CASE de Porto Alegre recebe adolescentes, em princípio, com perfil menos agravado e que estão ingressando na instituição pela primeira vez. Cabe ressaltar que se priorizará, na escolha dos participantes, o desejo e a disponibilidade para participarem da pesquisa, assim como a história de vida do adolescente em conflito com a lei, garantindo a variedade, à medida que aumenta a possibilidade de compreensão do fenômeno estudado.

## Instrumentos

Serão utilizados os seguintes instrumentos: Instrumento de Caracterização do Núcleo Familiar dos Adolescentes ICPAE (Anexo 1), Instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE, versão do adolescente (Anexo 2) e da monitoria / equipe técnica (Anexo 3), Mapa da Rede Social (Anexo 4), Questões norteadoras de entrevista para a confecção do Mapa da Rede Social (Anexo 5), e a GARF (Anexo 6). Abaixo, os instrumentos citados são mais bem descritos e elucidados.

Será aplicado um questionário (Anexo 1), que foi desenvolvido especialmente para esta pesquisa, com base nas variáveis relevantes na literatura disponível (Adorno, 1998). Nesse questionário, constarão dados sócio-demográficos de identificação e caracterização do núcleo familiar desses jovens, como a composição familiar, nível de educação, emprego, renda,

moradia, escolaridade, lazer, saúde, atos infracionais dos membros da família, uso de drogas na família, faixa de idade dos membros das famílias.

Os adolescentes infratores serão entrevistados por um mesmo entrevistador, já experiente na aplicação deste instrumento, de forma que ele possa dar uma nota ao funcionamento familiar percebido, conforme proposto na GARF (Kaslow, 1996) (Anexo 6). A GARF é uma escala diagnóstica do funcionamento familiar consagrada na literatura internacional e validada para o uso em nosso meio (Falceto, 2000).

Com vistas à avaliação da rede social, os adolescentes serão convidados a criarem a sua rede social. Terão como ponto de partida o mapa proposto por Sluzki (1996) (Anexo 4). O mapa de redes tem sido utilizado em várias pesquisas (Sluzki, 1996; Dabas, 1995; Elkaim, 1989), mostrando-se útil para a compreensão da estrutura e funcionamento das redes sociais. Este mapa consiste em três círculos concêntricos divididos em quatro quadrantes: família, amigos, escola-trabalho e comunidade. O núcleo do círculo representa o adolescente em conflito com a lei, o primeiro círculo (e menor) indica a proximidade e a importância que o adolescente dá aos sistemas ali existentes; o segundo círculo se constitui por pessoas que têm menor proximidade e importância para ele; finalmente, no terceiro círculo, se colocam as pessoas que compartilham com o adolescente, mas em que as relações estabelecidas com ele não são próximas e sim distantes.

Os adolescentes terão à disposição deles adesivos, já em formatos redondos (cor vermelha para as mulheres e azul para os homens) ou de triângulos (instituições). Os diferentes nós da rede social poderão ser conectados, de forma graficamente diferenciada, conforme proposto por McGoldrick e Gerson (2003), que propuseram representações gráficas diferenciadas para relações conectadas, separadas, aglutinadas, muito conectadas, conflitivas ou interrompidas. Os adesivos redondos terão dois tamanhos: grande (que representarão

pessoas com mais de 21 anos), pequeno (que representarão pessoas entre 0 e 21 anos), o que facilitará o reconhecimento visual da homogeneidade ou heterogeneidade.

De forma a enriquecer a construção da rede social, será aplicada a entrevista semi-estruturada proposta por Meneses (2004) (Anexo 5). A entrevista semi-estruturada pressupõe que as questões sejam preparadas antecipadamente com perguntas abertas e temas particularizados, sendo possível retirar ou acrescentar perguntas durante a entrevista com o participante. Com essa possibilidade, cada pesquisador pode estabelecer uma situação única com o entrevistado, atendendo as suas necessidades, sem deixar de levar em consideração os objetivos da pesquisa.

Também os adolescentes responderão a um instrumento especialmente desenvolvido para esta pesquisa e que aqui recebe o nome de Avaliação da Medida de ICPAE (Anexo 2). Nesse instrumento, são considerados os seguintes fatores: atrasos no retorno, fuga, necessidade de medidas disciplinares, uso de drogas, reincidência no ato infracional, o comprometimento com a escola e o comprometimento com atividades laborais. Essas variáveis foram obtidas do programa de inserção comunitária e acompanhamento de egressos da FEBEM/RS, elaborado em 2001. (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002). A avaliação da medida de ICPAE levará em consideração, além da percepção do próprio interno, a de um representante da equipe técnica e da monitoria. Esses representantes serão escolhidos conforme a disponibilidade e priorizando-se aqueles que afirmam ter maior tempo de convivência com o interno em questão. Ambos responderão a um instrumento similar ao do adolescente, mas adaptado para as suas respostas (Anexo 3). A equipe técnica é uma equipe formada por psicólogos, assistentes sociais e educadores e é responsável pela realização dos relatórios avaliativos dos adolescentes a cada audiência, bem como pelo contato com as famílias, com as escolas e pelas visitas domiciliares. Os monitores são funcionários que convivem no dia a dia com os menores, colocando limites e

estabelecendo medidas disciplinares. Essas três visões serão levadas em consideração, tendo em vista que a visão única do adolescente seria de pouca confiabilidade, na medida em que eles poderiam temer que estas revelações viessem a julgamento (mesmo orientados do contrário).

### Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa foi autorizada pela presidência da Fase-RS, pelo Juizado da Infância e da Juventude e aprovada pelo Comitê de Ética da PUCRS. No início de cada encontro será realizado um *rapport*, cuja finalidade é propiciar uma relação facilitadora para o desenvolvimento da entrevista. Neste momento, também serão esclarecidos os objetivos da pesquisa e será solicitada a autorização para a gravação e posterior transcrição e publicação dos achados (em anexo).

Os dados serão coletados em uma sala da própria Fase, em dois momentos: no “começo” da medida, que se dará dentro dos dois primeiros meses de cumprimento da medida de ICPAE e no “final” da medida. Esse intervalo entre os dois momentos é o período em que o adolescente cumprirá sua medida de ICPAE. Esse intervalo do cumprimento da medida de ICPAE é determinado por um juiz em audiência, mas, em geral, tem sido de 6 meses. Esses dois momentos foram escolhidos considerando-se que, durante o cumprimento da medida, os jovens podem verificar uma mudança tanto em sua rede social, como na sua atitude dentro desse contexto. Essa informação pode esclarecer o impacto da vivência da semiliberdade nas variáveis da rede social e do cumprimento da medida. Os adolescentes serão orientados a serem sinceros e tranquilizados quanto ao sigilo desses dados e a não utilização desses pelo juiz. Eles serão informados que os nomes deles não constarão em nenhum desses questionários, nem no mapa da rede social.

**PRIMEIRO MOMENTO (2 primeiros meses de cumprimento da medida de ICPAE):**

As perguntas do Instrumento de Caracterização do Núcleo Familiar dos Adolescentes ICPAE serão feitas verbalmente ao adolescente por um entrevistador, que registrará, de forma escrita, essas respostas em folha. Em seguida, a partir de uma entrevista com os adolescentes, o funcionamento familiar receberá uma nota, conforme a GARF.

O mapa da rede social será fornecido, em papel, ao adolescente, juntamente com os adesivos. Ele será questionado com as seguintes perguntas: “*Quem são as pessoas importantes na tua vida?*”, “*Com quem podes contar?*”, conforme sugestão do Sluzki (1996). Essa etapa será gravada em fitas de áudio, já que, por ser um período de criação do adolescente, ele provavelmente fará colocações verbais, à medida que for colando os adesivos na cartolina. O entrevistador também auxiliará nesta montagem, com perguntas do tipo “*Por que escolheste esta pessoa?*”, “*Qual é a função, o papel dessa pessoa na tua vida?*”, “*Como é essa pessoa? Que idade tem? Escolaridade? Trabalho?*”. Colados os adesivos, os adolescentes serão convidados a unir os nós do seu mapa através das linhas propostas por McGoldrick e Gerson (1993). Terminado o mapa, serão feitas as perguntas do questionário proposto por Meneses (2004), de forma a enriquecer o mapa, e torná-lo mais fidedigno.

O instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE será aplicado no interno através de perguntas feitas pelo mesmo entrevistador. As respostas serão assinaladas pelo entrevistador em folha. As versões adaptadas do Instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE serão aplicadas, posteriormente, em algum representante da equipe técnica e da monitoria.

#### SEGUNDO MOMENTO (cerca de 6 meses após o primeiro momento):

Em uma sala da própria Fase, estarão o entrevistador e o adolescente. O mapa da rede social será refeito. Quando da solicitação para a confecção do mapa da rede social, o adolescente será convidado a refletir sobre as mudanças que podem ter acontecido nas condutas dele e na percepção dele quanto a sua rede social durante os cerca de seis meses transcorridos desde o primeiro encontro.

O adolescente será convidado a responder novamente o instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE, pensando no que mudou, nesses 6 meses, no seu pensamento, sentimento e conduta e que se reflete no cumprimento da medida. O mesmo será feito com o (a) representante da monitoria e da equipe técnica, pedindo para que ele (a) responda novamente o questionário, pensando no que ele (a) observou de mudança, nesses 6 meses, no pensamento, sentimento e conduta do adolescente e que se reflete no cumprimento da medida.

### Análise de Dados

Os dados sócio-demográficos da família serão descritos para auxiliar na sua identificação e posterior análise, com mudança dos nomes dos adolescentes e dos familiares, de forma a preservar o sigilo.

A pontuação da GARF se realizará conforme as normas de avaliação determinada por seus autores. Também cada adolescente terá uma pontuação quanto ao cumprimento da medida de ICPAE, no início e no final do dessa medida. Esses dados servirão para enriquecer este estudo de caso.

A análise do mapa da rede será realizada através da avaliação do tamanho, densidade e composição e distribuição, e as informações surgidas com a entrevista semi-estruturada serão transcritas e analisadas. Por fim, será realizado um entendimento em profundidade de cada caso, onde se levará em conta todos os dados obtidos e, ao final, um entendimento global, ressaltando os aspectos comuns entre todos a fim de caracterizar a transformação dos vínculos durante o cumprimento da medida de ICPAE, bem como mapear e conhecer a rede social destes adolescentes em conflito com a lei.



## ORÇAMENTO DO PROJETO

TÍTULO DA PESQUISA: A Medida de Atividade Externa dos Adolescentes

Infratores Internos da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo e as

Características da Rede Social e do Funcionamento Familiar

Itens a serem financiados		Valor Unitário	Valor Total	Fonte Viabilizadora
Especificações	Quantidade	R\$	R\$	(Ver ao pé da folha)
Papel <i>contact</i> colorido	20	R\$ 10,00	R\$ 200,00	4
Folhas de ofício	1000	R\$ 0,03	R\$ 30,00	4
Disquetes	05	R\$ 1,35	R\$ 6,75	4
Fitas de audio	20	R\$ 10,00	R\$ 200,00	4
Cartucho de tinta para impressora	05	R\$ 80,00	R\$ 400,00	4
Xerox	1000	R\$ 0,12	R\$ 120,00	4

Artigos empíricos	40	R\$ 5,00	R\$ 200,00	4
Livros	10	R\$ 60,00	R\$ 600,00	4
Cartolina	20	R\$ 2,00	R\$ 40,00	4
Gravador	01	R\$ 150,00	R\$ 150,00	4
Total geral			R\$ 1946,75	4

1-

---

 Pesquisador(a):  
 Matrícula / registro:

- 1- Patrocinador
- 2- Agência de Fomento (Anexar comprovante)
- 3- Serviço
- 4- Pesquisador
- 5- Outros

## Referências Bibliográficas

1. Adorno, R. C. F. (1998). Caracterização das famílias de jovens privados de liberdade da FEBEM/SP. Unpublished manuscript.
2. American Psychological Association. (2001). Manual de publicação (4ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
3. Assumpção Jr, F. B. (1994). Entrevista familiar. In Vozes (Ed.), Psiquiatria da infância e da adolescência, (pp. 71-78). São Paulo: Santos.
4. Attneave, R., Ross, S. (1982). Redes familiares. Argentina: Amorrortu.
5. Balcani, G., Ferraris, S., Marano, G. (1995). Centros educativos para la producción total. In E. E. Dabas, D. Najmanovich (Ed), El lenguaje de los vínculos (pp.135-148). Argentina: Paidós.
6. Barry, T. D., Dunlap, S. T., Cotten, S. J., Lochman, J. E., Wells, K.C. (2005). The influence of maternal stress and distress on disruptive behavior problems in boys. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry, 44 (3), 265-273.
7. Berger, P. L. & Luckmann T. (2003). A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes.
8. Caputo, R. K. (2004). Parent religiosity, family processes, and adolescent outcomes. Fam Soc, 85 (4), 495-510.
9. Dabas, E. (1993). Redes. El lenguaje de los vínculos. Argentina: Paidós.
10. Davis, C., Tang, C., Ko, J. (2004). The impact of peer, family and school on delinquency. International Social Work, 47 (4), 489-502.

11. Delgado, J & Gutiérrez, J. (1995). Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales. Espanha: Síntesis Psicologia.
12. Demuth, S. (2004). Understanding the delinquency and social relationships of loners. Youth and Society, 35 (3), 366-392.
13. Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS (Ed.). (2002, Abril). Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas de Internação e Semiliberdade – PEMSEIS. (Disponível na Fase-RS, Av Padre Cacique, 1372, Porto Alegre/RS)
14. DuBois, D. L., Felner, R. D., Meares, H., Krier, M. (1994). Prospective investigation of the effects of socioeconomic disadvantage, life stress, and social support on early adolescent adjustment. J Abnorm Psychol 103, 511-522.
15. Elkaim, M. (1989). Las Prácticas de la terapia de red. Espanha: Gedisa.
16. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal 8.069/89 § (1990).
17. Falceto, O. G., Busnello E. D., Bozzetti, E. M. C. (2000). Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. Revista Panamericana de Salud Pública/Pan American Journal of Public Health, 7 (4), 255-263.
18. Feldman, M. A., Hancock, C. L., Rielly, N., Minnes, P., Cirns, C. (2000). Behavior problems in young children with or at risk for developmental delay. J Child Fam Stud, 9, 247-261.
19. Gracia, E. (1998). El apoyo social en la intervención comunitária. Barcelona: Paidós.
20. Jara, C., Maddaleno, M., Florenzano, R., Salazar, D. (1989). Instrumento de evaluacion del funcionamiento familiar: Diferencias entre adolescentes consultantes em el nível primário y poblacion escolar. Bol Hosp S J de Dios, 36, 16-20.

21. Kaslow, F. (1996). History, rationale and philosophic overview of issues and assumptions. In: John Wiley & Sons (Ed.), Handbook of relational diagnosis and dysfunctional family patterns. New York.
22. Kude, V. M. M. (1997). Como se faz projeto de pesquisa qualitativa em psicologia. Psico, 28 (1), 7-32.
23. Laville, C., Dionne, J. (1999). A construção do saber: manual de psicologia em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas.
24. López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). Apoyo social, redes sociales y grupos de autoayuda. In M. López-Cabanas e F. Chacón (Ed.), Intervención psicosocial y servicios sociales. Un enfoque participativo. Madrid: Síntesis Psicológica
25. McGoldrick, M. & Gerson, R. (2003). Genogramas em la evaluación familiar. Espanha: Gedisa.
26. Meneses, M. P. R. (2004). A Construção de Redes Sócio-Familiares de Famílias Imigrantes Hispano-Americanas. Tese de Doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
27. Minuchin, S. (1982). Famílias- funcionamento & tratamento. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
28. Moos, R. H., Moos, B.S., Trickett, E. J. (1995). Manual de escalas de clima social (FES, WES, CIES, CES). Madrid: TEA Ediciones.
29. Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. Educação, 37, 7-32.
30. Olabuénaga, J. (1996). Metodologia de la investigación auditiva. Bilbao: Universidade de Deusto.
31. Oliveira, C. S. (2001). Sobrevivendo no inferno. Porto Alegre, RS: Sulina.
32. Sluzki, C. E. (1996). La Red Social: Frontera de la Pratica Sistêmica. Barcelona: Gedisa.

33. Smilkstein, G., Ashworth, C., Montana, D. (1982). Validity and reliability of the family Apgar test of family function. The Journal of Family Practice, 15 (2), 303-11.
34. Stake, R. (2005). In N. K. Denzin, Y. S. Lincoln. Handbook of Qualitative Research. USA: Sage.
35. Stouthamer-Loeber, M., Wei, E., Loeber, R., Masten, A.S. (2004). Desistance from persistent serious delinquency in the transition to adulthood. Development and Psychopathology, 16, 897-918.
36. Valdés, M., Serrano, T., Rodríguez, J., Roizblatt, A., Florenzano, R., Labra, J. F. (1997). Características del funcionamiento familiar que predicen conductas de riesgo en adolescentes y sus familias. Cuad. Méd. Soc., XXXVIII (4), 14-21.
37. Windle, M., & Mason, W. A. (2004). General and specific predictors of behavioral and emotional problems among adolescents. Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 12 (1), 49-61.

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta é uma pesquisa que busca um maior conhecimento da tua família. Também queremos saber quem são aqueles com quem tu podes contar durante esta medida de ICPAE, e quais têm sido as tuas dificuldades no cumprimento dessa medida.

A tua participação só se dará de forma voluntária (isto é, só se você quiser participar), sendo que a sua participação ou não nesta pesquisa em nada influenciará no tratamento recebido por ti, seja na FASE ou nas decisões judiciais. Seja sincero, pois as tuas respostas serão mantidas em segredo.

Tu poderás colaborar conosco respondendo algumas questões sobre a tua família e sobre aqueles que te apóiam, estando livre para respondê-las da forma que desejar e que julgar mais apropriada. As nossas conversas serão gravadas, de forma que possamos aproveitar melhor aquilo que tu nos disser. Tu poderás abandonar esta pesquisa no momento em que desejares, sem que tenhas quaisquer restrições ou conseqüências.

Não há qualquer risco na tua participação. Contudo, para responder a estas perguntas, será necessária a disponibilidade de 3 encontro, no começo do

cumprimento do teu ICPAE, e de 2 encontros, no final do cumprimento do teu ICPAE, o que dará no total cerca de 07 horas.

Qualquer dúvida que tenhas sobre esta pesquisa, poderás entrar em contato com a pesquisadora abaixo citada.

Estou ciente das informações acima e aceito participar voluntariamente desta pesquisa:

---

Nome:

Data:

Pesquisadora: Bianca M Branco  
Médica Psiquiatra  
CRM 25765  
Tel: (51) 3901-6791

Orientadora: Dra Adriana Wagner  
Psicóloga e Profa da PUCRS  
Av. Ipiranga 6681  
Prédio 11 - 9º andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
CEP: 90619-900  
Fone/Fax: (51) 3320.3633  
E-mail: psicologia-pg@pucls.br

## Anexo 1

## Instrumento de Caracterização do Núcleo Familiar dos Adolescentes ICPAE

- 1- Quem é a tua família?
- 2- Quantos anos cada um deles têm?
- 3- Por quantos anos os membros da tua família estudaram?
- 4- Quem trabalha na tua família? Com o quê?
- 5- Em média, quanto que a tua família ganha por mês?
- 6- Onde vocês moram? Que bairro? Casa ou apartamento? Casa própria ou alugada ou emprestada? De alvenaria ou de madeira? Tem água? Luz? Esgoto encanado?
- 7- O que vocês fazem nos dias de folga?
- 8- Tem alguém doente na família? Quem? Qual doença?
- 9- Alguém na tua família já esteve envolvido em atos infracionais?
- 10- Desde quando estás envolvido em atos infracionais?
- 11- A tua família sabia? O quê? Desde quando?
- 12- O que a tua família achou/fez quando descobriu os teus atos infracionais?

## Anexo 2

## AVALIAÇÃO DA MEDIDA DE ICPAE – PELO ADOLESCENTE

Número: -----

Data: -----

DURANTE ESTE PERÍODO DE ICPAE (circule a resposta que tem mais a ver com o teu caso)

1- Tu tens te atrasado no retorno de casa para a Fase?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

2- Tu tens pensado em fugir, ou já tomaste ou tens tomado alguma atitude com vistas a fugir?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

3- Tu sofreste alguma medida disciplinar, como advertência, restrição, isolamento ou suspensão da saída para casa?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

4- Fizeste uso de algum tipo de droga como maconha, loló, cocaína, crack ou álcool?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

5- Pensaste em voltar a roubar ou em fazer algo que é contra a lei?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

6- Chegaste a fazer alguma coisa contra a lei neste período?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

7- Tens falhado com a escola (em termos de frequência, notas, horários)?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

8- Tens falhado no comprometimento com o teu trabalho? (Caso não tenhas trabalho, não tens demonstrado interesse em se comprometer com o trabalho)?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

## Anexo 3

AVALIAÇÃO DA MEDIDA DE ICPAE – PELA EQUIPE TÉCNICA/  
MONITORIA

Nome do Adolescente: -----

Data: -----

DURANTE ESTE PERÍODO DE ICPAE (circule a resposta que considerar  
mais adequada)

1- O adolescente tem se atrasado no retorno de casa para a Fase?

Frequentemente      às vezes      raramente      nunca

1                      2                      3                      4

2- Achas que ele tem pensado em fugir, ou já tomou ou tem tomado alguma atitude com  
vistas a fugir?

Frequentemente      às vezes      raramente      nunca

1                      2                      3                      4

3- Ele sofreu alguma medida disciplinar, como advertência, restrição, isolamento ou suspensão da saída para casa?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

4- Que tu saibas, ele fez uso de algum tipo de droga como maconha, loló, cocaína, crack ou álcool?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

5- Que tu saibas, ele pensa em voltar a roubar ou a fazer algo que é contra a lei?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

6- Ele chegou a fazer alguma coisa contra a lei neste período?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

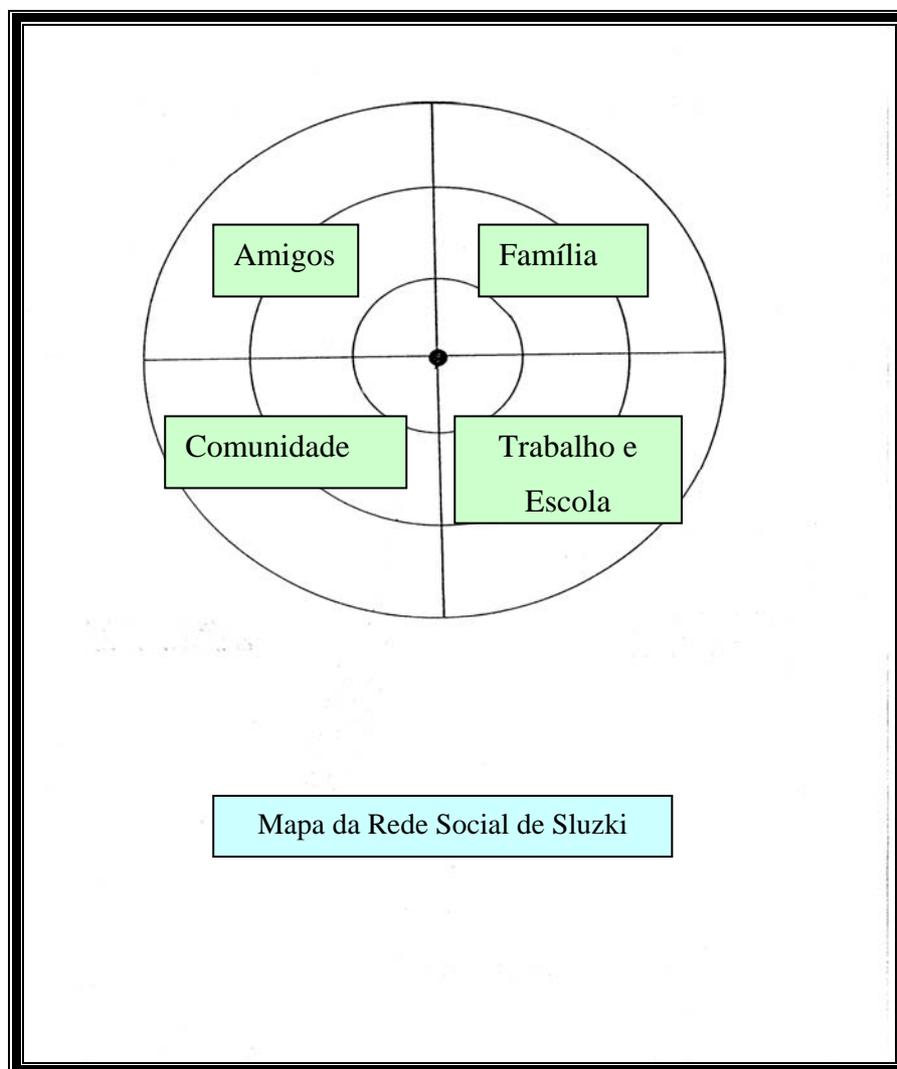
7- Ele tem falhado com a escola (em termos de freqüência, notas, horários)?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

8- Ele tem falhado no comprometimento com o trabalho? (Caso não tenha trabalho, não tem demonstrado interesse em se comprometer com o trabalho)?

Freqüentemente	às vezes	raramente	nunca
1	2	3	4

## Anexo 4



## Anexo 5

### Questões norteadoras da entrevista

As questões gerais das entrevistas semi-estruturas para o levantamento do mapa de redes:

Para a dimensão estrutural os tópicos norteadores da entrevista serão:

#### Tamanho:

- 1- O que você acha do número de pessoas que compõem sua rede social?
- 2- Gostaria de ter mais ou menos pessoas ou organizações na sua rede social?
- 3- Neste momento, gostaria de agregar alguém mais em algum dos quadrantes da rede?

#### Densidade:

- 1- Considera que as pessoas da rede estão conectadas entre elas ou somente com você?
- 2- Seria diferente se elas tivessem mais (ou menos) contato entre elas? Como modificaria a possibilidade de ajudar a sua família?

#### Composição e distribuição:

- 1- O que você acha de como estão distribuídos as pessoas ou instituições dentro dos quadrantes amizades, família e comunidade?
- 2- Gostaria de mudar alguma coisa? Algum quadrante?

#### Dispersão:

- 1- O quão longe ou perto estão fisicamente pessoas e instituições que compõem sua rede social?
- 2- Como você percebe a possibilidade de receber ou dar ajuda a ele com essa distância? Está muito perto ou muito longe?

### Homogeneidade

- 1- Quanto são parecidas contigo as pessoas que compõem sua rede social?
- 2- As idades, gostos, atividades, etc são compartilhadas com elas?

Para a dimensão funcional os tópicos norteadores da entrevista serão:

### Companhia social

- 1- Quando você tem vontade de sair ou se encontrar com amigos, a quem convida? Ele está representado no mapa da rede?
- 2- Que diferenças você tem observado nas relações com o cumprimento da medida na FASE? E depois de progredir para ICPAE?

### Apoio emocional

- 1- Quanto tu precisas de alguém que “ajuda a levantar a moral”, quem o faz?
- 2- Consegues passar para as pessoas as suas necessidades de apoio emocional? E receber esse apoio?
- 3- Você se sente compreendido nas suas necessidades? As pessoas/instituições têm proporcionado elementos ou recursos para que você consiga se adaptar e compreender a medida de ICPAE?

### Guia cognitivo e conselheiro

- 1- Quanto tu precisas conselhos quanto a tua medida de ICPAE, a quem você solicita?  
Está representado no mapa? Caso não, gostaria de incluir essa pessoa?
- 2- Têm encontrado pessoas que consigam exercer a função de guia conselheiro?

### Regulação social

- 1- Tu precisas de alguma oportunidade de recorrer a alguém que te ajude a colocar limites, ver formas de solucionar conflitos com outros?
- 2- Caso sim, solicita a ajuda de quem? Está representado no mapa? Gostaria de incluir?

### Ajuda material e de serviços

- 1- Caso você precise de alguma ajuda material, como dinheiro emprestado, tem a quem solicitar isso? Está no mapa? Gostaria de incluir?
- 2- Quando você precisa de algum favor, a quem recorre?

### Acesso a novos contatos

- 2- Através de quem tem conseguido conhecer mais pessoas?
- 3- Vínculo de trabalho?
- 4- Tem conhecido em contextos religiosos, de trabalho, de lazer, de saúde?

## Anexo 6

### ESCALA GARF

(Avaliação Global do Funcionamento Interacional)

NOTA: Leia toda a escala cuidadosamente antes de dar sua avaliação. Use escores específicos, intermediários quando possível, p.ex. 45,68, 72. Se não há informação detalhada adequada para dar escores específicos, use pontuações médias nas cinco partes, isto é, 90, 70, 50 ou 10.

---

5. (81–99) Existem padrões e rotinas combinados que permitem a satisfação das necessidades habituais de cada participante; existe flexibilidade para mudar a resposta a eventos ou necessidades fora do usual; conflitos ocasionais e transições difíceis são resolvidos através de comunicações e negociações destinadas a solucionar problemas.

Existe um entendimento compartilhado e acordo sobre os papéis e tarefas apropriados; a tomada de decisões é estabelecida para cada área funcional; existereconhecimento das características particulares e dos méritos de cada subsistema (p.ex. pais/casal, irmão e indivíduos).

Existe uma atmosfera otimista nas relações apropriada para a situação; uma grande variedade de sentimentos é livremente expressa e elaborada; há uma atmosfera geral de calor, carinho e valores compartilhados. As relações sexuais dos adultos são satisfatórias.

---

EM SUMA: A unidade interacional está funcionando satisfatoriamente segundo o relato dos participantes e a perspectiva dos observadores.

---

4. (61–80) A maioria dos problemas interacionais corriqueiros é resolvida adequadamente, mas existe dor e dificuldade em responder a situações incomuns. Alguns conflitos permanecem não resolvidos, mas não perturbam a relação.

A tomada de decisões é feita, em geral, de forma competente, mas o esforço para o controle dos membros entre si, às vezes, é maior que o necessário e/ou é inefetivo. Indivíduos e coalizões são claramente demarcados mas, às vezes, são depreciados ou discriminados.

Uma gama de sentimentos é expressa, mas é evidente que há áreas de bloqueio emocional e tensão. Calor e carinho estão presentes, mas são marcados por irritabilidade e frustração. A atividade sexual dos adultos pode ser algo insatisfatória e problemática.

---

EM SUMA: O funcionamento da unidade interacional é algo insatisfatório. São resolvidas muitas das dificuldades que ocorrem ao longo do tempo, mas não todas elas.

---

3. (41–60) A comunicação, a solução de problemas e as atividades rotineiras, com bastante frequência, são inibidas ou atrapalhadas por conflitos não resolvidos; há dificuldade moderadamente grave em adaptar-se a situações de stress e transições, como saídas da família, mortes, nascimentos e casamentos.

A tomada de decisões é só intermitentemente competente e efetiva; nessas situações observa-se excessiva rigidez ou falta significativa de estrutura. As necessidades individuais estão frequentemente submersas.

Dor e/ou raiva inefetiva ou paralisia emocional interferem com a possibilidade de compartilhar alegrias. Apesar de haver algum calor e apoio para os membros, esses, em geral, são desigualmente distribuídos. Problemas sexuais entre os adultos são freqüentes.

---

EM SUMA: Apesar de haver períodos ocasionais de funcionamento satisfatório e competente das relações, aquelas disfuncionais e insatisfatórias tendem a prevalecer.

---

2. (21–40) Os padrões e rotinas interacionais não satisfazem as necessidades dos membros; expectativas estabelecidas são ignoradas ou rigidamente cumpridas, apesar de mudanças situacionais. Transições do ciclo vital como partidas ou entradas das/nas relações geram problemas frustrantes e não resolvidos.

A tomada de decisões é tirânica ou bastante ineficaz. As características particulares dos indivíduos não são apreciadas, ou são ignoradas por coalizões rígidas ou confusamente fluidas.

Períodos de convivência agradável em conjunto são infreqüentes; distância óbvia e hostilidade declarada refletem conflitos importantes que permanecem não resolvidos e bastante doídos. Disfunção sexual grave entre os adultos é freqüente.

---

EM SUMA: A unidade interacional é óbvia e seriamente disfuncional. Períodos de relacionamento satisfatório são raros.

---

1. (1–20) As rotinas interacionais são poucas (p.ex., não há horários combinados de refeições, sono ou período de vigília); os membros da casa freqüentemente não sabem onde os outros estão, ou o que esperar uns dos outros; a comunicação é repetidamente atrapalhada por mal-entendidos e falta de atenção no que os outros dizem.

Responsabilidades pessoais e geracionais não são reciprocamente aceitas e reconhecidas. Os limites da unidade interacional como um todo e dos subsistemas não podem ser identificados ou respeitados. Pessoas, nessa relação, podem fisicamente ameaçar, agredir ou sexualmente atacar umas às outras.

O desespero e o cinismo são francos; pouca atenção é prestada às necessidades emocionais dos outros; quase não existe sentimento de pertencimento, ligação ou preocupação com o bem-estar uns dos outros.

---

SUMA: A unidade interacional tornou-se excessivamente disfuncional para garantir a continuidade de contato e ligação.

0. Informação inadequada.

ESCORE ATUAL \_\_\_\_\_  
MAIS COMPETENTE NO ANO PASSADO \_\_\_\_\_ (por alguns meses)  
MENOS COMPETENTE NO ANO PASSADO \_\_\_\_\_  
NO INÍCIO DO TRATAMENTO \_\_\_\_\_

Adequação da escala (marque uma das opções)

1. não aplicável
2. difícil (caso compatível com dois ou mais níveis)
3. pobre (possível, mas as características principais do caso não combinavam)
4. bastante boa
5. muito boa
6. informação inadequada para classificar

Comente livremente a impressão que essa família lhe deixou:

**O ADOLESCENTE INFRATOR: UMA REFLEXÃO SOBRE AS VARIÁVEIS  
IMPLICADAS NESSE FENÔMENO**

---

Bianca M. Branco\*\*

Profa. Dr. Adriana Wagner\*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

\* Professora, PhD, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Psicologia Social e da Personalidade, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

\*\* Mestranda do Grupo de Pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Psicologia Social e da Personalidade, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; instituição de fomento à pesquisa: Capes.

Endereço para correspondência: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Psicologia. Av. Ipiranga, 6.681, CEP 90619-900 – Porto Alegre/RS. E-mail: [wagner@pucls.br](mailto:wagner@pucls.br).

## **O ADOLESCENTE INFRATOR: UMA REFLEXÃO SOBRE AS VARIÁVEIS IMPLICADAS NESSE FENÔMENO**

### **Resumo**

Tendo em vista o grande número de jovens infratores e a alta taxa de reincidência desses jovens no ato infracional, esta revisão teórica visa a elucidar quais são as variáveis do contexto desse adolescente que o influenciam na conduta pró-social ou delinqüente.

Os estudos empíricos mais recentes ressaltam como preditores de conduta responsável a boa qualidade da relação entre os pais, a boa comunicação entre os pais (e desses com os filhos), uma boa rede social da mãe, uma estrutura familiar com hierarquia clara, bem como estar empregado e/ou na escola. Já os preditores da delinqüência foram a punição física pelos pais (bem como pais autoritários), o fraco suporte familiar e a influência dos pares. Também as características pessoais, como a percepção da conduta delinqüente e o próprio *self*, influenciam nesta atitude. O baixo desempenho escolar, bem como o uso de drogas, mostrou-se imbricado com a questão da delinqüência, influenciando-a.

Portanto, medidas que atendam esta população devem visar não apenas ao adolescente e a sua conduta anti-social, mas também ao seu contexto, sua família, seus pares, a escola, o trabalho, bem como a prevenção e o tratamento da dependência química.

**Palavras-chave:** Adolescente; Família; Rede social.

## **THE ADOLESCENT TRANSGRESSOR: THOUGHTS ON THE VARIABLES INVOLVED WITH THIS PHENOMENON**

### **Abstract**

Considering the great number of young transgressors and the high rate of new infractional acts by these youngsters, this theoretical review aims at elucidating which variables in their contexts and environments influence on the pro-social or delinquent behavior.

The most recent empirical studies have shown that predictors of responsible behavior are good quality of relationship between parents, good communication between parents (and also between parents and children), good interpersonal relationships of mothers, family structure with clear hierarchy, and being employed and/or studying. The delinquency predictors were physical punishment by parents (and authoritarian parents) and weak family support. Moreover, personal characteristics such as the perception of delinquent behavior and *self* itself have also influence in that attitude. Low grades and the drug use were shown to be implicated with delinquency.

Then strategies for that people must be aiming not only at the adolescent and his or her antisocial behavior, but also at his or her context, family, peers, school, work, besides addiction prevention and treatment.

**Keywords:** Adolescent; Family; Social network.

## **Introdução**

Este estudo lança um olhar cuidadoso sobre o que não se enxerga, seja pela distância, pela incompreensão ou pelo preconceito. Busca conhecer o adolescente infrator, não por ser marginal à sociedade, mas por ser humano e, como tal, inserido em um contexto familiar e social.

A adolescência é uma fase caracterizada pela transição em vários domínios do desenvolvimento, seja biológico, cognitivo ou social; por conflitos internos e lutos que exigem do adolescente a elaboração e a ressignificação de sua identidade, imagem corporal, relação com a família e com a sociedade (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002).

Além de toda conflitiva interna própria desta fase, estudos têm atentado para os determinantes situacionais da conduta destes jovens. Já em 1998, Adorno demonstrava preocupação com o fato de crianças e jovens serem entendidos como atores sociais sem autonomia, que passam a agir como excluídos ou vítimas da instabilidade conjugal de seus pais (Adorno, 1998). Mas, será que é assim? Como se pode compreender a influência da família na conduta desses adolescentes? E o que dizer das suas relações sociais? É sabido que, neste período, essas relações deixam de ser centradas na família e orientadas para brincadeiras, deslocando-se para a relação com os pares, sejam colegas, amigos ou parceiros românticos que os apóiam. Esses jovens desenvolvem habilidades sociais através dessas relações, pelo compartilhamento de experiências, emoções e conhecimentos. O desenvolvimento da adolescência saudável tem sido vinculado ao equilíbrio entre o apoio da família, associações formais (como professores) e apoios informais, tais como amigos e pares da mesma idade (Johnson, Whitbeck, Hoyt, 2005).

Nessa perspectiva, esse estudo visa, a partir de uma revisão teórica, a elucidar a rede social e a família do adolescente infrator, isto é, contextualizar o fenômeno, de forma a melhor compreendê-lo.

## **A Família**

A família é considerada um sistema vivo e, como tal, um sistema aberto, se pensarmos em termos de Bertalanffy (1993); ou semi-aberto, quando pensada em termos de Morin (1994). Também pode ser definida como uma organização social, com padrões, regras e políticas. As regras estão frequentemente encobertas, desarticuladas, e podem ser inconscientes, mas não por isso são menos potentes (Assumpção, 1994). Porém, apesar dos inúmeros conceitos disponíveis de família, dificilmente essas definições alcançam o sentido global do termo, pois são herméticos, estáticos e simplificados, justamente o oposto da família que remete às idéias de complexidade e de dinâmica.

Minuchin, já na década de 80, tornou-se um clássico ao defender a existência de fronteiras nos sistemas familiares, que seriam as regras estabelecidas de quem participa e como participa dentro de determinado (sub)sistema – tais como o parental, filial, fraterno. O funcionamento apropriado da família dependeria de fronteiras nítidas dos subsistemas, isto é, fronteiras definidas suficientemente bem para permitir que os membros dos subsistemas levem a cabo suas funções, sem interferência indevida, mas que admitam contato entre os membros do subsistema e desses com outros sistemas. No entanto, com as fronteiras difusas, a diferenciação do sistema familiar ficaria prejudicada. Já nas fronteiras excessivamente rígidas, a comunicação entre os subsistemas se tornaria difícil e as funções protetoras da família ficariam deficitárias (Minuchin, 1982).

Portanto, bons níveis de saúde familiar estão associados a uma clara definição hierárquica no sistema. Nela, os pais e os filhos não são iguais. Aos pais cabem responsabilidade e autoridade. Os filhos dependem da segurança de seus pais e da afetividade expressa em dar essa segurança. A família saudável cria situações que incluem experimentação e troca de papéis. Os conflitos são inevitáveis, mas são tratados de forma a não se perder de vista o vínculo de afeto e seus cuidados subjacentes. As famílias saudáveis usam a crise para promover o crescimento, em vez de levá-la à quebra. Já nas famílias patológicas, as regras são usadas para inibir a mudança, chegando a ser, inclusive, construídas para a manutenção da homeostase (Assumpção, 1994).

A partir desses supostos, alguns pesquisadores têm buscado as características familiares que protegem seus jovens da conduta infratora e promovem neles uma conduta pró-social. O tema é de extrema relevância, como apontam Feijó & Assis (2004) que, entrevistando adolescentes de São Paulo e Recife, que cumpriam medida sócio-educativa de internação ou semi-internação, constatou o predomínio de vulnerabilidades em suas famílias como: desqualificação para o trabalho, desemprego, instabilidade ocupacional, baixo nível de escolaridade, analfabetismo, ausência do pai, ausência da mãe e dificuldade de relacionamento do jovem com sua família.

O estudo de Markiewicz, Doyle e Brendgen (2001) apontaram que a percepção pelo adolescente de uma boa qualidade de relação entre os pais e de uma boa rede social da mãe são variáveis preditoras de um comportamento responsável. Ainda que não esteja totalmente claro como essa percepção influencia esta conduta, já se encontrou que o estabelecimento de um padrão de apego seguro com ambos os pais e com os pares se relaciona com relatos de empatia, conduta pró-social e maior auto-estima dos adolescentes. Além do mais, aqueles adolescentes que afirmaram ter altos níveis de empatia também

disseram ter alto engajamento em condutas pró-sociais e baixos níveis de comportamento agressivo (Laible, Carlo, Roesch, 2004). Pode-se hipotetizar, então, que uma boa relação entre os pais e desses pais com a sociedade possa influenciar no estabelecimento de um padrão seguro de apego e no desenvolvimento da capacidade de empatia pelos filhos.

Na América Latina, Valdés et al. (1997) enfatizou também a relação entre os pais, mas dando especial importância à comunicação com os pais (e entre eles) e à existência de uma estrutura hierárquica clara e compartilhada por ambos os progenitores. Além disso, ressaltou o valor da existência de recursos de apoio externos ao núcleo familiar como um aspecto essencial para o manejo desses jovens infratores. Ainda quanto à estrutura familiar, e reforçando o que Minuchin (1982) afirmou quanto às fronteiras rígidas, Caputo (2004) concluiu que os filhos de pais autoritários – severos e que manifestam pouco apoio aos filhos - apresentam maiores níveis de delinqüência, bem como piores níveis de saúde física e mental, e de desempenho escolar (Caputo, 2004). Stouthamer-Loeber, Wei, Loeber e Masten (2004) vão ao encontro de Caputo quando encontra uma associação positiva entre menores níveis de punição física do adolescente por parte dos pais e uma maior taxa de desistência do ato delinqüente juvenil.

O estresse materno também se mostrou importante no estudo de Barry, Dunlap, Cotten, Lochman e Wells (2005), que constataram que mães estressadas referem mais problemas de comportamento dos seus filhos, o que pode ter sido causado por um viés na percepção dessas mães, pelo nível de estresse em que se encontravam. No entanto, também pode expressar que os sintomas dessas mães estariam associados a um ambiente doméstico estressante, o que poderia exacerbar os problemas comportamentais das crianças (Barry et al. 2005). Isto significa que não só a estrutura familiar seria determinante das alterações

comportamentais dos filhos, mas também a condição emocional de cada um dos cuidadores, em determinado momento, poderia ter influência sobre os mesmos.

## **A Rede Social**

Atualmente, observa-se um limite cada vez mais difuso entre a família, a escola e a comunidade no que tange a educação dos jovens. Os contextos - ecossistema – nos quais se desenvolve uma família, e com os quais se relaciona, mudam de acordo com o ciclo de vida familiar; com o lugar físico da moradia; e com as políticas educacionais, econômicas e sociais. Esses contextos influenciam a família como um todo, bem como seus membros, de forma individual.

Nesse sentido, ao desenvolver as teorias e intervenções contextuais, Bronfenbrenner (1996) orientou seu trabalho sobre o desenvolvimento humano em contextos ecológicos. Assim, incluiu os sistemas de desenvolvimento: microsistema, mesossistema, exossistema e macrossistema definidos não só como locais físicos onde o indivíduo se desenvolve, mas também como o tecido das relações que são mobilizadoras de seu desenvolvimento. Assim, enquanto estruturas, foram propostas como círculos concêntricos, onde o microsistema é o mais próximo à pessoa em desenvolvimento e, a partir deste, as outras estruturas vão se sobrepondo. Na dimensão funcional, estão definidas as relações, desde aquelas que as pessoas criam diretamente, até relações mais distantes que incidem sobre o desenvolvimento da pessoa.

Quanto ao ecossistema de jovens infratores, Stouthamer-Loeber et al. (2004) concluiu que estar empregado ou na escola, no início da idade adulta, também protege para

a recaída no ato infracional. A escola e o emprego seriam partes da rede social desses jovens.

Mas, afinal, o que é a rede social? Desenvolvido à luz da teoria ecológico-sistêmica, este conceito provém da crença de que as fronteiras do sistema significativo do indivíduo não se limitam à sua pele, ou mesmo à sua família nuclear ou extensa, mas incluem todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito: família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de práticas sociais (Sluzki, 1996). Como afirma Sluzki (1996), esse conceito de rede social foi desenvolvido e refinado, em diferentes momentos, e de maneira acumulativa e desordenada, por uma série de autores, entre eles Jacob L Moreno (1951), Kurt Lewin (1952), John Barnes (1954,1972), Elisabeth Bott (1957), Erich Lindemann (1979), Ross Speck e Carolyn Attneave (1973). A rede social é depositária da identidade e da história individual e grupal; é uma fonte de retroalimentação e de reconhecimento social. Nesse sentido, as interações dadas permitem a cada participante a construção, reflexão, permanência e/ou mudança da própria imagem, relacionada com os diversos papéis que cada pessoa desempenha e/ou assume nas relações (Attneave & Ross, 1982).

A rede social implica um processo de construção permanente, tanto em nível individual como coletivo. É um sistema aberto que, através de um intercâmbio dinâmico entre os seus integrantes, e entre estes e outros grupos sociais, favorece ou não a melhor utilização dos seus recursos. Cada membro da família, do grupo e da comunidade sofre influência das múltiplas relações que se estabelecem e que podem favorecer o seu desenvolvimento (Balcani, Ferraris, Marano, 1995; Elkaïm, 1989). Portanto, se o estudo da rede social é importante, depreende-se que seja ainda mais na adolescência, quando as relações outras, que não as familiares, se tornam mais próximas e frequentes.

Assim, confiantes na relevância do tema, outros estudos empíricos recentes, ainda que geográfica e culturalmente distantes, têm surgido, ressaltando a importância da rede social - ainda que não cite especificamente este termo - no comportamento delinqüente. Uma pesquisa gaúcha, com adolescentes em conflito com a lei (e submetidos à medida de prestação de serviço à comunidade), encontrou que, no mapa da rede social (Figura 1) proposto por Sluzki (1996), o quadrante dos 'amigos' é o que possui maior número de pessoas, indicando que é através deste microsistema que mais interagem e constroem vínculos sociais e afetivos (Ceolin, 2003). Anteriormente, uma pesquisa com jovens infratores do Rio de Janeiro e Pernambuco já havia concluído que o grupo de amigos dos infratores faz parte do mundo do crime, na maioria dos casos (Assis & Souza, 1999). Essas relações de amizade têm, em geral, caráter efêmero, e parecem movidas, predominantemente, pelo interesse financeiro e pelo poder (Assis & Souza, 1999). Reforçando a importância dos amigos, um estudo com adolescentes chineses concluiu que os pares, mais do que a família ou a escola, são cruciais no comportamento delinqüente (Davis, Tang, Ko, 2004).

Figura 1 – Mapa da Rede Social proposto por Sluzki (1996)

Já uma pesquisa americana estabeleceu como preditores de delinqüência entre estudantes (de escolas do subúrbio de Nova Iorque) além do fraco suporte familiar percebido pelos adolescentes, a alta porcentagem de uso de drogas por seus pares (Windle & Mason, 2004).

Com relação ao uso de drogas, mais especificamente, quanto ao uso de *canabis* entre adolescentes menos integrados socialmente, parece que os fatores de risco (humor negativo, rede de pares e delinquência) sobrepujam os fatores protetores (relações familiares, senso de *self* seguro) (Husler, Pancherel, Werlen, 2005). Caputo (2004) reforça esta idéia, ao afirmar que a influência dos pares é o mais relevante no que diz respeito tanto à delinquência, quanto ao abuso de substâncias e à baixa escolaridade. Aliás, o fraco desempenho escolar mostra-se muito imbricado com a questão da delinquência e do uso de drogas. Além desse, outro estudo brasileiro concluiu que os principais fatores relacionados à baixa escolaridade entre adolescentes infratores são a influência dos amigos, o uso de drogas e a prática de atos infracionais (Ceolin, 2003).

Também no que diz respeito a esta problemática, Feijó & Assis (2004) constataram que todos os adolescentes infratores sujeitos de sua pesquisa apresentaram baixa escolaridade e todos eles pararam de estudar antes de entrar para a vida infracional, o que favorece a hipótese de que o abandono escolar vem antes da delinquência, e não o contrário. As principais causas encontradas desse abandono foram a repetência escolar, problemas com os professores e a troca involuntária de escola (por exemplo, em função da mudança de domicílio).

Porém, se os pares se influenciam mutuamente, de forma importante e negativa na baixa escolaridade, no comportamento delinqüente e no uso de drogas, estariam os jovens solitários protegidos destas condutas? Demuth, em 2004, avaliou a relação entre a solidão e a delinquência juvenil, concluindo que os solitários praticam menos atos infracionais do que aqueles conectados socialmente (Demuth, 2004). No entanto, Markiewicz et al. (2001) encontrou que o comportamento pró-social prediz tanto uma melhor qualidade nas amizades quanto um comportamento mais afetivo com os amigos.

A partir dessas evidências reflete-se, de forma esquemática, a interdependência dos contextos e das variáveis implicadas no fenômeno da delinquência juvenil (Figura 2).

Figura 2 - Aspectos implicados na delinquência juvenil: Resumo dos estudos empíricos

Este esquema traduz as associações reveladas pelos trabalhos empíricos mais recentemente revisados, tornando visualmente evidentes as relações intersistêmicas implicadas no fenômeno da delinquência juvenil. Assim, a família, as drogas, os pares e os aspectos pessoais podem favorecer a conduta anti-social. Por sua vez, a delinquência mostra-se fortemente relacionada ao baixo desempenho e abandono escolar. Os pares parecem ter grande influência, também, no uso de drogas e no baixo desempenho escolar.

Não podemos concluir por simples relações de causa e efeito, até porque não parece se tratar disso. Sabe-se que esses fatores se influenciam mutuamente, mas não é tão claro como se dá este processo. No entanto, partindo-se desta revisão, pode-se arriscar que a família tenha um papel direto na conduta do filho durante a infância, mas indireto naquela conduta enquanto já adolescente. Afinal, a relação entre os pais, a rede social da mãe, a comunicação familiar, a estrutura hierárquica familiar, a estratégia educativa dos pais - enfim, todas as variáveis aqui vistas como relevantes para a conduta pró-social - são oriundas das primeiras percepções de mundo dos filhos e se estabelecem clara e intensamente para eles enquanto crianças.

Por sua vez, as marcas deixadas por uma má infância é o que, provavelmente, determina o refúgio na droga, o pobre vínculo com instituições (como a escola), a busca por pares drogaditos e anti-sociais, bem com a própria conduta delinqüente durante a adolescência. Neste momento, a família pouco consegue fazer no sentido de resgatar o seu

filho, pois esses adolescentes já estão identificados com os pares que, em geral, carregam as mesmas marcas.

Torna-se evidente que a delinquência juvenil não se baseia na solidão concreta, pois esses estudos mostram adolescentes acompanhados pelos pares e pelos familiares. De fato, a problemática reside na má qualidade das relações familiares durante a infância e, conseqüentemente, na pobre rede social que se estabelece na adolescência, sem escola, sem trabalho, com pares drogaditos e delinqüentes.

### **Considerações finais**

As interações que se evidenciam na revisão das pesquisas a respeito do tema, explicitam a complexidade do fenômeno em questão. Os jovens infratores enxergam a conduta anti-social como promotora de uma “vida fácil”, à parte das exigências do mundo adulto real. Por outro lado, a prevenção do comportamento agressivo e delinqüente, durante a infância e a adolescência é, ou deveria ser, uma das maiores prioridades da saúde pública e do combate ao crime. Afirma-se isso, não apenas pelas vítimas, que sofrem suas conseqüências de forma mais noticiada, mas porque a intervenção poderia modificar a história de vida desses adolescentes, que passariam a se acreditar cidadãos capazes das próprias conquistas.

As pesquisas e os trabalhos clínicos realizados nessa perspectiva poderão contribuir para a implantação de programas de prevenção que minimizem o impacto desses problemas sobre o desenvolvimento, e que evitem a continuidade e a escalada do comportamento anti-social da adolescência até a vida adulta. O diagrama explicativo aqui proposto não visa a simplificar a relação entre variáveis tão complexas, antes pelo

contrário, visa a mostrar a intrincada teia de relações que constituem e que são constituídas por esses jovens. Não se trata de simples relações de causa e efeito, mas de forças das mais variáveis intensidades, direções, sentidos, valências e durações.

Partindo dos dados empíricos aqui revisados, fica clara a pobre rede social desses jovens e suas conseqüências. Considerando que a rede social é depositária da própria identidade; e se são as relações empáticas e de apoio mútuo com esta rede que permitem a cada sujeito a construção do seu próprio ser, poder-se-ia caracterizar esses jovens como mutilados e, portanto, necessitados de um real reparo que inaugurasse a capacidade de auto-realização pelos atos.

Presume-se, portanto, que qualquer medida de controle desta conduta deve prever, além do próprio jovem, a sua família e, principalmente, a sua rede social, tornando-as mais favoráveis. É importante distinguir o que é ser “favorável” de fato daquilo que grassa no imaginário popular. A crença de que o adolescente infrator é produto da “falta de laço” na infância, por exemplo, é muito difundida e semeia culpa nos cuidadores, isso quando não provoca condutas de abuso físico pelos pais, que acreditam estarem, desta forma, conquistando respeito e obediência. Também a velha máxima de que “filho de peixe, peixinho é” parece não ser de todo verdadeira, já que a influência dos pares na adolescência parece ter um papel maior do que a própria família. Por outro lado, as máximas “diga-me com quem andas que eu direi quem és” e “mais vale só do que mal acompanhado” de modo geral refletiu a realidade, ao menos na adolescência.

Contextualizar esse jovem é tornar complexo o pensar a questão da delinqüência, o estabelecer prioridades em termos de intervenções e tornar complexas também as ações públicas e/ou privadas. As medidas que consideram o ecossistema desses jovens podem ser medidas mais caras e de processo mais lento de implantação e execução, mas, com base no

produzido pela comunidade científica até aqui, são as de maior impacto e poder de resolução, senão as únicas.

## Referências

- Adorno, R. C. F. (1998). *Caracterização das famílias de jovens privados de liberdade da FEBEM/SP*. Unpublished manuscript.
- American Psychological Association. (2001). *Manual de publicação*. (4<sup>a</sup> ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Assis, S. G. & Souza, E. R. (1999). Criando Caim e Abel - Pensando a prevenção da infração juvenil. *C S Col*, 4 (1).
- Assumpção Jr, F. B. (1994). Entrevista familiar. In: Vozes (ed.), *Psiquiatria da infância e da adolescência* (pp. 71-78). São Paulo: Santos.
- Attneave, R. & Ross, S. (1982). *Redes familiares*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Balcani, G., Ferraris, S., Marano, G. (1995). Centros educativos para la producción total. In: E. E. Dabas & D. Najmanovich (Ed), *El lenguaje de los vínculos* (pp.135-148). Buenos Aires: Paidós.
- Barry, T. D., Dunlap, S. T., Cotten, S. J., Lochman, J. E., Wells, K.C. (2005). The influence of maternal stress and distress on disruptive behavior problems in boys. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 44 (3), 265-273.
- Bertalanfy, L. (1993). *Teoría general de los sistemas*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Caputo, R. K. (2004). Parent religiosity, family processes, and adolescent outcomes. *Fam Soc*, 85 (4), 495-510.

Ceolin, L. (2003) *A Construção dos Vínculos Afetivos e Sociais do Adolescente em Conflito com a Lei*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Davis, C., Tang, C., Ko, J. (2004). The impact of peer, family and school on delinquency. *Int Social Work*, 47 (4), 489-502.

Demuth, S. (2004). Understanding the delinquency and social relationships of loners. *Youth and Society*, 35 (3), 366-392.

Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS (Ed.). (2002, Abril). *Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas de Internação e Semiliberdade – PEMSEIS*. (Disponível na Fase-RS, Av Padre Cacique, 1372, Porto Alegre/RS).

Elkaïm, M. (1989). *Las Prácticas de la terapia de red*. Barcelona: Gedisa.

Feijó, M.C. & Assis, S.G. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estud. Psicol*, 9 (1).

Husler, G., Plancherel, B., Werlen, E. (2005). Psychosocial predictors of cannabis use in adolescents at risk. *Prev Sci*, 6(3), 237-244.

Johnson, K. D., Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R. (2005). Predictors of social network composition among homeless and runaway adolescents. *J Adolescence*, 28 (2), 231-248.

Laible, D. J., Carlo, G., Roesch, S.C. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: the role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviours. *J Adolescence*, 27 (6), 703-716.

Markiewicz, D., Doyle, A. B., Brendgen, M. (2001). The quality of adolescents' friendships: associations with mothers' interpersonal relationships, attachments to parents and friends, and prosocial behaviors. *J Adolesc*, 24 (4), 429-445.

Minuchin, S. (1982). *Famílias - funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

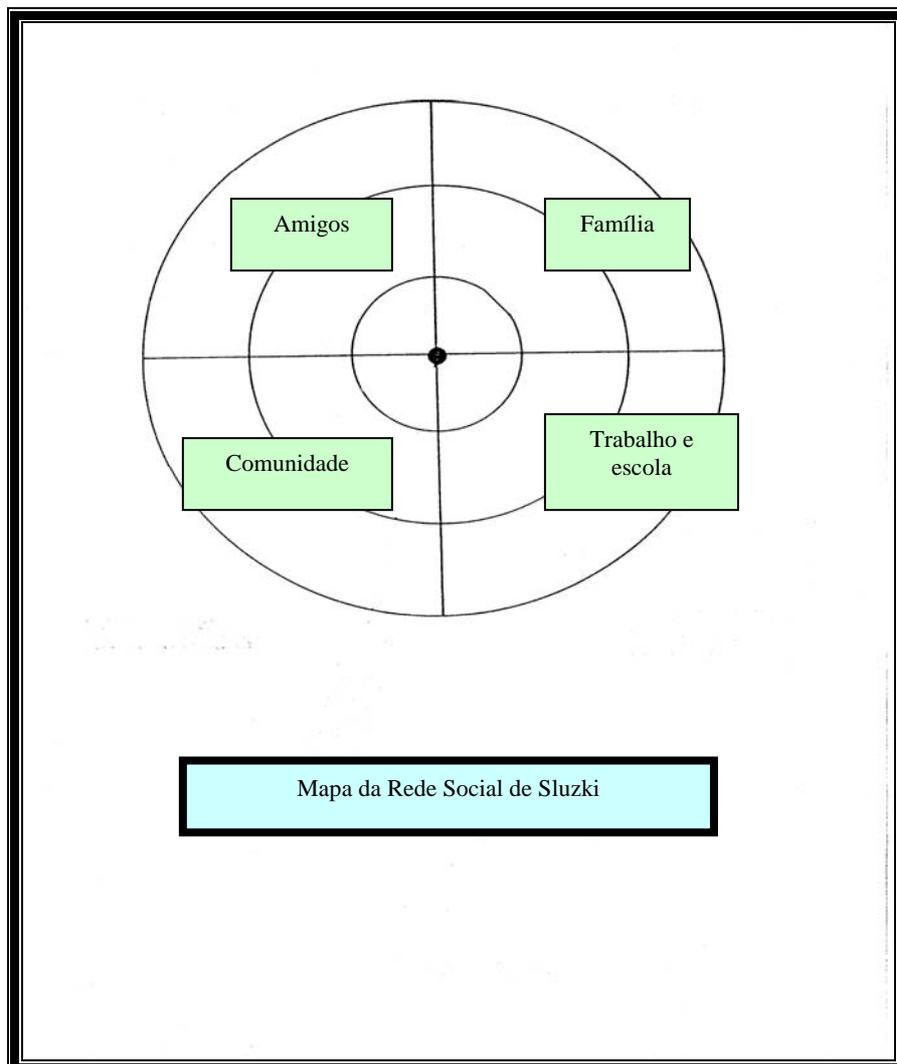
Morin, E. (1994). La noción de sujeto. In: Fied S, Dora. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad* (pp 67-90). Buenos Aires: Paidós.

Sluzki, C. E. (1996). *La Red Social: Frontera de la Pratica Sistêmica*. Barcelona: Gedisa.

Stouthamer-Loeber, M., Wei, E., Loeber, R., Masten, A.S. (2004). Desistance from persistent serious delinquency in the transition to adulthood. *Develop and Psychopathol*, 16, 897-918.

Valdés, M., Serrano, T., Rodríguez, J., Roizblatt, A., Florenzano, R., Labra, J. F. (1997). Características del funcionamiento familiar que predicen conductas de riesgo en adolescentes y sus familias. *Cuad. Méd. Soc*, XXXVIII (4), 14-21.

Windle, M., & Mason, W. A. (2004). General and specific predictors of behavioral and emotional problems among adolescents. *J of Emotional and Behavioral Disorders*, 12 (1), 49-61.



**Figura 1 – Mapa da Rede Social de Sluzki**

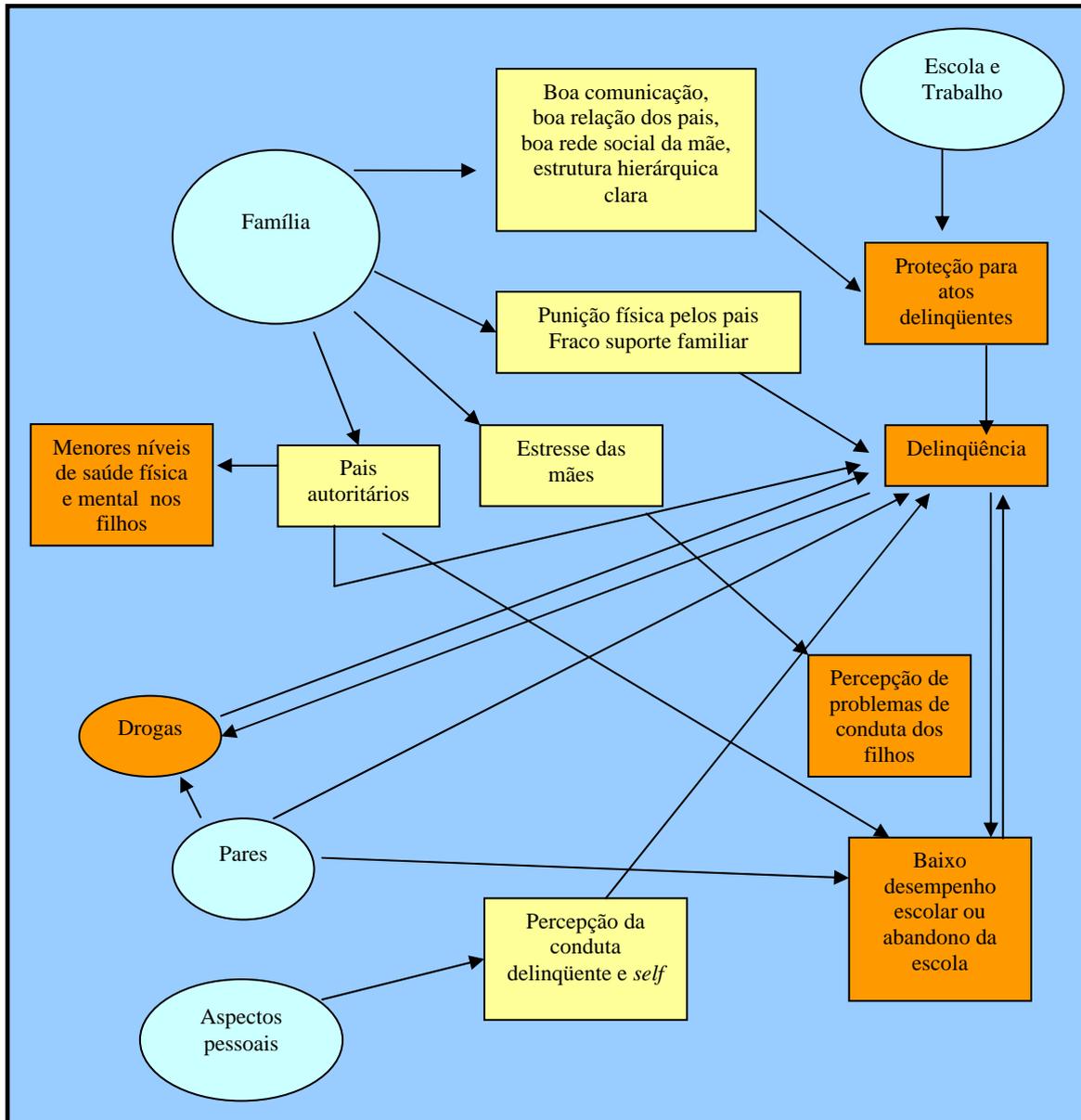


Figura 2 - Aspectos implicados na delinquência juvenil: Resumo dos estudos empíricos

**ADOLESCENTES INFRATORES: REDE SOCIAL E FUNCIONAMENTO  
FAMILIAR**

**ADOLESCENT TRANSGRESSORS: SOCIAL NETWORK AND FAMILIES  
FUNCTIONING**

---

Bianca M. Branco\*\*

Profa. Dr. Adriana Wagner\*<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

\*Professora, PhD, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; Psicologia Social e da Personalidade.

\*\*Mestranda do Grupo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; Psicologia Social e da Personalidade; instituição de fomento à pesquisa: Capes.

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Psicologia. Av. Ipiranga, 6.681, CEP 90619-900 – Porto Alegre/RS; e-mail: [wagner@pucrs.br](mailto:wagner@pucrs.br).

**ADOLESCENTES INFRATORES: REDE SOCIAL E FUNCIONAMENTO  
FAMILIAR**

**ADOLESCENT TRANSGRESSORS: SOCIAL NETWORK AND FAMILIES  
FUNCTIONING**

Resumo

O objetivo desse estudo é identificar as características da rede social dos internos da Fase-RS que cumprem medida de ICPAE (interno com possibilidade de atividade externa). Também caracterizar suas famílias, quanto aos aspectos sócio-bio-demográficos e à percepção do funcionamento familiar por esses adolescentes. Foram investigados cinco adolescentes que tiveram progressão para ICPAE, utilizando-se a metodologia de Estudo de Caso, através da confecção do mapa da rede social e da escala GARF (Global Assessment of Relational Functioning Scale) para avaliação do funcionamento familiar. Nenhum dos cinco adolescentes avaliados preencheu o quadrante trabalho/escola da rede social. Dos cinco adolescentes, três preencheram apenas os quadrantes família e amigos. O total de membros e instituições incluídas no mapa da rede social variou entre seis e doze. As notas de funcionamento familiar foram baixas. Dos cinco adolescentes, apenas um não tem história de ato infracional na família e também apenas este não tem história de uso ou venda de drogas.

Palavras-chave: Adolescente; Família; Infrator; Rede social.

Abstract

This study's goal is to identify the characteristics of the adolescents' social network, who were convicted to Fase-RS's internment, executing ICPAE (from Portuguese, intern with possibility of external activity). Also to characterize their families, regarding socio-bio-

demographic aspects and the interns perception of their families functioning. Five adolescents who progressed to ICPAE were studied through the case study methodology, by the confectioning of their social network map and by the use of the GARF scale (Global Assessment of Relational Functioning Scale). None of the five adolescents evaluated used the work/school quadrant of social network. Of the five adolescents, three used only the family and friends quadrants. The total members and institutions included in the social network map varied between six and twelve. The scores for family functioning were low. Of the five adolescents, only one does not have history of infraction in the family and also the same one does not have history of drug use or trade.

Keywords: Adolescent; Family; Social network; Transgressor.

## Introdução

A adolescência é uma fase caracterizada pela transição em vários domínios do desenvolvimento, seja biológico, cognitivo ou social; por conflitos internos e lutos que exigem do adolescente a elaboração e a ressignificação de sua identidade, imagem corporal, relação com a família e com a sociedade (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002).

Além de toda conflitiva interna própria desta fase, estudos têm atentado para os determinantes situacionais da conduta destes jovens e, dentre esses, o vigente estudo visa elucidar mais especificamente a rede social e, inclusa nela, a família do adolescente infrator. A adolescência é um período crítico no desenvolvimento das relações sociais e, neste período, os vínculos deixam de ser centrados na família. Normalmente, deslocam-se para a relação com os pares, sejam colegas, amigos ou parceiros românticos com os quais o jovem se sente apoiado. Eles desenvolvem habilidades sociais através dessas relações, onde compartilham experiências, emoções e conhecimentos. Entretanto, o desenvolvimento da adolescência saudável requer um equilíbrio entre o apoio da família, associações formais (como professores) e apoios informais, tais como amigos e pares da mesma idade (Johnson, Whitbeck, Hoyt, 2005).

A literatura especializada registra que algumas características familiares têm sido consideradas preditoras de conduta pró-social ou protetora dos atos infracionais dos jovens. São elas: a estrutura hierárquica definida (Valdés, Serrano, Rodríguez, Roizblatt, Florenzano, Labra, 1997), a boa qualidade da relação entre os pais (Markiewicz, Doyle, Brendgen, 2001), o estabelecimento de um padrão de apego seguro pelo jovem (Laible, Carlo, Roesch, 2004), a boa qualidade de comunicação do jovem com os pais e entre eles (Valdés e cols. 1997), bem como menos atitudes autoritárias pelos progenitores (Caputo, 2004; Stouthamer-Loeber, Wei, Loeber, Masten, 2004).

No entanto, a importância da rede social, além da família, desses jovens, neste comportamento, também tem sido evidenciada em alguns estudos. Nessa rede, está comprovada a importância da influência dos pares na prática do ato infracional (Caputo, 2004; Ceolin, 2003; Davis, Tang, Ko, 2004; Stouthamer-Loeber e cols. 2004; Windle, Mason, 2004).

Também parece claro que a delinquência está imbricada com aspectos relativos à baixa escolaridade (Ceolin, 2003) e ao uso de drogas (Husler, Panchere, Werlen, 2005; Stouthamer-Loeber e cols. 2004; Windle, Mason, 2004). Quanto à importância da rede social, encontrou-se que estar empregado ou na escola, no início da idade adulta, são fatores protetores da recaída no ato infracional (Stouthamer-Loeber e cols. 2004).

No Rio Grande do Sul, os adolescentes infratores são julgados por um juiz da Infância e da Adolescência e podem ser condenados à medida sócio-educativa, a ser cumprida na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase). O programa da Fase está organizado em dois eixos: o processo de execução de internação e o de semiliberdade. Dentro da execução da internação, o adolescente pode cumprir a medida de ICPAE - interno com possibilidade de atividade externa ou de ISPAE - interno sem possibilidade de atividade externa.

Partindo, então, desses pressupostos empíricos e refletindo sobre a prática exercida para o cumprimento da medida sócio-educativa (ICPAE), o objetivo deste estudo é identificar as características da rede social dos adolescentes que cumprem a medida de internação – ICPAE, avaliar esta medida e caracterizar as famílias desses internos, quanto aos aspectos sócio-bio-demográficos e quanto à percepção destes jovens do funcionamento de sua família.

### Método

O método utilizado nesta pesquisa é o Estudo de Caso Individual, proposto por Stake (2005), que busca, especialmente, o que pode ser aprendido a partir do caso singular. Portanto

foram feitas articulações entre a construção dos Mapas da Rede Social, os dados de avaliação da medida de ICPAE e do funcionamento familiar de cada sujeito estudado, de forma que esses instrumentos se constituíssem em óticas diferentes e complementares do mesmo objeto.

### Participantes

Foram estudados cinco adolescentes infratores que estavam cumprindo algum período dos dois primeiros meses da medida de ICPAE na Fase-RS e que aceitaram participar da pesquisa.

### Instrumentos

Foram utilizados o Instrumento de Caracterização do Núcleo Familiar dos Adolescentes ICPAE, o Instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE, versão do adolescente e da monitoria/equipe técnica, o Mapa da Rede Social (Sluzki, 1996), a entrevista semi-estruturada (Meneses, 2004) e a GARF (Kaslow, 1996).

O Instrumento de Caracterização do Núcleo Familiar dos Adolescentes ICPAE recolheu dados sócio-demográficos de identificação e caracterização do núcleo familiar desses jovens;

A GARF avaliou essencialmente a satisfação das necessidades dos sujeitos, a flexibilidade de papéis, os conflitos, a hierarquia, o reconhecimento das características pessoais dos membros da família e a expressão de sentimentos. A GARF é uma escala diagnóstica do funcionamento familiar consagrada na literatura internacional e validada para o uso em nosso meio (Falceto, Busnello, Bozzetti, 2000), Os escores da GARF estão distribuídos em quatro categorias: de 81 a 100 - funcionamento familiar bom com relações afetivas, calorosas e aconchegantes e sem grandes conflitos que, quando presentes, são resolvidos com comunicação satisfatória; de 61 a 80 - padrão de relacionamento familiar de

alguma forma insatisfatório, mas com resolução sem grandes frustrações e conflitos para os problemas e presença de relações afetivas de amor e respeito; de 41 a 60 - família com momentos de satisfação, mas com predomínio de relações insatisfatórias e de comunicação inviabilizada por conflitos não resolvidos; e de 21 a 40 - família claramente disfuncional, com presença de poder tirânico ou muito negligente, contato afetivo raramente satisfatório e conflitos não resolvidos (Tucci, Kerr-Correa, Dalben, 2001);

O Mapa da Rede Social tem sido utilizado em várias pesquisas (Sluzki, 1996; Dabas, 1995; Elkaim, 1989), mostrando-se útil para a compreensão da estrutura e funcionamento das redes sociais. Este mapa consiste em três círculos concêntricos divididos em quatro quadrantes: família, amigos, escola-trabalho e comunidade. O núcleo do círculo representa o sujeito, o primeiro círculo e menor, indica a proximidade e a importância que o adolescente dá aos sistemas ali existentes; o segundo círculo se constitui por pessoas que têm menor proximidade e importância para ele; finalmente, no terceiro círculo, se colocam as pessoas que compartilham com o adolescente de forma mais distante. Foram utilizados adesivos, cada um representando um indivíduo ou instituição, já em formatos redondos (cor vermelha para as mulheres e azul para os homens) ou de triângulos (instituições). Os adesivos tinham dois tamanhos: grande (que representaram pessoas com mais de 21 anos) e pequeno (que representaram pessoas entre 0 e 21 anos), o que facilitou o reconhecimento visual da homogeneidade ou heterogeneidade da rede;

A Entrevista Semi-estruturada foi proposta por Meneses (2004), com questões que visam esclarecer categorias específicas da rede social. Para a dimensão estrutural, as categorias são o tamanho da rede, a densidade, a distribuição, a dispersão e a homogeneidade. Para a dimensão funcional, são a companhia social, o apoio emocional, o guia cognitivo, a regulação social, a ajuda material e de serviços e o acesso a novos contatos;

A Avaliação da Medida de ICPAE foi desenvolvida para esta pesquisa e considera como variáveis os atrasos no retorno, fuga, necessidade de medidas disciplinares, uso de drogas, reincidência no ato infracional, o comprometimento com a escola e o comprometimento com atividades laborais. Essas variáveis foram obtidas do programa de inserção comunitária e acompanhamento de egressos da FEBEM/RS, elaborado em 2001. (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS, 2002). A nota deste instrumento pode variar entre 08 e 32, sendo que 32 é a melhor nota de cumprimento da medida e 08, a pior. Para fins de padronização, para este estudo, estipulou-se que as notas de 8 a 16 seriam ruins, de 17 a 24, limítrofes, e de 25 a 32, boas.

#### Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa foi autorizada pela presidência da Fase-RS, pelo Juizado da Infância e da Juventude e aprovada pelo Comitê de Ética da PUCRS. Os dados foram coletados em uma sala da própria Fase, e os adolescentes foram orientados a serem sinceros e tranquilizados quanto ao sigilo desses dados e quanto a não utilização desses pelo juiz.

As perguntas do Instrumento de Caracterização do Núcleo Familiar dos Adolescentes ICPAE foram feitas verbalmente ao jovem. Em seguida, a partir de uma entrevista individual com o adolescente, o funcionamento familiar recebeu uma nota, conforme a GARF. O entrevistador já tinha experiência de uso do instrumento.

Com vistas à avaliação da rede social, os adolescentes foram convidados a criarem a sua rede social, sendo esta etapa gravada em fitas de áudio. Eles tiveram à disposição adesivos e o mapa, proposto por Sluzki (1996), e foram questionados com as seguintes perguntas: Quem são as pessoas importantes na tua vida?, Com quem podes contar?, Por que escolheste esta pessoa?, Qual é a função, o papel desta pessoa na tua vida?, Como é esta pessoa? Que idade tem? Escolaridade? Trabalho? Colados os adesivos, os diferentes nós da rede social

foram conectados, de forma graficamente diferenciada, conforme proposto por McGoldrick e Gerson (2003), que propuseram representações diferenciadas para relações conectadas, separadas, aglutinadas, muito conectadas, conflitivas ou interrompidas. Isso concluído, foram feitas as perguntas do questionário proposto por Meneses (2004), de forma a enriquecer o mapa e torná-lo mais fidedigno.

O instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE foi aplicado levando em consideração, além da percepção do próprio interno, a de um representante da equipe técnica e outro da monitoria. Esses representantes foram escolhidos conforme a sua disponibilidade e foram priorizados aqueles que afirmavam conhecer melhor o adolescente. A equipe técnica é uma equipe formada por psicólogos, assistentes sociais e educadores e é responsável pela realização dos relatórios avaliativos dos adolescentes a cada audiência, bem como pelo contato com as famílias, com as escolas e pelas visitas domiciliares. Os monitores são funcionários que convivem no dia-a-dia com os jovens, colocando limites e estabelecendo medidas disciplinares. Essas três visões foram levadas em consideração, tendo em vista que a visão única do adolescente seria de pouca confiabilidade, na medida em que eles poderiam temer que estas revelações viessem a julgamento, mesmo tendo sido orientados do contrário. É importante ressaltar esta visão interdisciplinar, até porque os adolescentes da Fase costumam fazer suas queixas de um setor para outro, por exemplo, da monitoria para a equipe técnica.

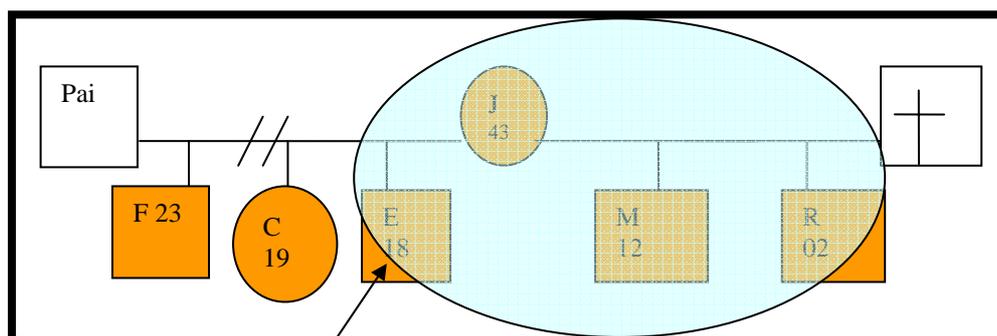
## Resultados

Os dados da pesquisa serão apresentados caso a caso, na seguinte ordem: resumo da história do adolescente, genograma montado a partir do que o adolescente disse considerar sua família, nota GARF do funcionamento familiar, nota quanto ao sucesso da medida de ICPAE e o Mapa da Rede Social.

### Adolescente Eduardo – A Ovelha Negra

Ele tem 18 anos e cursa o 1º ano do ensino médio. Repetiu uma vez a 2ª, 3ª, 4ª e 6ª séries, segundo ele, devido a constantes mudanças de cidade. Afirma que começou a traficar aos 15 anos, por curiosidade e adrenalina. A família, segundo relato do Eduardo, teria descoberto suas atitudes ainda em 2003, quando ele recebeu medidas de liberdade assistida (LA) e programa de serviço à comunidade (PSC) por furto e agressão. Ele diz que, inicialmente, a família o xingou e como descobriram que ele estava fazendo uso de cocaína, o internaram para tratamento da drogadição. Afirma ter ficado lá por seis meses e ter fugido, voltando para o tráfico. Em abril de 2005, foi internado pela 1ª vez na Fase por roubo qualificado, em medida de ISPAE.

Após questionamento direto de quem seria sua família, Eduardo falou da mãe J., de 40 anos, e dos irmãos F. de 23, C. de 19, M. de 12 e R. de 02 anos. A mãe estudou até a 6ª série, o F. e a C. conseguiram concluir o 3º ano do 2º grau. M. está na 6ª série. Ele não citou voluntariamente nem o pai (que é separado da mãe) e nem o padrasto (que faleceu há 02 anos, em acidente de carro).



**Figura 1 – Percepção do adolescente Eduardo sobre sua família**

Em laranja, a família do adolescente Eduardo, segundo ele próprio, sendo que os demais não foram mencionados de forma espontânea. O grande círculo representa os que habitam a mesma casa.

Na mesma casa que Eduardo, moram apenas a mãe e os dois irmãos caçulas. Nesta casa, portanto, a mãe é a única que trabalha e ganha cerca de três salários mínimos mensais.

Os dois irmãos mais velhos trabalham, mas já saíram de casa. O irmão F. ganha cerca de sete a oito mil reais mensais. A irmã C. ganha 02 salários mínimos mensais, o que mostra a heterogeneidade dos membros desta família.

A princípio, ele nega que haja outros membros da família alguma vez envolvidos em atos infracionais, mas, ao longo da entrevista, revela que o pai e o primo J. já estiveram envolvidos no passado. Quando questionado diretamente sobre o pai, que não tinha aparecido de modo espontâneo, disse que eles não se fecham. Afirma que o pai teve muitas privações financeiras na infância, chegando inclusive a ser preso, mas que conseguiu superar as dificuldades e que hoje está bem, mas absolutamente distante de todos da família.

A nota GARF de avaliação do funcionamento familiar ficou em 55, o que significa que a família tem momentos de satisfação, mas com predomínio de relações insatisfatórias e de comunicação inviabilizada por conflitos não resolvidos. A tomada de decisões é só intermitentemente competente e efetiva. Apesar de haver algum calor e apoio entre os membros, há o sentimento, em Eduardo, de ser o preterido na família.

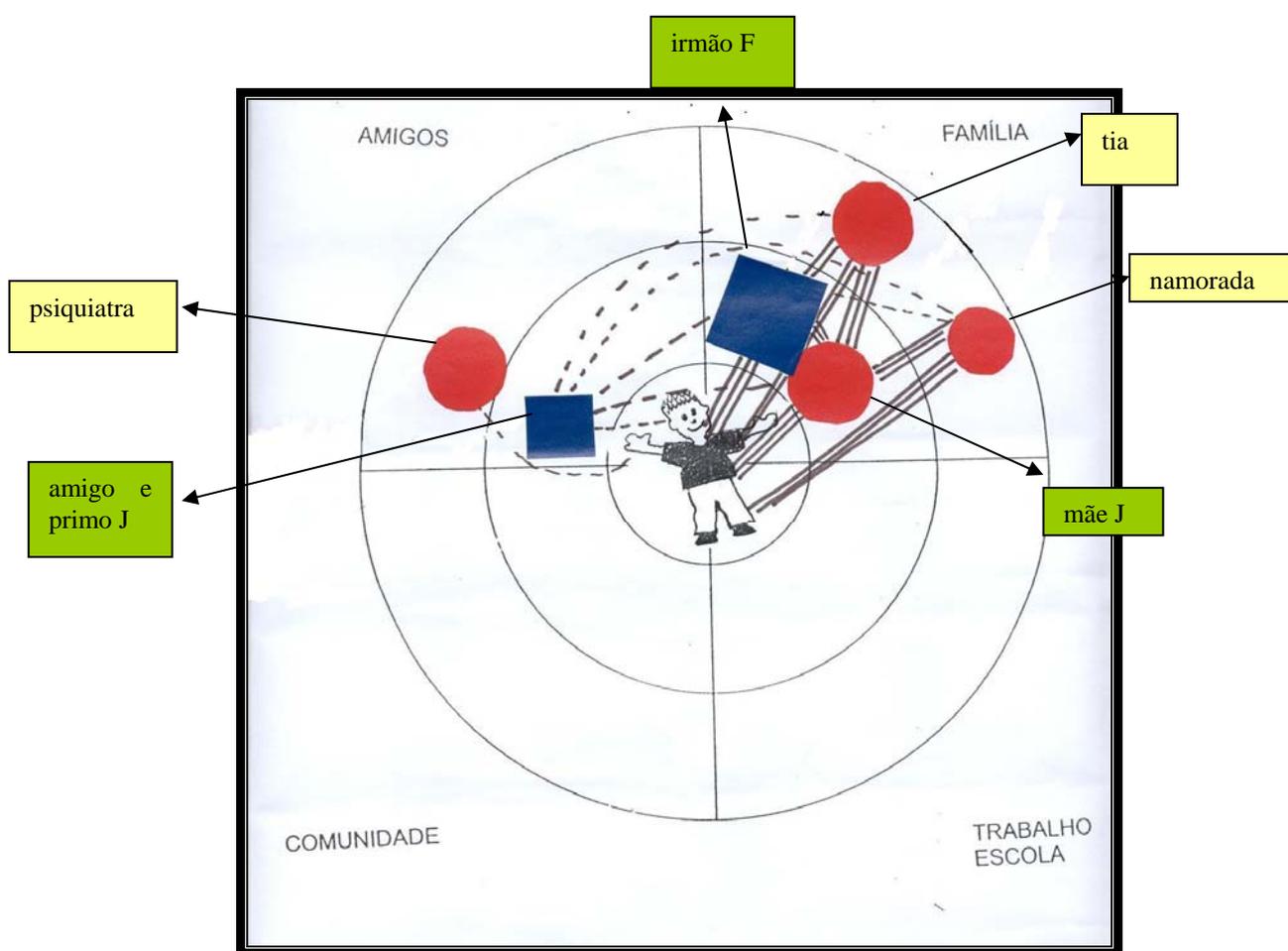
Eduardo avaliou sua medida de ICPAE com nota 25, a técnica, com nota 32 e a monitoria, com nota 26. Considerando que a melhor nota seria 32, ele obteve o resultado bom em todas as avaliações.

O mapa da rede social do adolescente Eduardo

As duas primeiras pessoas escolhidas como mais importantes e com quem ele mais poderia contar foram a mãe e o irmão F. A 3ª pessoa foi um amigo, que mais tarde se revelou como primo também, mas que foi colocado no quadrante amigos, o J. Este amigo tem idade próxima a dele, cresceram juntos e chegaram a praticar roubo juntos, mas, segundo Eduardo, apenas uma vez, quando eu convidei.

Depois de inserir essas três pessoas ele, no momento da Entrevista Semi-estruturada (Meneses, 2004), acrescentou mais três pessoas. A namorada entrou no quadrante família,

quando lhe foi perguntado com qual pessoa ele teria mais proximidade física (questo dispersão). Quando questionado quem o ajudava a se controlar e a ter mais limite (questo regulação social), ele respondeu acrescentando a psiquiatra da Fase no quadrante amigos. Quando perguntado sobre se teria alguém de um contexto religioso, no quesito acesso a novos contatos ele lembrou da tia, segundo ele, muito religiosa, e a acrescentou no quadrante família.



**Figura 2 – Mapa da rede social de Eduardo**

Observar, em verde, os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os lembrados a partir da entrevista sobre o mapa.

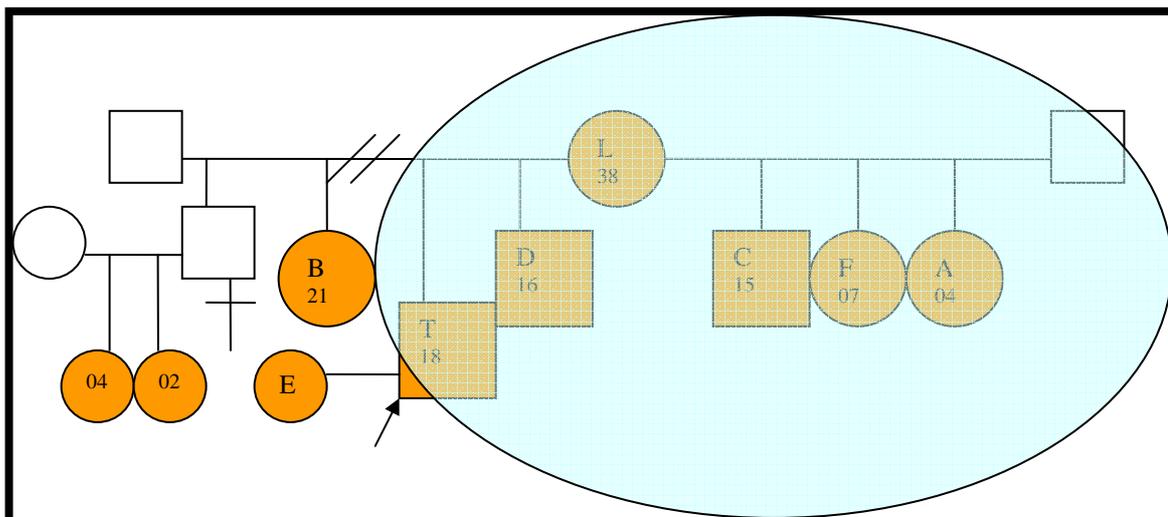
O tom da entrevista foi de desconfiança e de sentimento de diferença em relação aos demais membros familiares, parecendo sentir-se uma ovelha negra, como fica claro nas seguintes falas: é difícil ter alguém com a mesma mente que eu ou O meu irmão mais velho,

ele não dá importância para a questão do agito dentro de casa; quando eu estou dentro de casa, fica uma baderna, bagunçando. Várias vezes, ele falou da dificuldade em confiar nas pessoas.

#### Adolescente Tadeu – O Abrigado

Tadeu tem 18 anos e cursa o 1º ano do 2º grau. Seus pais se separaram há mais de 10 anos. O pai bebia e era muito agressivo, tanto com a esposa, quanto com seus filhos. Aos 14 anos, o jovem teve de cumprir PSC, em LA, por porte ilegal de arma. Em 2003, seu irmão mais velho foi morto por suspeita de roubo, por um grupo pertencente ao tráfico. Nesta mesma época, com 15 anos, Tadeu foi encaminhado para um abrigo, através da Justiça, por encontrar-se em situação de conflitos agressivos com seu pai e de risco de morte na comunidade (tinha sido acusado de queimar uma casa). No entanto, enquanto no abrigo, não ia ao trabalho, gazeava aulas, não visitava familiares, fugia, usava drogas, tais como loló e crack, não cumprindo as normas da LA. Teve mais dois ingressos, de curto período, na Fase, em 2004, por arrombamento e descumprimento do PSC e, um mês depois, por porte ilegal de arma. Em 2005, teve o atual ingresso, por participação em roubo qualificado, com regressão provisória da medida de meio aberto. Faz questão de dizer que o seu mapa da rede só é pobre assim desde o momento em que foi para o abrigo, se afastando da família. A família só teria descoberto o envolvimento dele em atos ilícitos quando da primeira ocorrência policial, também há quatro anos. Afirma que, quando a mãe descobriu, ia visitá-lo no abrigo, para tentar dissuadi-lo de cometer crimes, mas sem sucesso.

Quando questionado diretamente sobre quem era a sua família, ele respondeu a mãe L. (38 anos), os cinco irmãos cujas idades variam entre 04 e 21 anos (dois do mesmo pai e mãe e três apenas da mesma mãe), a namorada E. (19 anos), e duas sobrinhas (02 e 04 anos), filhas do irmão assassinado.



**Figura 3 – Percepção do adolescente Tadeu sobre sua família**

Em laranja, a família do adolescente Tadeu, segundo ele próprio, sendo que os demais não foram mencionados de forma espontânea. O grande círculo azul representa os que habitam a mesma casa.

A mãe estudou até a 3<sup>a</sup> série apenas. A irmã B., de 21 anos, estudou até a 6<sup>a</sup> série; já o D., de 16 anos, está na 8<sup>a</sup> série; o C., de 15 anos, no 1<sup>o</sup> ano do 2<sup>o</sup> grau e a F., de 07 anos, na 1<sup>a</sup> série. A namorada cursa o 1<sup>o</sup> ano do 2<sup>o</sup> grau.

Na mesma casa do Tadeu, moram a mãe, o padrasto, os irmãos D., C., e as irmãs F. e A. Na casa, o padrasto é o único que trabalha e que contribui financeiramente com as despesas da casa, ganhando cerca de um salário mínimo mensal. Quando questionado quanto aos demais da família, ele afirma que a irmã B. está tentando conseguir um emprego, mas ainda não teve sucesso. O irmão D. e a namorada de Tadeu trabalham, mas não contribuem com as despesas da casa.

Quanto aos membros familiares envolvidos em atos infracionais, ele cita o tio J. que está preso por roubo e que, quando pega semi-aberto, foge. Também fala de um primo, filho do tio N., que rouba e que já esteve preso três vezes.

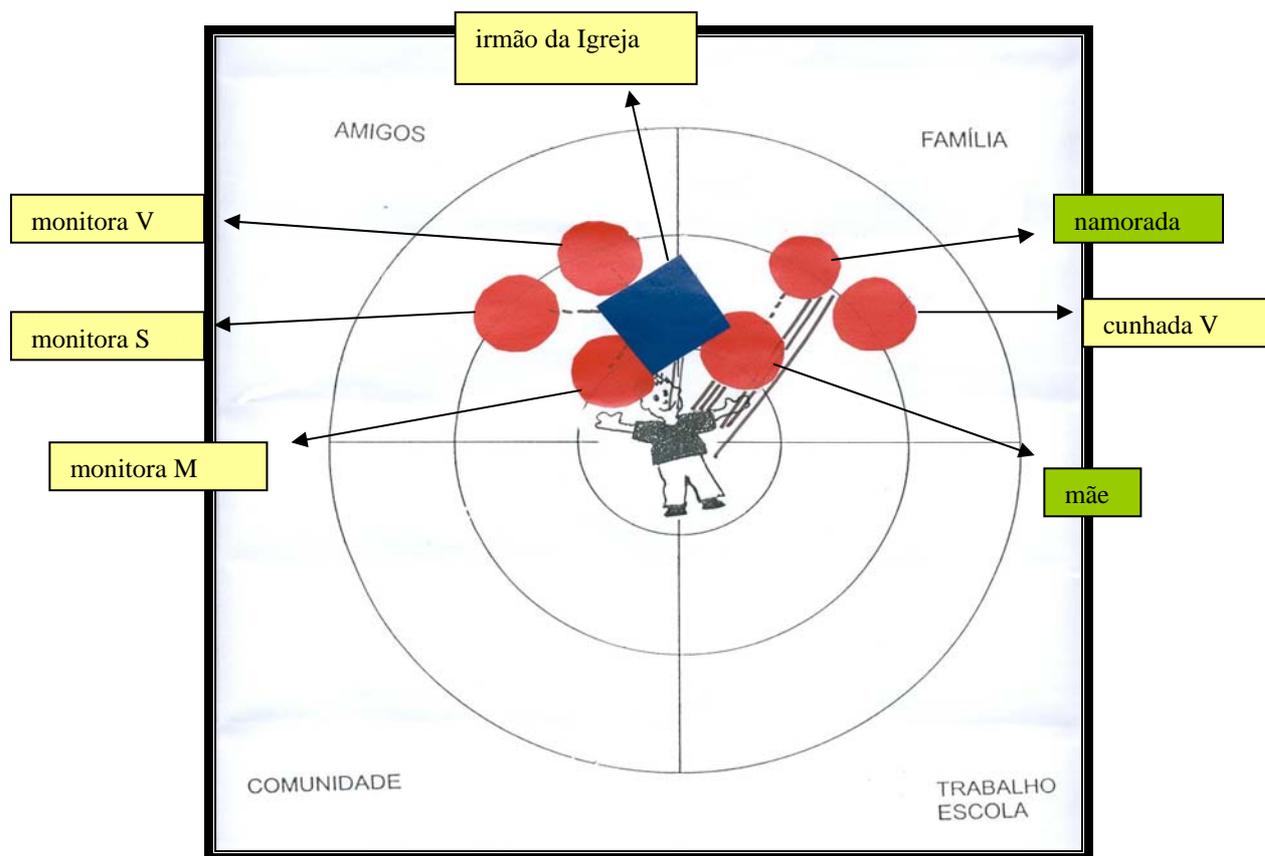
A nota GARF do funcionamento familiar foi 30, o que significa que a família é claramente disfuncional, com presença de poder muito negligente, contato afetivo raramente satisfatório e conflitos não resolvidos.

O Tadeu avaliou sua medida de ICPAE com nota 26. Já a equipe técnica deu nota 27, e a monitoria, nota 21. Portanto, ele e a equipe técnica consideraram que ele estava tendo uma boa medida, já a monitoria, a considerou limítrofe.

O mapa da rede social do adolescente Tadeu

Quanto ao mapa da rede social, também este adolescente não inseriu nenhum membro ou instituição nos quadrantes trabalho e escola e comunidade. Primeiramente, Tadeu o construiu considerando apenas a namorada e a mãe, ambas colocadas no quadrante família.

Com a Entrevista Semi-estruturada, surgiram os demais integrantes. Três monitoras foram inseridas no quadrante amigos, quando perguntado quem o ajudava a se controlar, colocando limites, isto é, quesito regulação social. A cunhada V. foi incluída no mapa no quadrante família quando respondeu à questão de quem dá a ajuda material. O irmão da igreja foi incluído no mapa na intersecção do quadrante família com amigos, quando ele foi questionado diretamente sobre a existência de algum representante religioso que ele sentisse que poderia contar como importante para ele.



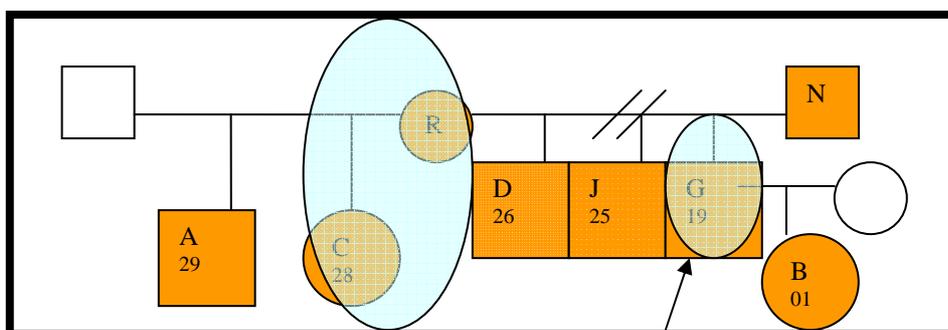
**Figura 4 – Mapa da rede social de Tadeu**

Observar, em verde, os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os lembrados a partir das perguntas sobre o mapa.

#### Adolescente Guilherme – O Solitário

Guilherme tem 19 anos e cursa a 8ª série. Afirma que, aos 9 anos, começou a fumar cigarros e canabis e, depois, a fumar crack e cheirar loló. Com 14-15 anos, pôs-se a roubar para comprar drogas e besteiras e para o videogame. Os pais teriam descoberto o uso de drogas quando Guilherme estava ainda com 09-10 anos. Então, sua mãe batia nele, ele fugia de casa e o pai o trazia de volta, mas ele tornava a fugir. Com 15 anos, contou para os pais que roubava. A mãe, então, passou a ameaçar de não o visitar se ele fosse preso. Ele recebeu medida de PSC, em Janeiro de 2005, por assalto à mão armada, mas, não cumprindo a medida, foi privado de liberdade.

Quando questionado sobre quem era sua família, afirmou ser formada pela mãe R., pelo pai N., pelos meio-irmãos A. (28 anos) e C. (29 anos), pelos irmãos D. (26 anos) e J. (25 anos), além da filha B. (1 ano e 4 meses).



**Figura 5 – Percepção do adolescente Guilherme sobre sua família**

Em laranja, a família do adolescente Guilherme, segundo ele próprio, sendo que os demais não foram trazidos de forma espontânea. Os círculos azuis representam os que habitam a mesma casa. Não soube informar a idade dos pais.

Seu pai nunca estudou, a mãe concluiu o 2º grau. Quanto aos irmãos de mesmo pai e mãe, o D. concluiu a 5ª série, o J., a 4ª. Dos meio-irmãos, ambos concluíram o 2º grau. Os seus pais são separados, portanto, na casa de Guilherme moram apenas, atualmente, a mãe e a irmã C.

Trabalham a mãe, o pai e os meio-irmãos. Guilherme não tem nem idéia da renda média mensal dos membros da sua família, nem daqueles que moram com ele. Os irmãos J. e D. estão presos no presídio central, no momento, por cometerem assalto.

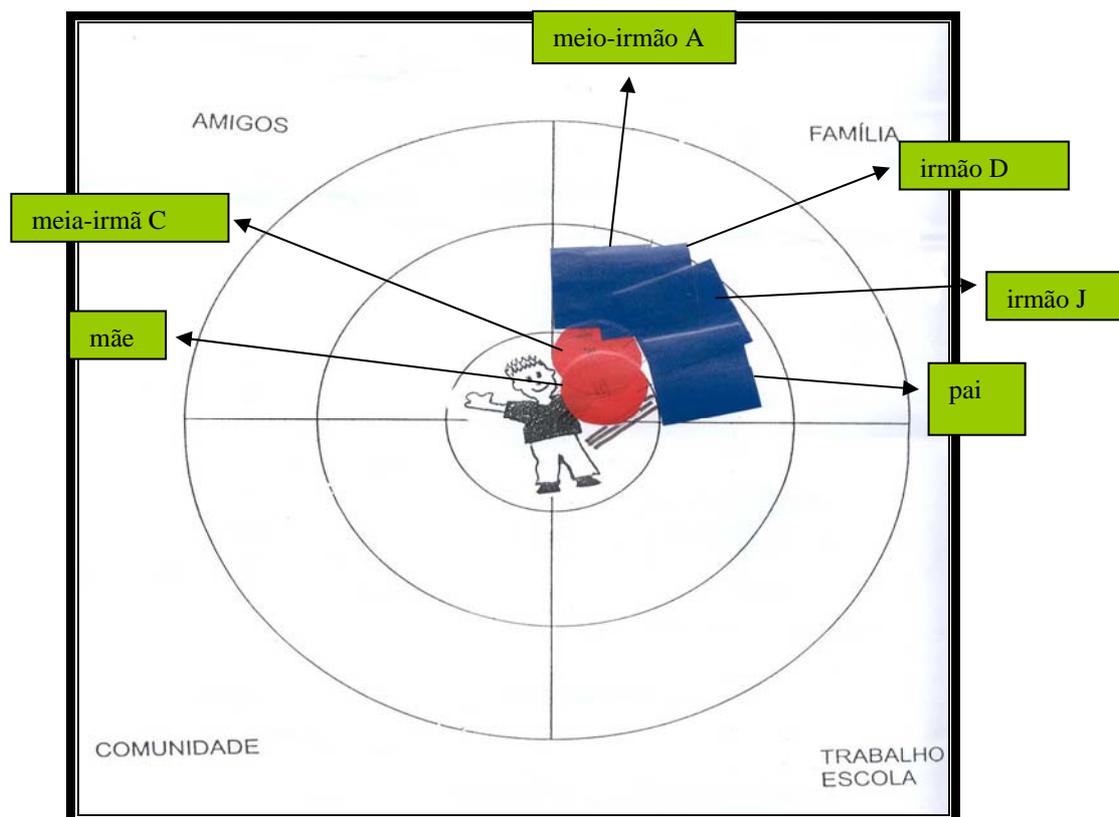
O funcionamento familiar de Guilherme, avaliado pela GARF, recebeu nota 21, isto é, uma família claramente disfuncional, onde há poucas rotinas interacionais, a comunicação é comprometida em função de mal entendidos, as responsabilidades pessoais não são reciprocamente aceitas e reconhecidas e pouca atenção é dada às necessidades emocionais dos outros.

Na avaliação da medida de ICPAE, Guilherme se deu nota 28, enquanto a monitoria e a equipe técnica deram nota 29, o que significa um bom cumprimento de medida e uma coerência entre os avaliadores e o sujeito.

#### O mapa da rede social do adolescente Guilherme

Guilherme só inseriu membros da família em seu mapa, tendo sido o único adolescente a não preencher o quadrante amigos. A pessoa mais importante para ele é sua mãe. A 2ª pessoa mais importante, sua meio-irmã C. Depois, ele considera o meio-irmão, os dois irmãos e o pai em um mesmo nível de importância. Ele diz que o meio-irmão A. poderia ajudá-lo mais, já que não pratica atos contra a lei, como os outros dois, mas sente os irmãos D. e J. mais próximos e mais parecidos com ele.

Quanto às respostas à Entrevista Semi-estruturada, as categorias apoio emocional, conselhos, regulação social, ajuda material e acesso a novos contatos remeteram sempre novamente à família, mais especificamente à mãe e aos irmãos. Ele disse que sentia falta do trabalho no mapa. Mostrou-se ressentido com aqueles que julgava serem seus amigos, mas que desapareceram desde que foi preso.



**Figura 6 – Mapa da rede social de Guilherme**

Observar em verde os lembrados espontaneamente. Mesmo com a entrevista, ele não acrescentou ninguém mais no mapa.

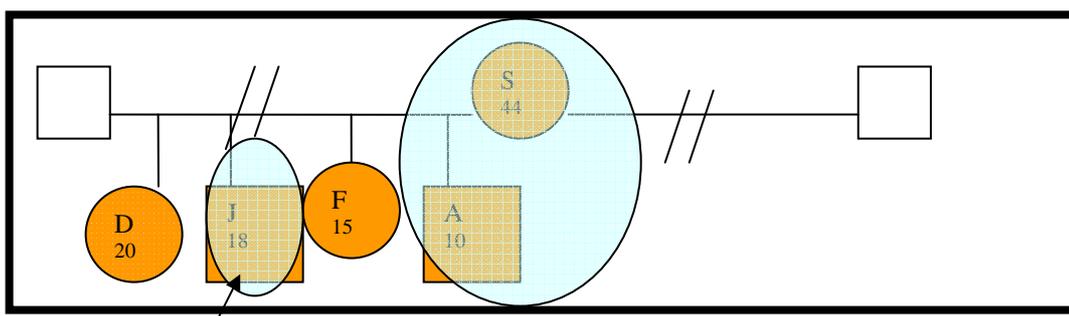
#### Adolescente Júnior – Muitos Amigos

Júnior tem 18 anos e cursa o 1º ano do 2º grau. O adolescente afirma que está envolvido com o tráfico desde os 11 anos, mas que a mãe só teria descoberto quando ele já estava com 15 anos, quando ela o viu trazendo drogas para casa. Disse que, então, a mãe conversou com ele, ela confiou em mim. Acha que a mãe agiu de forma correta, mas diz ter continuado a traficar por ambição, porque eu quis. Seu 1º ingresso na Fase foi aos 16 anos, quando recebeu PSC de 24 semanas por tráfico. Retornou à Fase em 2005, por porte ilegal de arma e de entorpecentes.

A família de Júnior é composta pela mãe S. (44 anos), pelo irmão A. (10 anos) e pelas irmãs D. (20 anos) e F. (15 anos). Todos os irmãos são filhos do mesmo pai e mãe, mas as irmãs D. e F. já não moram na mesma casa. Júnior desconhece a escolaridade da mãe, mas afirma que o irmão A. está na 2ª série, que D. não estuda mais, tendo parado na 8ª série, e que

F. parou de estudar na 5ª série. Seu pai foi assassinado, segundo Júnior, pelo uso de drogas e envolvimento no tráfico.

A mãe começou a trabalhar recentemente e, antes, quem sustentava a família era o padrasto, de quem ela está separada. Não sabe informar a renda da mãe, mas afirma que a família recebia bolsa-escola. A D. parou de estudar para cuidar de sua filha.



**Figura 7 – Percepção do adolescente Júnior sobre sua família**

Em laranja, a família do adolescente Júnior, segundo ele próprio, sendo que os demais não foram mencionados de forma espontânea. Os círculos azuis representam os que habitam a mesma casa.

A irmã F. está envolvida em roubos e a irmã D. roubava, mas, segundo Júnior, não está mais envolvida em atos infracionais. Através da GARF, o funcionamento familiar recebeu nota 45, isto é, a família tem momentos de satisfação, mas há um predomínio de relações insatisfatórias e de comunicação inviabilizada por conflitos não resolvidos.

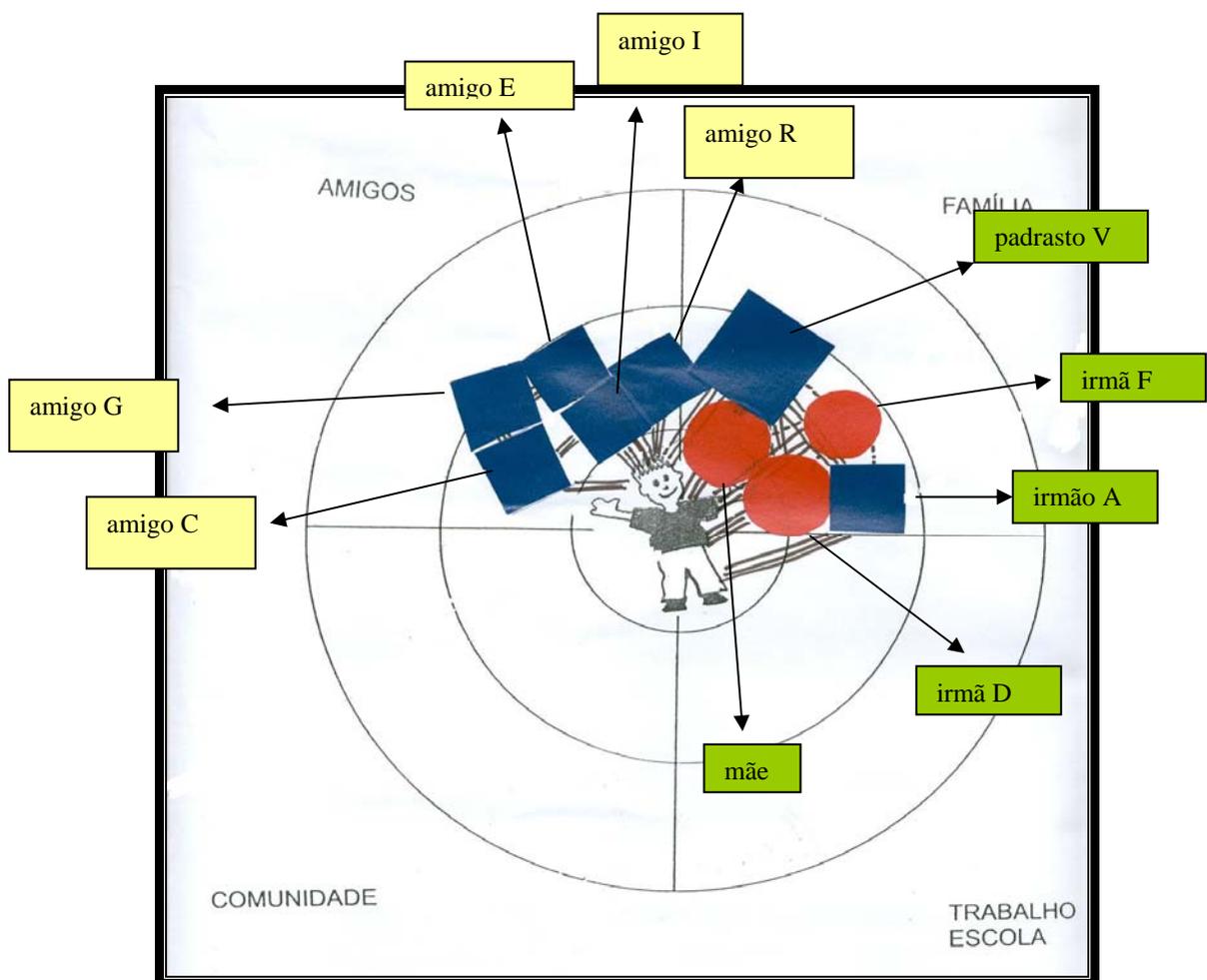
Júnior avaliou a sua medida de ICPAE com nota 30, enquanto a equipe técnica deu nota 32, e a monitoria deu nota 21, mostrando novamente um desempenho bom conforme ele próprio e a equipe técnica e um desempenho limítrofe, segundo a monitoria, evidenciando novamente uma incoerência entre os sujeitos.

O mapa da rede social do adolescente Júnior

Também Júnior não inseriu ninguém nos quadrantes trabalho/escola e comunidade do seu mapa. Ele colocou a sua mãe como a pessoa mais importante para ele e com quem ele mais podia contar, embora a considere muito diferente, muito braba. A segunda pessoa

lembrada foi a irmã D., que é quem ele considera mais parecida no jeito de ser com ele. Na seqüência, ele colocou o irmão A., a irmã F. e o padrasto, mas Júnior vê a F. como o membro familiar mais afastado de todos, tanto física quanto psicologicamente.

Os demais integrantes do mapa de Júnior só foram lembrados quando das perguntas da Entrevista Semi-estruturada. Quando questionado sobre os amigos, ele se mostrou muito desconfiado e ambivalente, sem saber se poderia de fato contar com eles. Acabou colocando os amigos I., R., E., C. e o G. como as companhias sociais e a ajuda material. O papel de apoio emocional e conselheiro e serviços é exercido pela mãe. Ele não reconhece ninguém externo tendo o papel de regulação social, a não ser ele próprio. O irmão A. teria um papel de ajuda de serviço. O acesso a novos contatos se daria através da família e dos amigos.



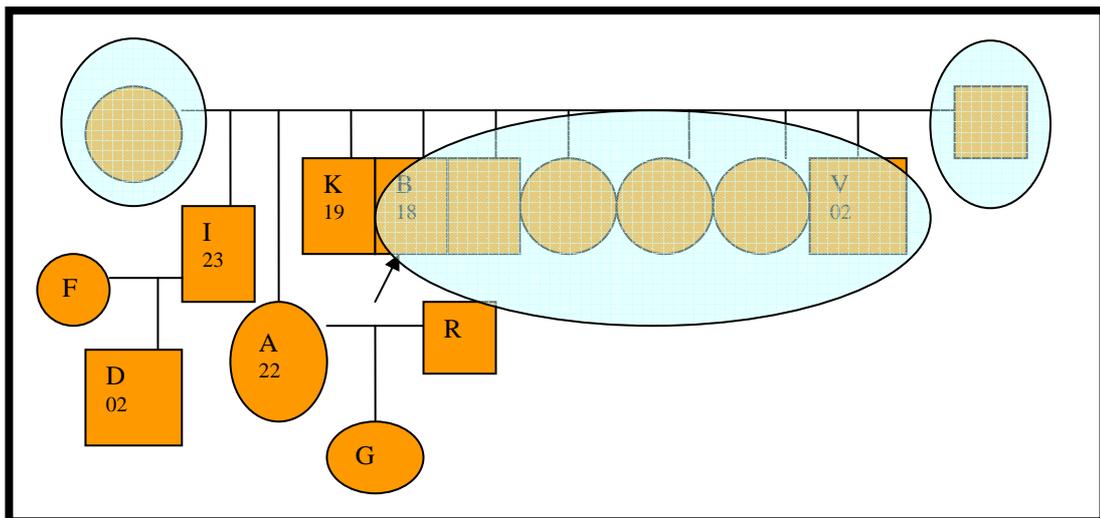
**Figura 8 – Mapa da rede social de Júnior**

Observar em verde os lembrados espontaneamente e em amarelo os mencionados a partir da entrevista

### O adolescente Bernardo – O Criticado

Bernardo tem 18 anos e parou de estudar na 8ª série. Repetiu a 1ª série, por ser muito tímido, e a 3ª série, porque não prestava atenção. Aos 8 anos, teve de interromper os estudos para trabalhar com seus pais na lavoura. Ele afirmou que, com 11-12 anos, começou a se revoltar com o pai, porque trabalhava para ajudá-lo, mas o pai se mostrava sempre insatisfeito com o que ele fazia, o criticava e não o recompensava pelo seu esforço. Teve outros trabalhos e, com 16 anos, começou a roubar. Dava o dinheiro para a mãe e, então, passou a se sentir valorizado. Há 3 anos, a irmã A. e o irmão I., encontrando balas de revólver entre suas coisas, contaram para a mãe. Ela, então, pensou em acionar o conselho tutelar e passou a proibi-lo de sair para a vila. Bernardo começou a trabalhar e vendeu sua arma. Teve vários trabalhos, mas diz ter sido estimulado pelos amigos a voltar a roubar. Em 2005, ingressou na Fase por roubo qualificado.

A sua família foi descrita como sendo a mãe, o pai, os nove irmãos (V. de 2 anos, E. de 7 anos, L., M., C. de 15 anos, K. de 19 anos, A. de 22 anos, I. de 23 anos), dois sobrinhos (G. de 1 mês e D. de 2 anos), a cunhada (F.), e o cunhado (R.).



**Figura 9 – Percepção do adolescente Bernardo sobre sua família**

Em laranja, a família do adolescente Bernardo, segundo ele próprio. Os círculos azuis representam os que habitam a mesma casa. Ele não soube informar a idade de alguns familiares.

Não soube informar a idade de todos. A E. está na 1ª série, a L., na 3ª, a M., na 3ª, o C., na 6ª, o K. parou na 7ª e a A. parou na 6ª série. Não soube informar a escolaridade dos demais.

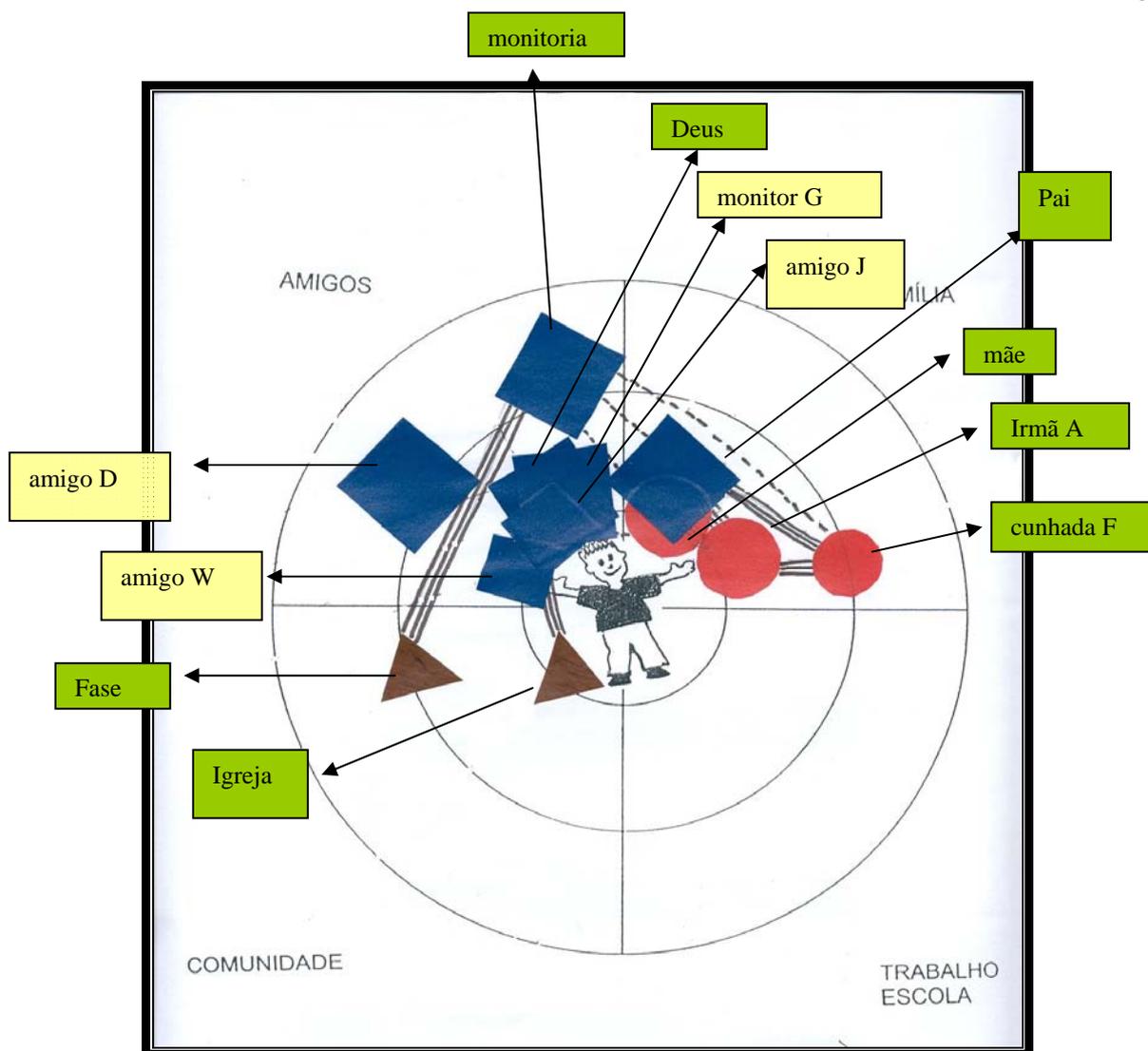
Dos membros familiares citados, trabalham o pai, o K., o C., o I. e o cunhado R. Mas, Bernardo não soube dizer quanto que eles ganhariam mensalmente. Bernardo nega que alguém da sua família tenha praticado atos infracionais.

A família recebeu uma nota de funcionamento 61, a melhor nota entre os adolescentes. Esta família, portanto, mostrou um padrão de relacionamento familiar de alguma forma insatisfatório, mas com resolução sem grandes frustrações e conflitos para os problemas e presença de relações afetivas de amor e respeito.

Bernardo avaliou sua medida de ICPAE com nota 29. A monitoria deu nota 31 e a equipe técnica, nota 32, portanto, as três notas são compatíveis com um bom cumprimento de medida.

O mapa da rede social do adolescente Bernardo

Quanto ao mapa da rede social, este foi o único adolescente que preencheu, além dos quadrantes família e amigos, o quadrante comunidade. A primeira a ser lembrada foi a mãe, seguida pela irmã A. Após, Bernardo lembrou de Deus, o colocando no quesito amigos. Depois, ele inseriu o pai, dizendo que apesar do que aconteceu, ele não deixa de ser meu pai. Ele, primeiramente, colocou o pai no quadrante amigos, quando confrontado quanto a esta escolha, ele trocou o pai de posição, o passando para a intersecção dos quadrantes amigos e família. A cunhada F. veio em seguida, no quadrante família. A monitoria, pela primeira vez, foi lembrada espontaneamente e colocada no quadrante amigos. A instituição Fase foi mencionada, pela primeira vez, e colocada no quesito comunidade. Também a instituição Igreja foi inserida de forma espontânea no quesito comunidade.



**Figura 10 – Mapa da rede social de Bernardo**

Observar em verde os lembrados espontaneamente e em amarelo os lembrados a partir da entrevista sobre o mapa

Quanto à Entrevista Semi-estruturada, no quesito dispersão, Bernardo disse ver sempre os pais, mas que gostaria de ver a irmã A. e a cunhada F. mais frequentemente. No quesito homogeneidade, o jovem vê a família mais conformada e resignada com as dificuldades do que ele próprio. Ele se vê muito diferente do seu pai, e distante dele. Diz se identificar mais com a cunhada, por ela ouvir suas propostas e auxiliá-lo nas suas realizações. Quando questionado sobre a companhia social, ele acrescentou os amigos J. e W., que disse serem legais, mas não aprovados pela mãe, pelo fato de serem muito bagunceiros. Nos quesitos apoio emocional e conselheiro, ele lembra do monitor G., e decide colocá-lo em separado da monitoria e mais próximo dele, ainda que também no quadrante amigos. Mas, ele reconhece

ter muita dificuldade em pedir apoio para alguém. Nega precisar de um regulador social externo. A ajuda material foi vista como fornecida pela mãe e a ajuda de serviço, pela cunhada. A mãe foi lembrada quando questionado sobre quem seria o acesso a novos contatos, mas também lembrou do amigo D., que o teria estimulado ao trabalho, e que foi inserido no quadrante amigos.

### Análise dos Casos

A rede social tem um importante papel na compreensão, prevenção e tratamento de jovens delinquentes (Rydelius, 2001), e não é de hoje que se considera a importância da família neste comportamento.

Portanto, avaliando os resultados com vistas a uma maior compreensão deste contexto, percebe-se que nenhum dos cinco adolescentes avaliados preencheu o quadrante trabalho e escola. Os adolescentes justificaram esses achados dizendo que, como as escolas estavam em greve, eles não estavam tendo aulas. Também afirmaram não estarem trabalhando, o que pode ser compreendido pelo fato de terem progredido para ICPAE recentemente; portanto, antes, estavam totalmente fechados na instituição, o que inviabilizava o trabalho. Dos cinco adolescentes, três preencheram os quadrantes família e amigos. Apenas um preencheu somente um quadrante, o família, e também apenas um preencheu três quadrantes, família, amigos e comunidade. O mapa desenvolvido antes das perguntas, de forma voluntária, contou com dois a oito membros. Após os questionamentos, o total de membros dos mapas aumentou para um intervalo entre seis e doze, o que é baixo comparando-se com os mapas da rede social obtidos por Ceolin (2003), constituídos por 12 a 32 membros. No entanto, a amostra de Ceolin foi de adolescentes infratores que cumprem PSC, sem restrição da liberdade, do que se pode hipotetizar que a restrição da liberdade acaba por reduzir o tamanho da rede social, o que parece razoável.

A não-centralização do mapa da rede social e uma relação próxima e direta entre seus membros seriam indicadores de uma maior prontidão dessa rede, no sentido de prevenir problemas comportamentais em adolescentes (Feinberg, Riggs, Greenberg, 2005). Apesar de os mapas aqui apresentados contarem com membros, de modo geral, próximos, as redes foram todas centralizadas nos quadrantes amigos e família do mapa. No caso de Guilherme, a centralização foi ainda mais evidente. Um único adolescente (Bernardo) preencheu o quadrante comunidade, mas ainda assim, o fez esvaziado quando comparado aos demais quadrantes família e amigos.

A família ocupou de 14 a 50% dos mapas da rede social, sendo que apenas o Guilherme destoou dos demais, colocando no mapa apenas os membros familiares. A única diferença entre o seu genograma familiar e seu mapa de rede social foi a ausência da filha no mapa, provavelmente por considerar não poder contar com ela, por certo em função de sua tenra idade. Paradoxalmente, este jovem que tanto valorizou a família, como importante e confiável, foi o que teve o mais baixo escore de funcionamento familiar (GARF 20). Este achado vai ao encontro do resultado da pesquisa de Wagner (2000), onde o pai que tinha uma atitude distante com relação ao filho era representado graficamente por ele de forma idealizada. Nesse caso, parece que a idealização oculta uma carência. Vale notar que a agressividade dos pais de Guilherme parece ter uma influência de reforço em seus atos infracionais, como descrito na literatura (Caputo, 2004; Stouthamer-Loeber, Wei, Loeber, Masten, 2004).

Também esses dados mostram como a importância da família está centrada na figura da mãe (sempre a primeira lembrada) e dos irmãos, com uma figura paterna periférica. Quanto aos irmãos, ou foram trazidos todos para o mapa, ou apenas um mais velho, que parece assumir um papel de auxiliar da mãe no cuidado dos mais novos.

As notas de funcionamento familiar foram baixas variando de 21 a 61. Um dos aspectos que foi avaliado através da GARF foi a expressão de sentimentos. Os adolescentes, de modo geral, falaram da dificuldade de se abrir com a família, de falar das suas dificuldades e de pedir ajuda a eles.

Praticamente todos os jovens entrevistados falaram da influência dos pares na iniciativa do ato delinqüente, bem como do ressentimento com estes amigos, que só se apresentaram enquanto parceria para uso de drogas e para a prática de atos delinqüentes, mas que sumiram quando deste momento de dificuldade, com restrição da liberdade e afastamento da família. Talvez por isso, apenas dois dos cinco adolescentes tenham incluído amigos em seus mapas, o Bernardo e o Júnior. O amigo J., de Eduardo, não foi considerado, já que ele é primo e convive com o Eduardo desde os 2 anos, claramente não tendo um papel exclusivo de parceria para atos infracionais. Com relação aos amigos colocados por Bernardo e Júnior, não se sabe, ao certo, que papel eles estão representando na vida de cada um deles. Ambos negam que eles tenham sido parceiros para atos delinqüentes ou para uso de drogas, mas considerando a cultura de não alcagüetar os parceiros, é bem provável que o tenham omitido. O fato é que um mapa com pares de comportamento desviante é associado com maior freqüência ao comportamento anti-social entre os adolescentes, em vários contextos (Heinze, Toro, Urberg, 2005; Kiesner, Poulin, Nicotra, 2003), o que mostra a importância de se avaliar o real papel destes amigos nestes mapas, até como um critério prognóstico.

O cuidado de se escolher um representante da monitoria com maior convívio com o adolescente para a nota do ICPAE foi importante, pois como eles trabalham por turnos, dependendo da atividade do interno, determinado monitor poderia praticamente nunca ver determinado adolescente. Um dado positivo é o fato da avaliação da medida de ICPAE ter sido considerada boa, de forma unânime, em três dos cinco casos. Em dois casos, ela foi considerada boa apenas pelo próprio interno e pela equipe técnica, mas limítrofe pela

monitoria. Isso pode significar que, por estar mais próxima e inteirada do dia-a-dia do adolescente, a monitoria tenha fornecido um dado mais fidedigno. No entanto, também pode estar evidenciando uma menor tolerância da monitoria com os adolescentes, pelo estresse a que se submete, em função do convívio continuado com os jovens, bem como pelo grande número de horas extras que cumprem. No entanto, parece preponderar o primeiro argumento, já que os monitores da Fase estão presentes em dois dos cinco mapas. Ainda que a psiquiatra possa ter sido incluída para responder a uma expectativa imaginada pelo adolescente, já que a psiquiatra é uma das pesquisadoras, os monitores não estavam incluídos diretamente na pesquisa e desenvolvem um trabalho à parte do trabalho da equipe da saúde. Além disso, como já comentado, é bastante comum que os adolescentes façam críticas de um segmento da casa para outro (por exemplo, critiquem a monitoria para o setor de saúde), o que torna ainda mais valioso o fato de os monitores terem sido lembrados e trazidos de forma positiva nessa pesquisa. A lembrança dos funcionários da Fase se deu uma única vez de forma voluntária, ainda que desta vez tenha sido feita de forma geral (monitoria). As lembranças de nomes específicos ocorreram quando do questionamento dos seguintes quesitos: regulação social, apoio emocional e conselheiro. Isso mostra mais claramente qual o papel que os funcionários da Fase, principalmente a monitoria e a psiquiatra, têm exercido para estes jovens.

Interessante também a presença em um mapa de um irmão da Igreja. Ainda que não se trate de um funcionário da Fase, os encontros com representantes religiosos acontecem de forma regular nesta instituição, mostrando aqui a sua importância. Aliás, a religião surge direta ou indiretamente em três dos cinco mapas – através da tia religiosa, do irmão da Igreja e, finalmente, no caso de Bernardo, através da figura direta de Deus e da Igreja.

Resta a dúvida do porquê a equipe técnica (psicólogos e assistentes sociais) não ter sido trazida como relevante. Talvez este achado se explique pelo fato de serem estes

profissionais os que elaboram os relatórios para o juizado, o que faz com que a relação com esta equipe seja permeada por sentimentos de desconfiança.

Destes cinco adolescentes, apenas um, o Bernardo, não tem história de atos infracionais na família; os demais citaram pai, tio, primos e irmãos como envolvidos no passado ou no presente. Esses membros parecem ter importante papel na naturalização do crime para estes jovens. Também o recasamento dos genitores só não esteve presente no caso de Bernardo. A droga, seja pelo seu uso, seja pela sua venda, esteve presente também na vida de 4 dos 5 adolescentes, excluindo-se novamente o Bernardo. Coincidentemente ou não, o Bernardo foi o que teve o mapa mais completo (12 membros) e com melhor distribuição (utilizando três quadrantes), e o que se sentiu mais próximo da instituição Fase e da monitoria, os citando voluntariamente.

#### Considerações Finais

Frente às informações levantadas nos cinco casos estudados, conclui-se quão importante é que se implantem medidas educativas e laborais mais significativas para esses internos, bem como que se desenvolvam atividades comunitárias. Essas os tornariam mais conscientes do seu papel social e da repercussão da sua atitude na vida dos demais.

No entanto, essa população parece culturalmente avessa à idéia de se poder extrair real prazer dos bancos escolares ou do trabalho. Seja pela observação de outros, ou partindo de sua própria má experiência com escolas públicas deficitárias, a educação é, em geral, vista como um mal, não necessariamente indispensável. O trabalho também não lhes parece algo dignificante, uma peça chave para a autoconstrução como indivíduo, senão um meio não atraente de se conseguir dinheiro.

Para agravar a situação, as possibilidades de atividades para esses jovens - tanto laborais quanto educativas - são escassas. Ainda que garimpadas com tenacidade e interesse

pela equipe técnica, bem como pela monitoria, infelizmente, essas não contam com o devido apoio do governo do Estado, que poderia fomentar uma estrutura de rede de atividades, sólida, sistemática e sustentável. Essa escassez de recursos e de possibilidades faz com que esses adolescentes sejam inseridos naquela atividade então disponível, sem que se possa considerar sua experiência de vida, aptidões ou interesses. Disso resulta o apagamento da subjetividade e potencialidade desses sujeitos, e por certo, isso se reflete na apatia dos sujeitos aqui pesquisados, no que tange a sua formação e o seu trabalho. É doloroso constatar que esta apatia se dá justamente por aquelas áreas da rede que mais provavelmente os direcionariam para outro estilo de vida.

Também se ressalta a importância do resgate de uma figura paterna mais valorizada e presente para estes internos. Esta ausência já se tornara evidente antes mesmo da pesquisa, quando da tentativa de implantação de um grupo de pais, dentro da própria instituição, que acabou tornando-se um grupo de mães, irmãos e namoradas, mesmo embora se tenha insistido na importância da presença paterna. E mesmo que ainda hoje exista discordância quanto às conseqüências desta falta na vida desses jovens, há quem defenda que o comportamento anti-social, em qualquer membro da família, é mais provável se o pai é ausente ou não-participativo (Pffner, McBurnett, Rathouz, 2001), e que a ausência paterna pode desencadear um processo de baixa auto-estima e de vazio, além de culpa nesses indivíduos (Ferrari, 1999). Mesmo quem não considera a presença paterna essencial, defende a importância de compensações que se dêem através da interação da mãe com o filho, dos recursos emocionais da mãe, dos fatores ambientais e da família como um todo (Eizirik, Bergmann, 2004). Portanto, o acompanhamento dessas famílias poderia auxiliar não só no resgate paterno, mas mais do que isso, na melhoria do funcionamento familiar global desses jovens.

Além disso, como em dois casos a avaliação da medida de ICPAE da monitoria foi pior do que a da equipe técnica poderia se propor uma maior integração entre esses segmentos

de trabalho, o que é algo bastante complexo, tendo em vista que são funcionários com formação e função diversas. Adicionalmente, ainda que trabalhem na mesma sede, não costumam dividir o mesmo espaço físico, o que dificulta a comunicação e propicia a dissociação.

O trabalho de líderes religiosos poderia ser ampliado e intensificado, já que parece algo importante para os adolescentes, e protetor quanto ao uso de drogas. Para finalizar, o tratamento da dependência química mostra-se fundamental neste contexto, pela frequência, gravidade e impacto no ato delinqüente. No entanto, este tratamento tem sido feito apenas naquelas sedes em que os seus psiquiatras se disponibilizam para tal, não havendo medida sistemática e padronizada para todos os Centros de Atendimento Sócio-Educativos.

Ainda que a Fase-RS seja considerada uma referência em nível nacional, constata-se que muito ainda há por fazer. Neste sentido, a pesquisa pode auxiliar de forma importante no reconhecimento dos problemas e no estabelecimento de novas metas que busquem uma maior articulação das políticas públicas e, conseqüentemente, da rede social desses jovens.

## Referências Bibliográficas

- Caputo, R. K. (2004). Parent religiosity, family processes, and adolescent outcomes. Fam Soc, 85 (4), 495-510.
- Ceolin, L. (2003) A Construção dos Vínculos Afetivos e Sociais do Adolescente em Conflito com a Lei. Dissertação de Mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Dabas, E. (1995). Redes. El lenguaje de los vínculos. Argentina: Paidós.
- Davis, C., Tang, C., Ko, J. (2004). The impact of peer, family and school on delinquency. Int Social Work, 47 (4), 489-502.
- Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS (Ed.). (2002, Abril). Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas de Internação e Semiliberdade – PEMSEIS. (Disponível na Fase-RS, Av Padre Cacique, 1372, Porto Alegre/RS.
- Eizirik, M., Bergmann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. Rev. Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 26 (3).
- Elkaïm, M. (1989). Las Prácticas de la terapia de red. Espanha: Gedisa.
- Falceto, O. G., Busnello E. D., Bozzetti, E. M. C. (2000). Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. Revista Panamericana de Salud Pública/Pan American Journal of Public Health, 7 (4), 255-263.
- Feinberg, M. E., Riggs, N. R., Greenberg, M.T. (2005). Social networks and community prevention coalitions. J Prim Prev, 26 (4), 279-298.
- Ferrari JL (1999). In: Ferrai JL. Ser padres en el tercer milenio. Mendoza: Ediciones del Canto Rodado, 91-117.
- Heinze, H. J., Toro, P. A., Urberg, K. A. (2004). Antisocial behavior and affiliation with deviant peers. J Clin Child Adolesc Psychol, 33 (2), 336-46.

Husler, G., Plancherel, B., Werlen, E. (2005). Psychosocial predictors of cannabis use in adolescents at risk. Prev Sci, 6 (3), 237-244.

Johnson, K. D., Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R. (2005). Predictors of social network composition among homeless and runaway adolescents. J Adolescence, 28 (2), 231-248.

Kaslow, F. (1996). History, rationale and philosophic overview of issues and assumptions. In John Wiley & Sons (Ed.), Handbook of relational diagnosis and dysfunctional family patterns. New York.

Kiesner, J., Poulin F., Nicotra E. (2003) Peer relations across contexts: individual-network homophily and network inclusion in and after school. Child Dev, 74 (5), 1328-43.

Laible, D. J., Carlo, G., Roesch, S.C. Pathways to self-esteem in late adolescence: the role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviours. (2004). J Adolescence, 27 (6), 703-716.

Markiewicz, D., Doyle, A. B., Brendgen, M. (2001). The quality of adolescents friendships: associations with mothers interpersonal relationships, attachments to parents and friends, and prosocial behaviors. J Adolesc, 24 (4), 429-445.

McGoldrick, M. & Gerson, R. (2003). Genogramas em la evaluación familiar. Espanha: Gedisa.

Meneses, M. P. R. (2004). A Construção de Redes Sócio-Familiares de Famílias Imigrantes Hispano-Americanas. Tese de Doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Pfiffner LJ, McBurnett K, Rathouz PJ. (2001). Father absence and familial antisocial characteristics. J Abnorm Child Psychol, 29(5), 357-67.

Rydelius, P. A. (2001). Antisocial behavior of adolescents and environment – need for a multidisciplinary model. Lakartidningen, 98 (19), 2313-6.

Sluzki, C. E. (1996). La Red Social: Frontera de la Pratica Sistêmica. Barcelona: Gedisa.

Stake, R. (2005). In N. K. Denzin, Y. S. Lincoln. Handbook of Qualitative Research. USA: Sage.

Stouthamer-Loeber, M., Wei, E., Loeber, R., Masten, A.S. (2004). Desistance from persistent serious delinquency in the transition to adulthood. Development and Psychopathology, 16, 897-918.

Tucci, A.M., Kerr-Côrrea, F., Dalben, I. Ajuste Social em Pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar, Unipolar, Distímia e Depressão Dupla. (2001). Rev. Bras. Psiquiatr, 23 (2).

Valdés, M., Serrano, T., Rodríguez, J., Roizblatt, A., Florenzano, R., Labra, J. F. (1997). Características del funcionamiento familiar que predicen conductas de riesgo en adolescentes y sus familias. Cuad. Méd. Soc., XXXVIII (4), 14-21.

Wagner A, Féres-Carneiro T (2000). O Recasamento e a Representação Gráfica da Família. Temas em Psicologia da SBP, 8(1):11-19.

Windle, M., & Mason, W. A. (2004). General and specific predictors of behavioral and emotional problems among adolescents. J of Emotional and Behavioral Disorders, 12 (1), 49-61.

**OS ADOLESCENTES INFRATORES E A ALTERAÇÃO DE SUAS REDES SOCIAIS  
DURANTE O CUMPRIMENTO DA MEDIDA DE INTERNAÇÃO**

**THE ADOLESCENT TRANSGRESSORS AND THEIR SOCIAL NETWORK  
CHANGE WHILE SERVING SENTENCE AS AN INTERN**

---

Bianca M. Branco\*\*

Profa. Dr. Adriana Wagner\*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

\* Professora, PhD, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Psicologia Social e da Personalidade, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

\*\* Mestranda do Grupo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Psicologia Social e da Personalidade, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, instituição de fomento à pesquisa: Capes.

Endereço para correspondência: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Psicologia. Av. Ipiranga, 6.681, CEP 90619-900 – Porto Alegre/RS. E-mail: [wagner@pucrs.br](mailto:wagner@pucrs.br).

## Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender o sucesso ou não do cumprimento da medida de ICPAE (Interno com Possibilidade de Atividade Externa) na Fase-RS, à luz das características da rede social desses jovens infratores, bem como da percepção do funcionamento de sua família. Foram investigados quatro adolescentes, no começo e ao final do cumprimento desta medida, através da metodologia de Estudo de Caso. Utilizou-se o mapa da rede social e, para a avaliação do funcionamento familiar, foi utilizada a escala GARF (*Global Assessment of Relational Functioning Scale*). Houve uma tendência geral de empobrecimento da rede social desses jovens em relação ao primeiro mapa, bem como de centralização na família. A segunda avaliação do cumprimento da medida de ICPAE teve uma piora significativa em relação à primeira, excetuando-se o adolescente que teve a rede social mais completa, em ambos os momentos.

**Palavras-chave:** Adolescente; Família; Infrator; Rede social.

## Abstract

The goal of this study was to understand the success (and failure) of the ICPAE (from Portuguese: Intern with possibility of External Activity) initiative at Fase-RS, considering the characteristics of the young transgressors' social network and their perception on their family's functioning. Five adolescents were investigated, in the beginning and at the end of the ICPAE's application, in a case study research. The Social Network map was used, and to evaluate the participants' perception on family functioning the GARF scale (Global Assessment of Relational Functioning Scale) was used. There was a general tendency in these youngsters for maps to be poorer than the first map and also to centralize on family. The

second ICPAE assessment revealed significantly worst results in relation to the first one, excepting by the one adolescent who had the most complete social network in both moments.

**Keywords:** Adolescent; Family; Social network; Transgressor.

## **Introdução**

No Rio Grande do Sul, os adolescentes infratores são julgados por um juiz da Infância e da Adolescência e podem ser condenados à medida sócio-educativa, a ser cumprida na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase). O programa da Fase está organizado em dois eixos: o processo de execução de internação e o de semiliberdade. Dentro da execução da internação, o adolescente pode cumprir a medida de ICPAE - interno com possibilidade de atividade externa ou de ISPAE - interno sem possibilidade de atividade externa.

O objetivo deste estudo é avaliar os adolescentes durante o cumprimento da medida de ICPAE, isto é, quando eles, geralmente após um período de reclusão completa na Fase, começam a ter direito a saídas para casa nos finais de semana, bem como a ter a possibilidade de trabalhar e de estudar na comunidade. Apesar de se constituir em um momento de ampliação das oportunidades, também é aquele em que a capacidade de autocrítica e de autocontrole faz-se mais necessária. E, ainda que, durante a internação fechada, se saiba (através dos funcionários da Fase) como estes jovens estão, o que estão fazendo, o que estão estudando, como estão se relacionando, pouco se sabe de suas condutas e dificuldades durante este período de ICPAE.

Para avaliar o impacto desta medida nesses jovens, partiu-se de uma revisão teórica sobre a delinquência juvenil. A partir desta, ficou evidente que algumas características familiares têm sido consideradas preditoras de conduta pró-social ou protetora do ato

infracional pelos adolescentes. São elas: a estrutura hierárquica definida (Valdés et al.<sup>1</sup>), a boa qualidade de relação entre os pais (Markiewicz et al.<sup>2</sup>), o estabelecimento de um padrão de apego seguro pelo jovem (Laible et al.<sup>3</sup>; McElhaney et al.<sup>4</sup>), a boa qualidade de comunicação do jovem com os pais e entre eles (Valdés et al.<sup>1</sup>), bem como menos atitudes autoritárias pelos progenitores (Caputo<sup>5</sup>; Stouthamer-Loeber et al.<sup>6</sup>).

No entanto, a importância da rede social (além da família) desses jovens neste comportamento também tem sido evidenciada em alguns estudos. Nessa rede, a influência dos pares tem relevante importância na prática do ato infracional (Caputo<sup>5</sup>; Ceolin<sup>7</sup>; Davis et al.<sup>8</sup>; Stouthamer-Loeber et al.<sup>6</sup>; Windle & Mason<sup>9</sup>).

Também parece claro que a delinquência está imbricada com outras questões de gravidade, como a baixa escolaridade (Ceolin<sup>7</sup>) e o uso de drogas (Husler et al.<sup>10</sup>; Stouthamer-Loeber et al.<sup>6</sup>; Windle & Mason<sup>9</sup>). Quanto à importância da rede social, encontrou-se que estar empregado ou na escola, no início da idade adulta, são fatores protetores da recaída no ato infracional (Stouthamer-Loeber et al.<sup>6</sup>).

Partindo desses pressupostos empíricos, tornou-se evidente a importância de se comparar o início e o final da medida de ICPAE quanto às características da rede social dos adolescentes, bem como quanto à percepção do funcionamento familiar por esses jovens, compreendendo o sucesso ou fracasso de seu cumprimento à luz dessas variáveis.

## **Método**

O método utilizado nesta pesquisa foi o Estudo de Caso Individual, proposto por Stake<sup>11</sup>, que busca, especialmente, o que pode ser aprendido a partir do caso singular. Portanto, foram feitas articulações entre a GARF, a construção dos Mapas da Rede Social e os

dados de avaliação da medida de ICPAE de forma que esses instrumentos se constituíssem em óticas diferentes e complementares do mesmo objeto. Esses dados foram coletados em dois momentos: no começo e ao final da medida de ICPAE.

### **Participantes**

Foram estudados quatro adolescentes infratores que estavam cumprindo algum período dos dois primeiros meses da medida de ICPAE, na Fase-RS e que aceitaram participar da pesquisa.

### **Instrumentos**

Foram utilizados os Instrumentos de Avaliação da Medida de ICPAE, versão do adolescente e da monitoria/equipe técnica, o Mapa da Rede Social (Sluzki<sup>12</sup>), a entrevista semi-estruturada (Meneses<sup>13</sup>) e a GARF (Kaslow<sup>14</sup>).

A GARF: Avaliou essencialmente a satisfação das necessidades dos sujeitos (na família), a flexibilidade de papéis, os conflitos, a hierarquia, o reconhecimento das características pessoais dos membros e a expressão de sentimentos. A GARF é uma escala diagnóstica do funcionamento familiar consagrada na literatura internacional e validada para o uso em nosso meio (Falceto et al.<sup>15</sup>). Os escores da GARF estão distribuídos em quatro categorias: de 81 a 100 - funcionamento familiar bom com relações afetivas, calorosas e aconchegantes e sem grandes conflitos que, quando presentes, são resolvidos com comunicação satisfatória; de 61 a 80 - padrão de relacionamento familiar de alguma forma insatisfatório, mas com resolução sem grandes frustrações e conflitos para os problemas e

presença de relações afetivas de amor e respeito; de 41 a 60 - família com momentos de satisfação, mas com predomínio de relações insatisfatórias e de comunicação inviabilizada por conflitos não resolvidos; e de 21 a 40 - família claramente disfuncional, com presença de poder tirânico ou muito negligente, contato afetivo raramente satisfatório e conflitos não resolvidos (Tucci et al.<sup>16</sup>).

O Mapa da Rede Social: Consiste em três círculos concêntricos divididos em quatro quadrantes: 'família', 'amigos', 'escola-trabalho' e 'comunidade'. O núcleo do círculo representa o sujeito, o primeiro círculo e menor, indica a proximidade e a importância que o adolescente dá aos sistemas ali existentes; o segundo círculo se constitui por pessoas que têm menor proximidade e importância para ele; finalmente, no terceiro círculo, colocam-se as pessoas que compartilham com o adolescente de forma mais distante. Foram utilizados adesivos, cada um representando um indivíduo ou instituição, já em formatos redondos (cor vermelha para as mulheres e azul para os homens) ou de triângulos (instituições). Os adesivos tinham dois tamanhos: grande (que representaram pessoas com mais de 21 anos) e pequeno (que representaram pessoas entre 0 e 21 anos), o que facilitou o reconhecimento visual da homogeneidade ou heterogeneidade da rede.

A Entrevista Semi-estruturada: foi proposta por Meneses<sup>13</sup>, e suas questões visam a esclarecer categorias específicas da rede social. Para a dimensão estrutural, as categorias são o 'tamanho da rede', a 'densidade', a 'distribuição', a 'dispersão' e a 'homogeneidade'. Para a dimensão funcional, são a 'companhia social', 'o apoio emocional', o 'guia cognitivo', a 'regulação social', a 'ajuda material e de serviços' e o 'acesso a novos contatos'.

A Avaliação da Medida de ICPAE: foi desenvolvida para esta pesquisa e considera como variáveis os atrasos no retorno à Fase, fuga, necessidade de medidas disciplinares, uso de drogas, reincidência no ato infracional, o comprometimento com a escola e o

comprometimento com atividades laborais. Essas variáveis foram obtidas do programa de inserção comunitária e acompanhamento de egressos da FEBEM/RS, elaborado em 2001. (Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS<sup>17</sup>). A nota deste instrumento pode variar entre 08 e 32, sendo que 32 é a melhor nota de cumprimento da medida e 08, a pior. Para fins de padronização, para este estudo, estipulou-se que as notas de 8 a 16 seriam ruins, de 17 a 24, limítrofes e de 25 a 32, boas.

### **Procedimentos de Coleta de Dados**

A pesquisa foi autorizada pela presidência da Fase-RS, pelo Juizado da Infância e da Juventude e aprovada pelo Comitê de Ética da PUCRS. Os dados foram coletados em uma sala da própria Fase, e os adolescentes foram orientados a serem sinceros e tranquilizados quanto ao sigilo desses dados e a não utilização desses pelo juiz. Foram coletados dados da história do jovem, e com base nesta, o funcionamento familiar recebeu uma nota, conforme a GARF, por entrevistador familiarizado com o instrumento.

Com vistas à avaliação da rede social, os adolescentes foram convidados a criarem a sua rede social. Eles tiveram à disposição os adesivos e o mapa, proposto por Sluzki<sup>12</sup>, e foram questionados com as seguintes perguntas: “Quem são as pessoas importantes na tua vida?”, “Com quem podes contar?”, conforme sugestão de Sluzki<sup>12</sup>. Essa etapa foi gravada em fitas de áudio, já que foi um período de criação do adolescente em que ele fez colocações verbais, à medida que foi colando os adesivos no mapa. O entrevistador também auxiliou nesta montagem, com perguntas do tipo “Por que escolheste esta pessoa?”, “Qual é a função, o papel dessa pessoa na tua vida?”, “Como é essa pessoa? Que idade tem? Escolaridade? Trabalho?”. Colados os adesivos, os diferentes nós da rede social foram conectados, de forma graficamente diferenciada, conforme proposto por McGoldrick & Gerson<sup>18</sup>, que propuseram

representações diferenciadas para relações conectadas, separadas, aglutinadas, muito conectadas, conflitivas ou interrompidas. Terminado o mapa, foram feitas as perguntas do questionário proposto por Meneses<sup>13</sup>, de forma a enriquecer o mapa, e torná-lo mais fidedigno. As perguntas eram tais como “o que você acha do número de pessoas que compõem sua rede social?”, para avaliar ‘tamanho’; ou “o que você acha de como estão distribuídas as pessoas nos quadrantes?”, para avaliar ‘distribuição’, etc. Ou, com relação à dimensão funcional, perguntas como “quando você tem vontade de sair, a quem convida?”, para avaliar ‘companhia social’.

O instrumento de Avaliação da Medida de ICPAE foi aplicado levando em consideração, além da percepção do próprio interno, a de um representante da equipe técnica e da monitoria. Esses representantes foram escolhidos conforme a disponibilidade e a vontade desses profissionais; priorizaram-se como representantes aqueles que afirmaram conhecer bem o jovem, e ter maior tempo de convívio com o mesmo. Esses representantes responderam a um instrumento similar ao do adolescente, mas adaptado para as suas respostas. A equipe técnica é uma equipe formada por psicólogos, assistentes sociais e educadores e é responsável pela realização dos relatórios avaliativos dos adolescentes a cada audiência, bem como pelo contato com as famílias, com as escolas e pelas visitas domiciliares. Os monitores são funcionários que convivem no dia-a-dia com os menores, colocando limites e estabelecendo medidas disciplinares. Essas três visões foram levadas em consideração, tendo em vista que a visão única do adolescente seria de pouca confiabilidade, na medida em que eles poderiam temer que estas revelações viessem a julgamento (mesmo orientados do contrário).

No segundo momento, ao final da medida de ICPAE, o adolescente foi convidado a confeccionar um novo mapa da sua rede social. Também foi feita uma nova avaliação da sua medida de ICPAE, solicitando-se que refletisse sobre as diferenças entre os dois momentos.

## Resultados

Os dados da pesquisa serão apresentados caso a caso, e a ordem de apresentação será: o resumo da história do adolescente, a avaliação do funcionamento familiar, as notas quanto ao sucesso da medida de ICPAE no primeiro e no segundo momento e os Mapas da Rede Social, também de ambos os momentos. Todos os nomes dos sujeitos foram alterados para manter o sigilo.

### Adolescente Eduardo

O adolescente tem 18 anos e estudou até o 1º ano do ensino médio. Repetiu uma vez a 2ª, 3ª, 4ª e 6ª séries, segundo ele, devido a constantes mudanças de cidade da família. Afirma que começou a traficar aos 15 anos, por “curiosidade” e “adrenalina”. A família, segundo relato de Eduardo, teria descoberto suas atitudes ainda em 2003, quando ele recebeu medidas de liberdade assistida (LA) e programa de serviço à comunidade (PSC) por furto e agressão. Foi internado em unidade de dependência química, pela família, fugindo de lá seis meses após e voltando a traficar. Em abril de 2005, foi internado pela primeira vez na FASE por roubo qualificado, em medida de ISPAE. Após questionamento direto de quem seria sua família, Eduardo falou da mãe J., de 40 anos, e dos irmãos F. de 23, C. de 19, M. de 12 e R. de 02 anos.

A nota GARF de avaliação do funcionamento familiar ficou em 55, isto é, uma família com momentos de satisfação, mas com predomínio de relações insatisfatórias e de comunicação inviabilizada por conflitos não resolvidos. Apesar de haver algum calor e apoio entre os membros, há o sentimento, em Eduardo, de ser o preterido na família.

## AVALIAÇÕES DA MEDIDA DE ICPAE DE EDUARDO

No primeiro momento, Eduardo avaliou sua medida de ICPAE com nota 25, a equipe técnica, com nota 32 e a monitoria, 26, portanto, ele teve um ‘bom’ resultado em todas as avaliações. Ao final do período, Eduardo avaliou sua medida de ICPAE com nota 21, a equipe técnica, com nota 27 e a monitoria, 24. Portanto, todos os três deram uma nota inferior ao final da medida, sendo que o adolescente e a monitoria consideraram o desempenho do jovem ‘limítrofe’, só a equipe técnica o considerando ‘bom’.

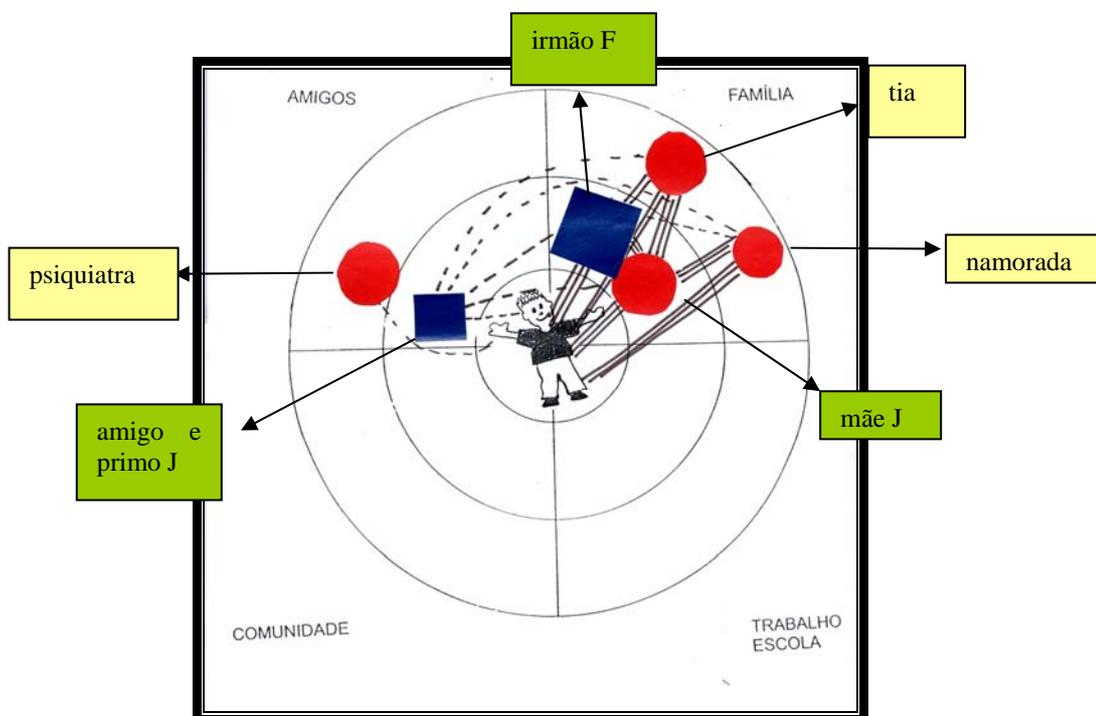
### Os mapas da rede social de Eduardo

Como se pode observar nos dois mapas, o tamanho se manteve praticamente o mesmo, sendo que no primeiro havia seis pessoas e, no segundo, sete. Também se manteve um predomínio de pessoas no quadrante ‘família’, com poucas pessoas no quadrante ‘amigos’. A psiquiatra da instituição perdeu espaço no segundo mapa, bem como o primo J. Já a irmã C., a tia e o pai foram lembrados, apenas no segundo momento, ainda que o pai, como um “amigo distante”.

Em ambas as avaliações, Eduardo considerou sua rede “pequena”, sentindo falta da escola (em greve) e do trabalho (que ainda não tinha) no primeiro momento. No segundo, relatou sentir-se sozinho, “como se ainda estivesse preso”. Ainda que no segundo momento estivesse trabalhando, não quis preencher o quadrante ‘trabalho’, afirmando não gostar de seu trabalho. Quando questionado, no primeiro momento, sobre o que achava da distribuição das pessoas em sua rede, afirmou sentir falta da ‘comunidade’. Quanto à ‘dispersão’, no primeiro momento, se sentia próximo fisicamente da namorada, da mãe, do irmão e do primo J.; no segundo, a mãe e a namorada (aqui chamada esposa) permaneceram, mas o primo J. foi substituído pelo irmão M. Quanto à ‘homogeneidade’, no começo, ele se considerava parecido com o primo J., mas, ao final, é a esposa quem surge como a mais parecida com ele.

A ‘companhia social’, que era também exercida pelo primo J., passa a ser exercida por “amigos” que ele não julgou suficientemente importantes para inserir em seu mapa. O apoio emocional, inicialmente, era dado pela mãe e pelo irmão, mas, ao final, ele considera não o ter de ninguém.

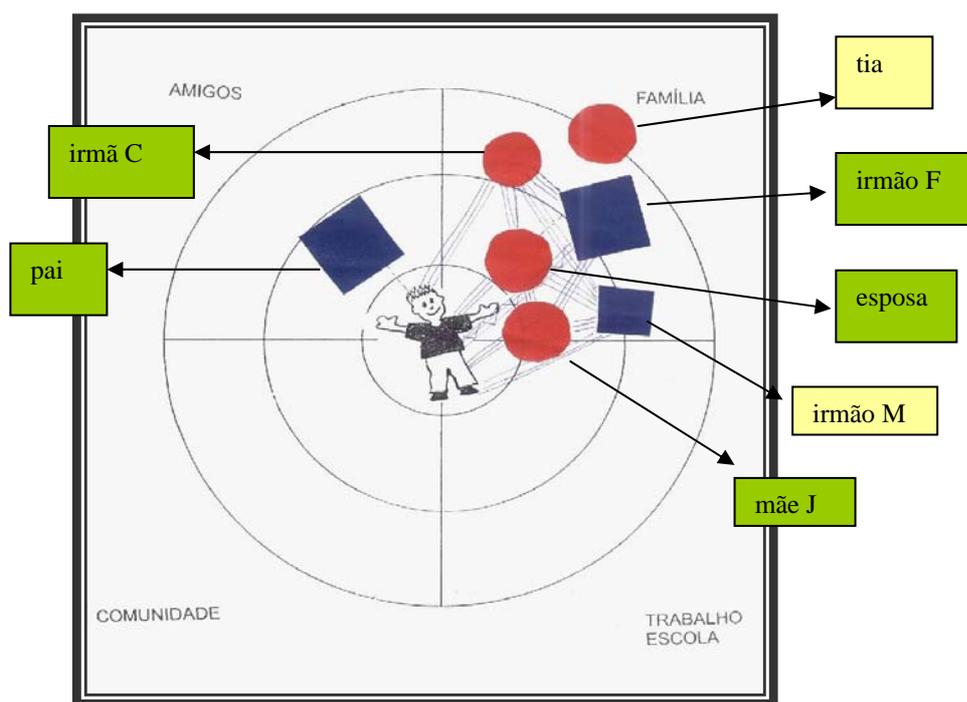
O papel de ‘guia cognitivo e conselheiro’ passam da mãe e da monitoria (embora não tenha querido inserir esta última no mapa) para a esposa. A regulação social, no começo da medida, era dada pelos remédios e pela psiquiatra da instituição, mas no segundo momento, passa a ser tarefa da esposa e da mãe. A ‘ajuda material e de serviços’ era dada, inicialmente, pelo irmão F. e pelo primo J., mas passa a ser fornecida pela mãe e esposa. A tia foi lembrada, nos dois momentos, como um contato religioso.



### ANTES

**Figura 11 – Mapa da rede social de Eduardo – Primeiro momento**

Em verde, os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os lembrados a partir da entrevista sobre o mapa.



### DEPOIS

**Figura 12 – Mapa da rede social de Eduardo – Segundo momento**

Em verde, os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os lembrados a partir da entrevista sobre o mapa.

#### Adolescente Tadeu

Tadeu tem 18 anos e estudou até o 1º ano do 2º grau. Seus pais se separaram há mais de 10 anos. O pai bebia e era muito agressivo, tanto com a esposa, quanto com seus filhos. Aos 14 anos, o jovem teve de cumprir PSC, em LA, por porte ilegal de arma. Em 2003, seu irmão mais velho foi morto por suspeita de roubo, por um grupo pertencente ao tráfico. Nesta mesma época, aos 15 anos, Tadeu foi encaminhado para um abrigo, através da Justiça, por encontrar-se em situação de conflitos agressivos com seu pai e de risco de morte na comunidade (tinha sido acusado de queimar uma casa). No entanto, neste período em que morou no abrigo, não ia ao trabalho, gazeava aulas, não visitava os familiares, fugia, usava drogas (como “loló” e “crack”), não cumprindo as normas da LA. Teve mais dois ingressos, de curto período, na Fase, em 2004, por arrombamento e descumprimento do PSC e, um mês depois, por porte ilegal de arma. Em 2005, teve o atual ingresso, por participação em roubo

qualificado, com regressão provisória da medida de meio aberto. Faz questão de dizer que o seu mapa da rede só é “pobre assim” desde o momento em que foi para o abrigo, se afastando da família, que só teria descoberto o envolvimento dele em atos ilícitos quando da primeira ocorrência policial, também há quatro anos. Afirma que, quando a mãe descobriu, ia visitá-lo no abrigo, para tentar dissuadi-lo de cometer crimes, sem obter sucesso.

Quando questionado diretamente sobre quem era a sua família, ele respondeu a mãe L. (38 anos), os cinco irmãos cujas idades variam entre 04 e 21 anos (dois do mesmo pai e mãe e três apenas da mesma mãe), a namorada E. (19 anos), e duas sobrinhas (02 e 04 anos), filhas de um irmão assassinado.

A nota GARF do funcionamento familiar foi 30, caracterizando, portanto, uma família claramente disfuncional, com presença de poder tirânico ou muito negligente, contato afetivo raramente satisfatório e conflitos não resolvidos.

#### AVALIAÇÕES DA MEDIDA DE ICPAE DE TADEU

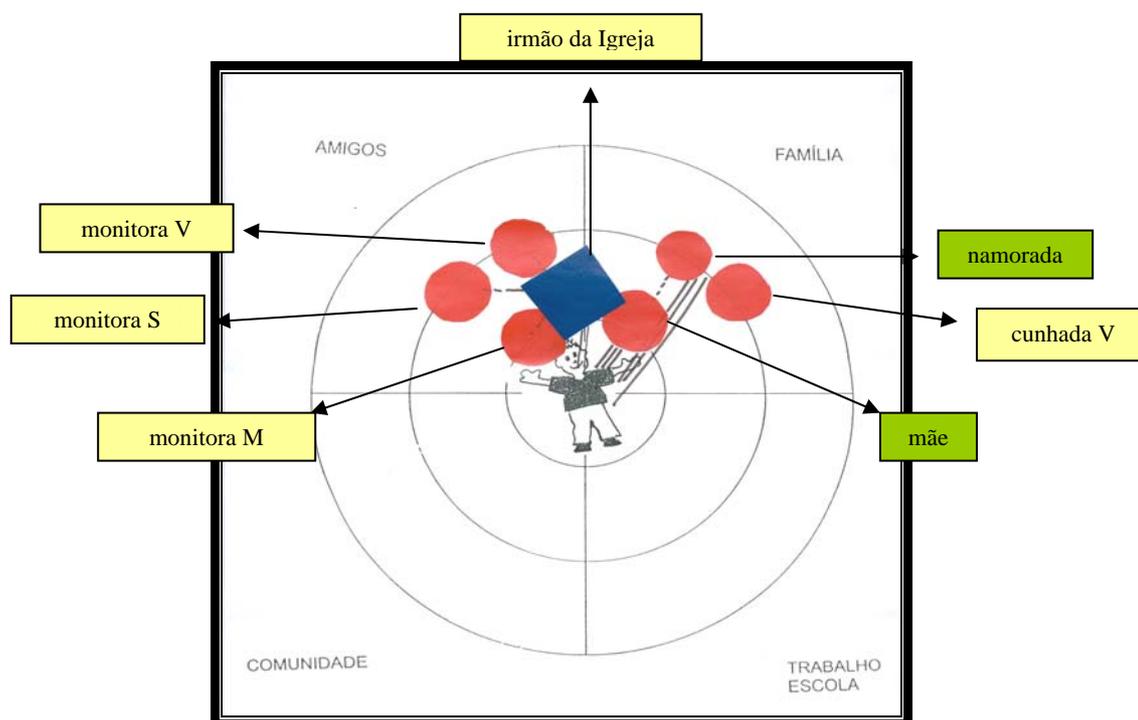
No primeiro momento, Tadeu avaliou sua medida de ICPAE com nota 26. Já a equipe técnica deu nota 27, e a monitoria, 21. Portanto, ele e a equipe técnica consideraram que ele estava tendo uma ‘boa’ medida, já a monitoria, a considerou ‘limítrofe’. No segundo momento, Tadeu avaliou sua medida com nota 24, a equipe técnica com nota 23 e a monitoria com nota 29. Portanto, houve uma inversão, e agora a equipe técnica, bem como o adolescente, passam a considerar seu desempenho ‘limítrofe’, enquanto a monitoria passa a achá-lo ‘bom’.

## Os mapas da rede social de Tadeu

Como se pode observar nos mapas, há uma diferença importante entre o primeiro e o segundo mapa do adolescente. No primeiro, ainda que seja um mapa pobre, ele conta com sete integrantes, e ocupa dois quadrantes, ‘família’ e amigos’. No segundo, mantêm-se apenas a mãe e a esposa. Os monitores da Fase, o irmão da Igreja, bem como a cunhada, perdem espaço no mapa.

Quanto à ‘distribuição’, embora o primeiro mapa tenha sido mais completo, ele, no início da medida, reclama o fato de a comunidade estar distante, de não ter amigos, nem trabalho, nem escola (em greve). Ao final da medida, apesar de ter apenas duas pessoas em sua rede, ele afirma não sentir falta de ninguém, e sentir-se mais próximo da comunidade, mas não inclui ninguém neste quadrante. Quanto à ‘dispersão’, ele, inicialmente, diz sentir-se próximo fisicamente da mãe e da namorada, mas depois, diz sentir a mãe distante, em função de morar em outra vila. Quanto à ‘homogeneidade’, a mãe se estabelece como a mais parecida com ele, “braba, irritada e nervosa”, em ambos os momentos.

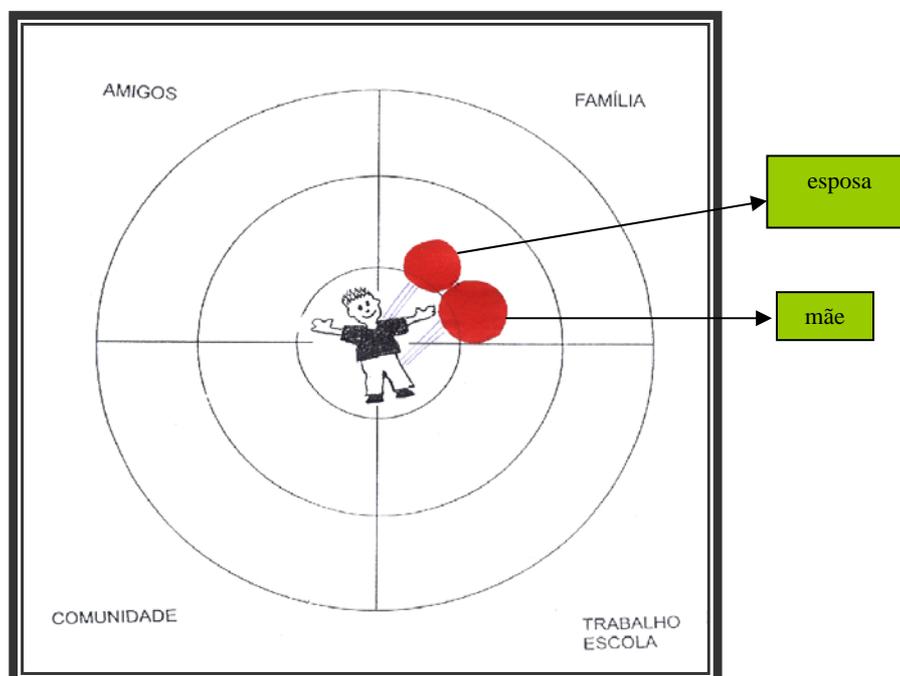
A ‘companhia social’ é a esposa no começo e ao final da medida. Afirma, nos dois momentos, não ter amigos. O quesito ‘apoio emocional’ não era preenchido por ninguém, e a esposa passa a exercê-lo no decorrer da medida. A ‘conselheira’ deixa de ser a mãe e a monitoria e passa a ser a esposa. A ‘regulação social’ era inicialmente um papel da monitoria, mas a esposa o assume. A ‘ajuda material’ que era feita pela mãe e pela cunhada, agora não é feita por ninguém. O irmão da Igreja foi lembrado inicialmente como um contato religioso, mas ele considera não ter alguém que exerça o papel de ‘acesso a novos contatos’ ao final da medida.



### ANTES

**Figura 13 – Mapa da rede social de Tadeu – Primeiro momento**

Em verde, os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os lembrados a partir das perguntas sobre o mapa.



### DEPOIS

**Figura 14 – Mapa da rede social de Tadeu – Segundo momento**

Em verde, os lembrados espontaneamente. Mesmo com a entrevista, ele não acrescentou mais ninguém.

### Adolescente Júnior

Júnior tem 18 anos e cursa o 1º ano do 2º grau. O adolescente afirma que está envolvido com o tráfico desde os 11 anos, mas que a mãe só teria descoberto quando ele já estava com 15 anos, quando ela o viu levando drogas para dentro de casa. Disse que, então, a mãe conversou com ele, “ela confiou em mim”. Acha que a mãe agiu de forma correta, mas diz ter continuado a traficar por “ambição”, “porque eu quis”. Seu primeiro ingresso na Fase foi aos 16 anos, quando recebeu PSC de 24 semanas por tráfico. Retornou à Fase em 2005, por porte ilegal de arma e de entorpecentes.

A família de Júnior é composta pela mãe S. (44 anos), pelo irmão A. (10 anos) e pelas irmãs D. (20 anos) e F. (15 anos). Todos os irmãos são filhos do mesmo pai e mãe, mas as irmãs D. e F. já não moram na mesma casa.

Através da GARF, o funcionamento familiar recebeu nota 45, isto é, uma família com momentos de satisfação, mas com predomínio de relações insatisfatórias e de comunicação inviabilizada por conflitos não resolvidos.

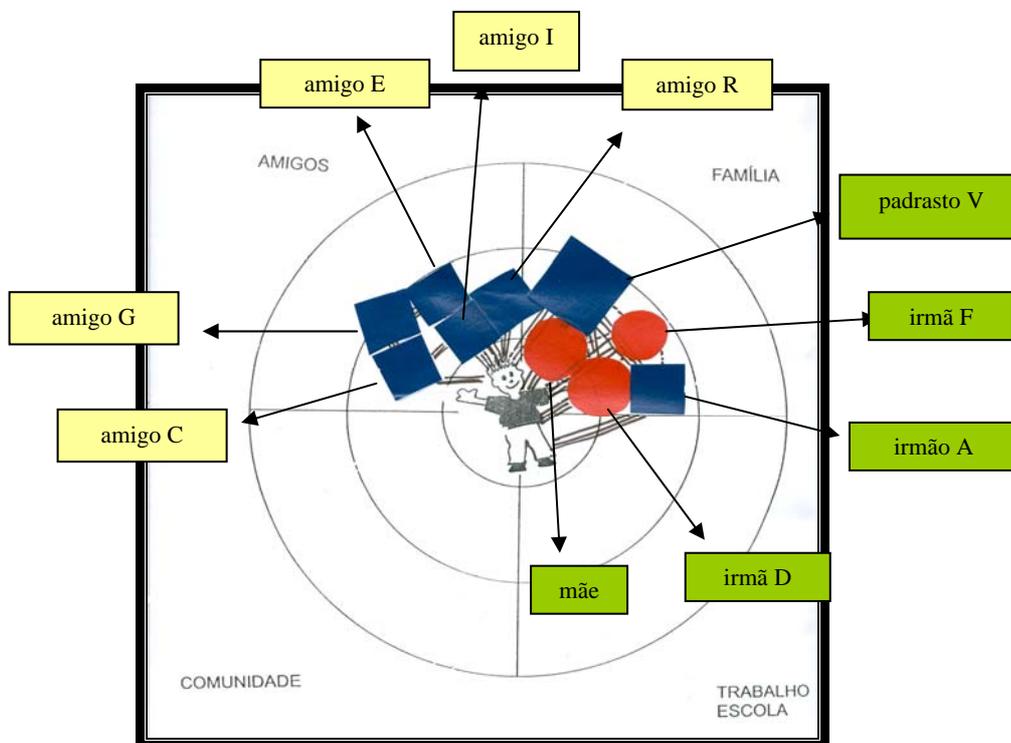
### AVALIAÇÕES DA MEDIDA DE ICPAE DE JÚNIOR

No início da ICPAE, Júnior avaliou a sua medida com nota 30, enquanto a equipe técnica deu nota 32, e a monitoria deu nota 21, mostrando um desempenho ‘bom’ conforme ele próprio e a equipe técnica e um desempenho ‘limítrofe’, segundo a monitoria. No entanto, todos os três, ao reavaliar seu desempenho, ao final da medida, deram notas significativamente mais baixas, sendo que Júnior se deu nota 22, que corresponde a uma nota ‘limítrofe’, a monitoria deu nota 17, também ‘limítrofe’ e a equipe técnica deu nota 16, considerada ‘ruim’.

### Os mapas da rede social de Júnior

Há um evidente empobrecimento do mapa da rede social deste jovem, ao longo de sua medida. Ainda que, inicialmente, ele tenha inserido indivíduos nos quadrantes ‘família’ e ‘amigos’, totalizando dez membros, ao final, seu mapa contabiliza apenas duas pessoas, sua mãe e sua namorada, ambas inseridas no quadrante ‘família’.

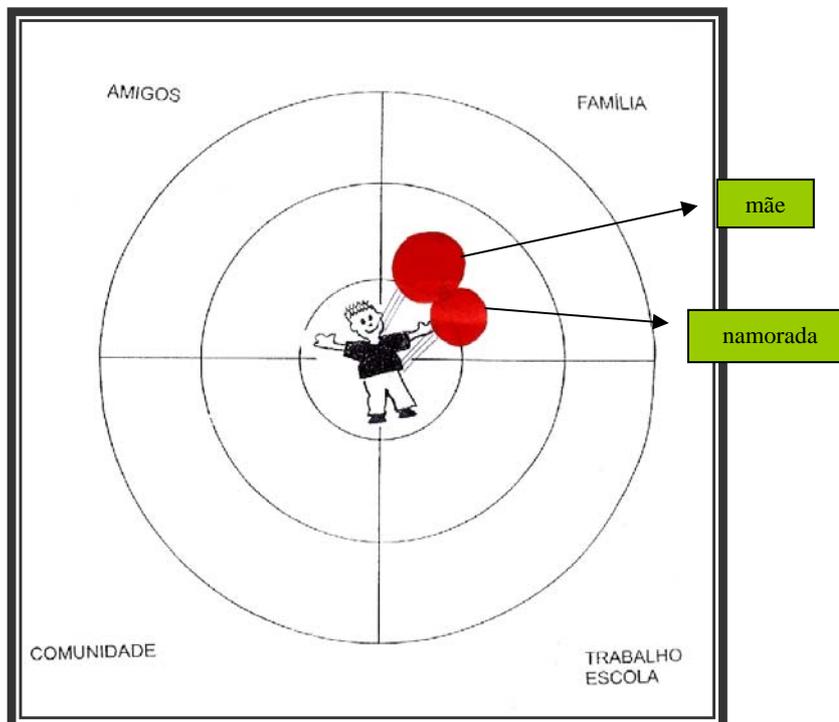
Júnior terminou a confecção do primeiro mapa o julgando com “grande número de pessoas”. Quando questionado quanto ao ‘tamanho’ do seu mapa no segundo momento, ele disse “está bom assim”. Quanto à ‘distribuição’ das pessoas nos mapas, ele disse, inicialmente, achar “bem distribuído” e, ao final, afirmou não se importar com isso. Sentia-se próximo, fisicamente, das pessoas do mapa, em ambos os momentos. Ele se considerava, no começo, parecido com a irmã D. e diferente da mãe, em termos de temperamento. Já na segunda avaliação, se disse parecido com sua mãe e diferente de sua namorada. Revelou-se muito confuso nesta avaliação da ‘homogeneidade’ da rede.



### ANTES

**Figura 5 – Mapa da rede social de Júnior – Primeiro momento**

Em verde os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os mencionados a partir da entrevista.



### DEPOIS

**Figura 6 – Mapa da rede social de Júnior – Segundo momento**

Em verde os lembrados espontaneamente. Não acrescentou ninguém a partir da entrevista.

As ‘companhias sociais’ de Júnior eram os amigos e, no decorrer da medida, ele disse não mais as ter. O ‘apoio emocional’ é dado, primeiramente, pela mãe, depois passa a ser papel da namorada. A ‘conselheira’ é inicialmente a mãe, mas no segundo momento, ele disse não pedir conselhos a ninguém. A ‘regulação social’ não é exercida por ninguém, apenas por ele mesmo, nos dois momentos.

A ‘ajuda material’ vem, em princípio, dos amigos e a ‘ajuda de serviços’ do irmão e da mãe, mas, ao final, ele considera não ter ninguém com quem contar nestes quesitos. O ‘acesso a novos contatos’, embora feito inicialmente pela família e pelos amigos, não é facilitado por ninguém ao final da medida.

#### O adolescente Bernardo

Bernardo tem 18 anos e parou de estudar na 8ª série do 1º grau. Repetiu a 1ª série, por ser muito “tímido”, e a 3ª série, porque “não prestava atenção”. Aos oito anos, teve de interromper os estudos para trabalhar com seus pais na lavoura. Ele afirmou que, com 11-12 anos, começou a se revoltar com o pai, porque trabalhava para ajudá-lo, mas o pai se mostrava sempre insatisfeito com o que ele fazia, o criticava e não o recompensava pelo seu esforço. Teve outros trabalhos e, com 16 anos, começou a roubar. Dava o dinheiro para a mãe e, então, passou a se sentir valorizado. A irmã A. e o irmão I., desconfiados da origem do dinheiro, e descobrindo balas de revólver entre suas coisas, falaram para a mãe o que haviam encontrado. A mãe pensou em acionar o conselho tutelar, passou a proibi-lo de sair para a vila, o irmão ameaçou não o ajudar mais. Bernardo começou a trabalhar e vendeu sua arma. Teve vários trabalhos, mas diz ter sido estimulado pelos amigos a voltar a roubar. Em 2005, ingressou na Fase por roubo qualificado.

A sua família foi descrita como sendo a mãe, o pai, os nove irmãos (V. de 2 anos, E. de 7 anos, L., M., C. de 15 anos, K. de 19 anos, A. de 22 anos, I. de 23 anos), dois sobrinhos (G. de 1 mês e D. de 2 anos), a cunhada (F.), e o cunhado (R.).

A família recebeu uma nota de funcionamento 61. Assim, o padrão de relacionamento familiar é de alguma forma insatisfatório, mas há resolução sem grandes frustrações e conflitos para os problemas e presença de relações afetivas de amor e respeito.

### AVALIAÇÕES DA MEDIDA DE ICPAE DE BERNARDO

Inicialmente, Bernardo avaliou sua medida de ICPAE com nota 29, a monitoria deu nota 31 e a equipe técnica, 32, portanto, as três notas são compatíveis com um ‘bom’ cumprimento de medida. As notas permaneceram praticamente as mesmas, ao final da medida, sendo que Bernardo se deu nota 28, e tanto a monitoria como a equipe técnica deram 32, portanto, mantiveram-se todas as três notas ‘boas’.

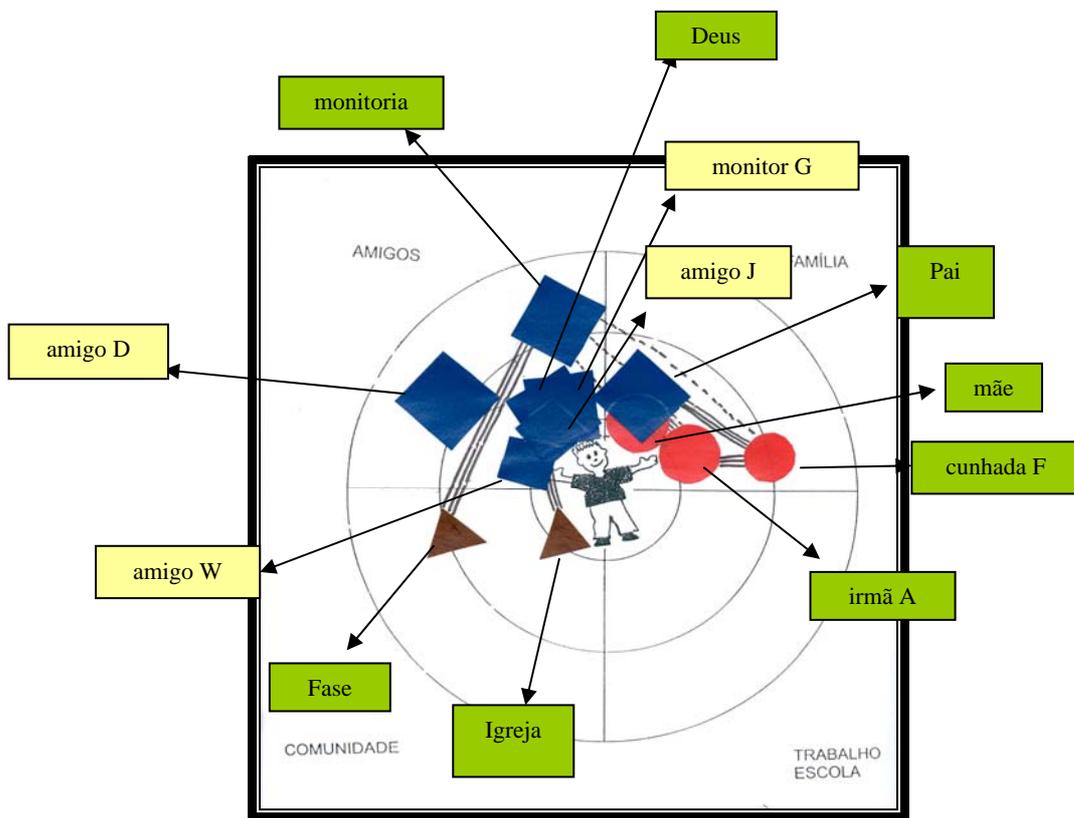
#### Os mapas da rede social de Bernardo

Bernardo foi o adolescente que mostrou o mapa mais completo, do início ao final da medida, com 12 integrantes na primeira entrevista e 09, na segunda. Foi o único adolescente que preencheu outro quadrante além do ‘família’ e ‘amigos’, inserindo, nos dois momentos, instituições ou pessoas no quadrante ‘comunidade’. Foi o único também a lembrar de inserir instituições, e que acrescentou no mapa, de forma espontânea, a Fase. Além disso, Bernardo foi o único a manter representantes da Fase em seu mapa ao final da medida.

Ele, como a maioria dos internos pesquisados, disse, inicialmente, querer poder contar com uma rede maior. Depois, percebeu que a rede havia se reduzido, e disse ter se arrependido de ter contado com algumas pessoas que o decepcionaram. Bernardo considerou boa a distribuição de seu mapa. Via-se próximo fisicamente dos pais e afastado da irmã e da

cunhada e, ao final, mantinha esta impressão da irmã e da cunhada e se ressentia de estar fisicamente afastado também da psiquiatra da instituição, bem como da filha, que descobriu ter durante a medida. Acredita ser diferente da família, e afirma que eles “fogem dos problemas”. No entanto, dá a impressão, a partir de seu discurso que, na verdade, a família seria mais resignada e aceitaria melhor que ele as próprias dificuldades. No segundo momento, se diz identificado com o irmão V., de dois anos, com a filha, de um ano, e com um vizinho que, como ele, já esteve preso, mas que, há mais de dez anos, abandonou o crime.

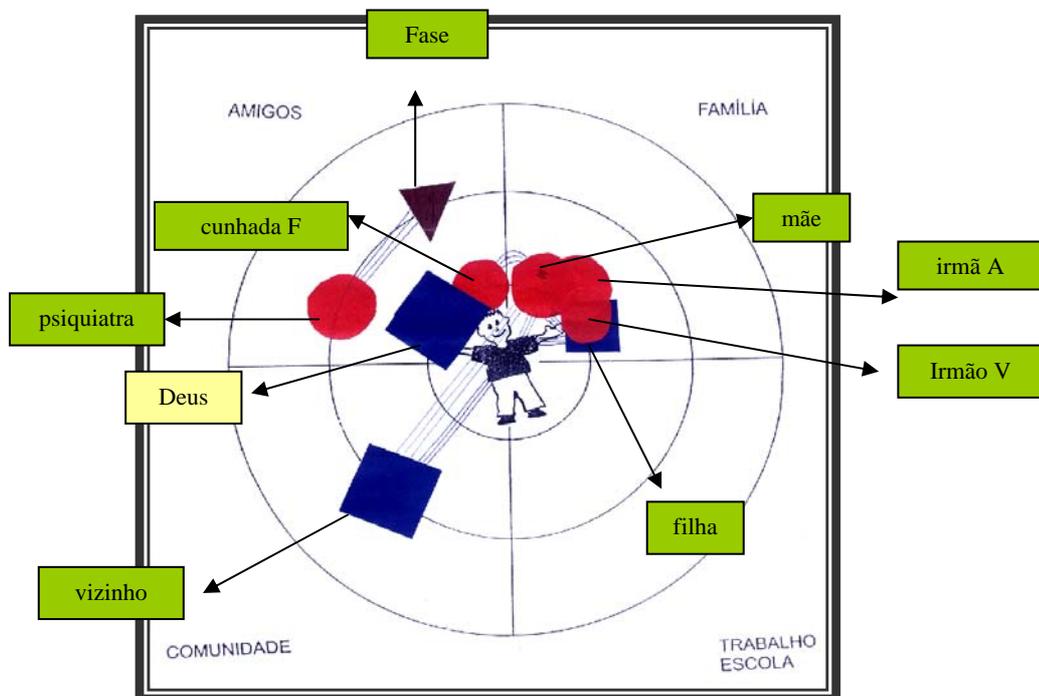
As companhias sociais foram, inicialmente, os amigos J. e W., mas, ao final da medida, ele nega que alguém exerça este papel. O ‘apoio emocional’ era dado pelo monitor G. e passa a ser papel do irmão V. O ‘conselheiro’, inicialmente, também era o monitor G., mas ele coloca, na segunda entrevista, Deus e a psiquiatra da instituição como exercendo esta função. Primeiramente, ele disse não precisar de um ‘regulador social’, mas ao final da medida, afirma que quem o auxilia neste aspecto é Deus e a mãe. A ‘ajuda material’ era fornecida pela mãe e a ‘ajuda de serviços’ pela cunhada, mas, posteriormente, seu irmão K. é o responsável por esta ajuda. O ‘acesso a novos contatos’ se dava através do amigo D. e da mãe, mas, por fim, ele acredita que se dê pela sua filha.



**ANTES**

**Figura 7 – Mapa da rede social de Bernardo - Primeiro momento**

Em verde os lembrados espontaneamente e, em amarelo, os lembrados a partir da entrevista sobre o mapa.



**DEPOIS**

**Figura 8 – Mapa da rede social de Bernardo - Segundo momento**

## **Análise dos Resultados**

Avaliando os resultados de forma comparativa e com vistas a uma maior compreensão deste fenômeno, nos quatro casos estudados percebe-se que quase todas as redes se reduziram de tamanho. No início da medida, o total de membros dos mapas variaram entre 06 e 12, o que é baixo comparando-se com os mapas da rede social obtidos por Ceolin<sup>7</sup>, constituídos por 12 a 32 membros. No entanto, a amostra de Ceolin foi de adolescentes infratores que cumprem PSC, sem restrição da liberdade, do que se poderia hipotetizar que a restrição da liberdade acaba por reduzir o tamanho da rede social, o que parece razoável. Contudo, surpreendentemente, excetuando-se o caso de Eduardo, os mapas de rede reduziram-se de tamanho, ao final da medida de ICPAE, para 02 a 09 membros. Os próprios jovens explicaram este achado alegando terem se decepcionado com as pessoas em quem confiavam. Sentiam-se arrependidos por terem sido sinceros e por terem solicitado apoio de algumas pessoas. Uma vez que houve uma redução do tamanho da rede ao longo do movimento de saída da instituição para a comunidade, o mais provável é que haja, neste momento, a ruptura de um processo de idealização do externo, processo este desencadeado pelo forçado afastamento.

Nenhum dos quatro adolescentes avaliados preencheu o quadrante ‘trabalho e escola’, em nenhum dos momentos. Os adolescentes justificaram estes achados, no primeiro momento, dizendo que, como as escolas estavam em greve, eles não estavam tendo aulas. No segundo momento, justificaram dizendo não estarem estudando, visto terem trabalho; ou não julgarem a escola suficientemente importante para incluí-la, mesmo estudando.

Quanto ao trabalho, no começo da medida, afirmaram não estarem trabalhando, o que pode ser compreendido pelo fato de terem progredido para ICPAE recentemente e porque, antes, estavam totalmente fechados na instituição, o que inviabilizava o trabalho. No entanto,

no segundo momento, três deles estavam trabalhando, e mesmo assim não incluíram o trabalho em seus mapas, afirmando ou não gostarem do trabalho, ou não o considerarem suficientemente importante para incluí-lo.

A não-centralização do mapa da rede social e uma relação próxima e direta entre seus membros seriam indicadores de uma maior prontidão dessa rede, no sentido de prevenir problemas comportamentais em adolescentes (Feinberg et al.<sup>19</sup>). No entanto, observa-se a centralização dos mapas, já no começo, mas principalmente, ao final da medida. No primeiro momento, apesar dos mapas aqui apresentados contarem com membros, de modo geral, próximos, as redes foram centralizadas nos quadrantes ‘amigos’ e ‘família’ do mapa. Este resultado vai ao encontro da pesquisa de Assis<sup>20</sup>, cujos sujeitos foram adolescentes infratores em regime de liberdade ou semiliberdade (do Rio de Janeiro e de Pernambuco), e que encontrou que a confiança da maioria dos entrevistados recai quase que exclusivamente sobre a família, aparecendo, em seguida, os amigos e Deus. Um único adolescente (Bernardo) preencheu o quadrante ‘comunidade’, mas ainda assim, o fez esvaziado quando comparado aos demais quadrantes ‘família’ e amigos’.

No segundo momento, a centralização na família tornou-se ainda mais evidente, sendo que o Júnior e o Tadeu resumiram seus mapas ao quadrante ‘família’. No caso de Eduardo, o único membro inserido fora deste quadrante foi seu pai, que apesar de ser familiar, foi considerado um amigo, por ser separado da mãe e distante da família. Bernardo, ainda que não tenha aumentado o número de familiares em seu mapa, reduziu o número de membros nos demais quadrantes. E vale ressaltar que, ainda que ele tenha inserido membros no quadrante ‘amigos’, estes claramente não são pares. Nota-se que justamente o jovem Bernardo que teve o melhor funcionamento familiar, bem como o mapa mais completo e com melhor distribuição em ambos os momentos, foi o que apresentou o melhor desempenho na

medida de ICPAE em ambos os momentos. Portanto, este resultado reforça o papel da rede social e da família como importantes fatores de proteção.

Entre todos os casos analisados, inicialmente, a importância da família - concluída pela ordem de inserção no mapa e pela proximidade com o jovem - estava centrada na figura da mãe (sempre a primeira lembrada) e dos irmãos, com um posicionamento paterno periférico. Quanto aos irmãos, ou foram trazidos todos para o mapa, ou apenas um mais velho, que parece assumir um papel de auxiliar da mãe no cuidado com os irmãos mais novos. No entanto, no segundo momento, a namorada e a mãe foram consideradas as figuras mais importantes, mesmo no caso de namoradas recentes, como a de Júnior.

Embora a família ainda seja a instituição que os jovens acreditam poder ajudá-los, esta mostrou-se extremamente fragilizada, vulnerável e com pouca capacidade de atuação. As notas de funcionamento familiar foram baixas, não passando de 61. Um dos aspectos que foi avaliado, através da GARF, foi a expressão de sentimentos. Os adolescentes, de modo geral, falaram da dificuldade de se abrir com a família, de falar das suas dificuldades e de pedir ajuda a eles. Parece evidente que a prevenção e o tratamento da delinquência passam pelo diálogo aberto, pela escuta atenta e pela resposta direta.

Praticamente todos os jovens entrevistados falaram da influência dos pares na iniciativa do ato delinqüente, bem como do ressentimento com estes amigos, que só se apresentaram enquanto parceria para uso de drogas e para a prática de atos delinqüentes, mas que “sumiram” quando deste momento de dificuldade, com restrição da liberdade e afastamento da família. Talvez por isso, apenas dois dos quatro adolescentes tenham incluído pares, no quadrante ‘amigos’, em seus primeiros mapas, o Bernardo e o Júnior. O amigo J., de Eduardo, não foi considerado, já que ele é primo e convive com o Eduardo desde os 2 anos, claramente não tendo um papel exclusivo de “parceria” para atos infracionais. Com relação

aos amigos colocados por Bernardo e Júnior, não se sabe, ao certo, que papel eles estavam representando na vida de cada um deles. Ambos negam que eles tenham sido parceiros para atos delinquentes ou para uso de drogas, mas considerando a cultura de “não alcagüetar os parceiros”, é bem provável que o tenham omitido. O fato é que um mapa com pares de comportamento desviante é associado com maior frequência de comportamento anti-social entre os adolescentes, em vários contextos (Heinze et al.<sup>22</sup>; Kiesner et al.<sup>23</sup>). Ceolin<sup>7</sup> ao avaliar o mapa da rede social de adolescentes infratores, encontrou um predomínio de pessoas no quadrante ‘amigos’, o que, neste estudo, se verificou apenas no adolescente Bernardo. No entanto, naquela pesquisa, a amostra era de adolescentes que cumpriam PSC, não tendo privação de liberdade como os adolescentes do vigente estudo. Parece que naquele, os adolescentes estavam em um período anterior ao deste, em um período ainda de identificação e parceria com os amigos. Já neste momento de internação, predominam a decepção com os pares e a desconfiança dos amigos. Esta desconfiança e afastamento dos pares se confirmam e se reforçam no segundo momento, onde três jovens afirmam não terem ‘companhias sociais’ importantes, apenas Tadeu tendo citado alguém, ainda que a esposa, como exercendo este papel.

Embora a psiquiatra possa ter sido incluída para responder a uma expectativa imaginada pelo adolescente, já que a psiquiatra é uma das pesquisadoras, os monitores não estavam incluídos diretamente na pesquisa e desenvolvem um trabalho à parte do trabalho da equipe da saúde. Além disso, é bastante comum que os adolescentes façam críticas de um segmento da casa para outro (por exemplo, critiquem a monitoria para a equipe técnica, ou para o setor de saúde), o que torna ainda mais valioso o fato de os monitores terem sido lembrados e trazidos de forma positiva para uma psiquiatra da casa. Na primeira entrevista, a lembrança dos funcionários da Fase se deu uma única vez de forma voluntária, ainda que desta vez tenha sido feita de forma geral (“monitoria”). As lembranças de nomes específicos

ocorreram quando das seguintes perguntas: “Você precisa recorrer a alguém que te ajude a colocar limites e a ver formas de solucionar conflitos com outros?” (quesito ‘regulação social’), além das questões “Quando você precisa de alguém que ajude a levantar o moral, quem o faz?” (quesito ‘apoio emocional’) ou “quando você precisa de conselhos, a quem solicita?” (quesito ‘conselheiro’). Isso mostra mais claramente qual o papel que os funcionários da Fase têm exercido para estes jovens. A presença em um mapa de um irmão da Igreja é algo significativo. Ainda que não se trate de um funcionário da Fase, os encontros com representantes religiosos acontecem de forma regular nesta instituição, mostrando aqui a sua importância. Aliás, assim como na pesquisa de Assis (1999), a religião surge direta ou indiretamente em três dos quatro mapas – através da tia religiosa, do irmão da Igreja e, finalmente, no caso de Bernardo, através da figura direta de Deus e da Igreja.

Comparando-se os dois momentos, observa-se um afastamento da Fase - seja como instituição ou representada por seus funcionários - do mapa destes jovens, o que é natural, considerando-se a redução do tempo de convívio. Bernardo representa a exceção ao trazer a Fase para o seu segundo mapa.

No entanto, o que é alarmante é o fato de não haver um enriquecimento do mapa a partir do convívio com aqueles sujeitos da comunidade. O movimento compensatório esperado de afastamento da instituição e de aproximação da comunidade, do trabalho, da escola e dos amigos, não se verificou. Com relação aos amigos, pode significar um distanciamento dos parceiros do crime, o que poderia ser encarado como um dado positivo, mas e quanto às demais áreas? Talvez seis meses não seja um tempo suficiente para que se tecam estas novas teias da rede, ou pelo menos, para que se confie em seus novos integrantes a ponto de considerá-los. De qualquer forma, parece evidente tratar-se de um período especialmente vulnerável, em que esses jovens mostram sentirem-se sozinhos e, mesmo assim, é um período em que o Estado não oferece nenhum programa especial de

acompanhamento, o que poderia explicar as altas taxas de reincidência. Ainda mais quando se observa que dois dos sujeitos aqui pesquisados consideraram não terem ‘ajuda material’ ao final da medida, o que certamente incentiva o retorno à prática de assaltos e roubos. A necessidade desta atenção especial torna-se ainda mais evidente quando se considera o desempenho na medida, já que a maioria das notas sofreu quedas ao longo do período, com exceção de Bernardo.

A droga, seja pelo seu uso, seja pela sua venda, esteve presente também na vida de 3 dos 4 adolescentes. Estes dados vão ao encontro dos estudos de Husler et al.<sup>10</sup>, Stouthamer-Loeber et al.<sup>6</sup>, Windle & Mason<sup>9</sup> e mostram a importância deste programa, aqui preconizado, visar, entre outros, à dependência química.

## **Conclusões**

A intervenção psicossocial no adolescente ICPAE está claramente deficitária. Urge que se estabeleça um programa voltado especialmente para os adolescentes inseridos nesta condição.

Conclui-se o quão importante é que se implantem medidas educativas e laborais mais significativas para esses internos, bem como que se desenvolvam atividades comunitárias. Essas os tornariam mais cientes do seu papel social, da repercussão da sua atitude na vida dos demais.

Também se ressalta a importância do resgate de uma figura paterna mais valorizada para estes internos. O acompanhamento familiar especializado poderia auxiliar neste processo, bem como na melhoria do funcionamento familiar desses jovens.

O trabalho de líderes religiosos poderia ser ampliado e intensificado, já que parece algo importante para os adolescentes, e protetor quanto ao uso de drogas. O tratamento da dependência química parece fundamental neste contexto, pela frequência, gravidade e impacto no ato delinqüente.

Os instrumentos aqui utilizados são de fácil aplicação, sendo que seu uso sistemático pelos técnicos da Fase poderia auxiliá-los, clareando a real condição psicossocial de cada adolescente, o que facilitaria inclusive a reflexão quanto ao benefício das saídas e o estabelecimento de prioridades em nível de intervenção. Faz-se necessário um trabalho de assessoramento e instrumentalização dos profissionais da área.

Propõe-se que estudos posteriores possam utilizar este mesmo procedimento após o desligamento completo da instituição, de forma que se possa esclarecer como se comportam suas redes nesta nova etapa.

## **Referências**

1) Valdés M, Serrano T, Rodríguez J, Roizblatt A, Florenzano R, Labra JF. Características del funcionamiento familiar que predicen conductas de riesgo en adolescentes y sus familias.

*Cuad Méd Soc* 1997; XXXVIII(4):14-21.

2) Markiewicz D, Doyle AB, Brendgen M. The quality of adolescents' friendships: associations with mothers' interpersonal relationships, attachments to parents and friends, and prosocial behaviors. *J Adolesc* 2001; 24(4):429-45.

- 3) Laible DJ, Carlo G, Roesch SC. Pathways to self-esteem in late adolescence: the role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviours. *J Adolescence* 2004; 27(6):703-16.
- 4) McElhaney KB, Immele A, Smith FD, Allen JP. Attachment organization as a moderator of the link between friendship quality and adolescent delinquency. *Attach Hum Dev* 2006; 8(1):33-46.
- 5) Caputo RK. Parent religiosity, family processes, and adolescent outcomes. *Fam Soc* 2004; 85(4):495-510.
- 6) Stouthamer-Loeber M, Wei E, Loeber R, Masten AS. Desistance from persistent serious delinquency in the transition to adulthood. *Development and Psychopathology* 2004; 16:897-918.
- 7) Ceolin L. *A Construção dos Vínculos Afetivos e Sociais do Adolescente em Conflito com a Lei* [dissertação]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2003.
- 8) Davis C, Tang C, Ko J. The impact of peer, family and school on delinquency. *Int Social Work* 2004; 47(4):489-502.
- 9) Windle M, Mason WA. General and specific predictors of behavioral and emotional problems among adolescents. *J of Emotional and Behavioral Disorders* 2004; 12(1):49-61.
- 10) Husler G, Plancherel B, Werlen E. Psychosocial predictors of cannabis use in adolescents at risk. *Prev Sci* 2005; 6(3):237-44.
- 11) Stake R. In: Denzin NK, Lincoln YS. *Handbook of Qualitative Research*. USA: Sage, 2005.

- 12) Sluzki CE. *La Red Social: Frontera de la Pratica Sistêmica*. Barcelona: Gedisa; 1996.
- 13) Meneses MPR. *A Construção de Redes Sócio-Familiares de Famílias Imigrantes Hispano-Americanas* [tese]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2004.
- 14) Kaslow F. History, rationale and philosophic overview of issues and assumptions. In: *Handbook of relational diagnosis and dysfunctional family patterns*. New York: John Wiley & Sons; 1996.
- 15) Falceto OG, Busnello ED, Bozzetti EMC. Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. *Rev Panamericana de Salud Pública/Pan Am J Pub Health* 2000; 7(4):255-63.
- 16) Tucci AM, Kerr-Côrrea F, Dalben I. Ajuste Social em Pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar, Unipolar, Distímia e Depressão Dupla. *Rev Bras Psiquiatr* 2001; 23(2).
- 17) Diretoria Sócio-Educativa da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor/RS (Ed.). *Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas de Internação e Semiliberdade – PEMSEIS*. Porto Alegre: Fase/RS, abr 2002.
- 18) McGoldrick M, Gerson R. *Genogramas em la evaluación familiar*. Barcelona: Gedisa; 2003.
- 19) Feinberg ME, Riggs NR, Greenberg MT. Social networks and community prevention coalitions. *J Prim Prev* 2005, 26(4):279-98.
- 20) Assis SG, Souza ER. Criando Caim e Abel - Pensando a prevenção da infração juvenil. *Rev C S Col* 1999; 4(1).

- 21) Heinze HJ, Toro PA, Urberg KA. Antisocial behavior and affiliation with deviant peers. *J Clin Child Adolesc Psychol* 2004; 33(2):336-46.
- 22) Kiesner J, Poulin F, Nicotra E. Peer relations across contexts: individual-network homophily and network inclusion in and after school. *Child Dev* 2003; 74(5):1328-43.

## Considerações finais

Este estudo atingiu o objetivo de avaliar em profundidade, longitudinalmente, cinco casos de adolescentes em medida de ICPAE, sendo que a análise dos dados desses sujeitos trouxe conclusões importantes. No entanto, esta pesquisa teve limitações. Apesar de os casos mostrarem-se muito semelhantes no que diz respeito ao empobrecimento da rede social, bem como do desempenho ao longo da medida de ICPAE, somente um estudo quantitativo poderia trazer a certeza estatística desta tendência.

Além disso, foram pesquisados apenas sujeitos do CASE POA II, considerada uma unidade da Fase com adolescentes de perfil menos agravado. Portanto, não podemos generalizar estes dados como sendo os da Fase-RS. Supõe-se que, nos demais CASES, a rede social e o funcionamento familiar se revelem ainda mais pobres, bem como o desempenho na medida.

Também a avaliação do desempenho da medida dos adolescentes teve de ser feita por diferentes monitores e técnicos, no início e ao final da medida. Isto porque o monitor mais próximo de determinado adolescente no começo da medida já não era, necessariamente, o mesmo ao final. Portanto, privilegiou-se a entrevista com aquele que se dizia mais próximo e com maior contato com o mesmo, o que pode ter determinado uma mudança na nota da medida de ICPAE pelo simples fato de ter havido uma troca do monitor em pesquisa.

O fato de a pesquisadora ser funcionária desta Instituição provavelmente influenciou na sua presença em dois mapas, o que pode estar exagerando sua importância. No entanto, a proximidade com esta entrevistadora, em função de seu

cargo de psiquiatra, pode ter tornado o processo de construção do mapa algo mais natural e fácil para eles.

Para finalizar, a primeira medida de ICPAE costuma ter esta duração de seis meses, mas esta medida pode ser prorrogada por mais tempo. Seria importante que estudos posteriores elucidassem como os mapas se constituem durante este período posterior aos seis meses, seja ainda durante o ICPAE, seja durante a medida de LA, bem como no período de extinção da medida.